

Narrar a si mesmo no ciberespaço:



PÂMELLA ROCHELLE ROCHANNE
DIAS DE OLIVEIRA

Narrar a si mesmo no ciberespaço:

*SUBJETIVIDADE E ESCRITA
ÍNTIMA NO BLOG CEM HOMENS*



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern– Eduern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária da Uern - Eduern

Jacimária Fonseca de Medeiros

Chefe do Setor de Editoração da Editora Universitária da Uern - Eduern

Emanuela Carla Medeiros de Queiros



Conselho Editorial das Edições UERN

Edmar Peixoto de Lima

Emanuela Carla Medeiros de Queiros

Filipe de Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Capa e Diagramação

Lucas Gabriel Fernandes Nunes

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Oliveira, Pâmella Rochelle Rochanne Dias de.

Narrar a si mesmo no Ciberespaço: subjetividade e escrita íntima no blog Cem homens [recurso eletrônico]. / Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira – Mossoró, RN: Edições UERN; FAPERN, 2023.

117 p.

ISBN: 978-85-7621-456-4 (E-book).

1. Etnografia virtual. 2. Cibercultura – Ambiente virtual. 3. Identidade e subjetividade. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 303

Bibliotecário: Aline Karoline da Silva Araújo CRB 15 / 783

Editora Filiada á



Meus amigos e minhas amigas,

O Projeto Institucional de Fortalecimento de Ações de Divulgação e Popularização da Ciência nos Territórios do RN, pelo qual foi possível a edição de todas essas publicações digitais, faz parte de uma plêiade de ações que a **Fundação de Amparo à Ciência, Tecnologia e Informação do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN)**, em parceria, nesse caso, com a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN), vem realizando a partir do nosso Governo.

Sempre é bom lembrar que o investimento em ciência auxilia e enriquece o desenvolvimento de qualquer Estado e de qualquer país. Sempre é bom lembrar ainda que inovação e pesquisa científica e tecnológica são, na realidade, bens públicos que têm apoio legal, uma vez que estão garantidos nos artigos 218 e 219 da nossa Constituição.

Por essa razão, desde que assumimos o Governo do Rio Grande do Norte, não medimos esforços para garantir o funcionamento da FAPERN. Para tanto, tomamos uma série de medidas que tornaram possível oferecer reais condições de trabalho. Inclusive, atendendo a uma necessidade real da instituição, viabilizamos e solicitamos servidores de diversos outros órgãos para compor a equipe técnica.

Uma vez composto o capital humano, chegara o momento também de pensar no capital de investimentos. Portanto, é a primeira vez que a FAPERN, desde sua criação, em 2003, tem, de fato, autonomia financeira. E isso está ocorrendo agora por meio da disponibilização de recursos do PROEDI, gerenciados pelo FUNDET, que garantem apoio ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e inovação (CTI) em todo o território do Rio Grande do Norte.

Acreditando que o fortalecimento da pesquisa científica é totalmente perpassado pelo bom relacionamento com as Instituições de Ensino Superior (IES), restabelecemos o diálogo com as quatro IES públicas do nosso Estado: UERN, UFRN, UFERSA e IFRN. Além disso, estimulamos que diversos órgãos do Governo fizessem e façam convênios com a FAPERN, de forma a favorecer o desenvolvimento social e econômico a partir da Ciência, Tecnologia e Inovação (CTI) no Rio Grande do Norte.

Por fim, esta publicação que chega até o leitor faz parte de uma série de medidas que se coadunam com o pensamento – e ações – de que os investimentos em educação, ciência e tecnologia são investimentos que geram frutos e constroem um presente, além, claro, de contribuírem para alicerçar um futuro mais justo e mais inclusivo para todos e todas!

Boa leitura!

Boa leitura e bons aprendizados!



Fátima Bezerra

Governadora do Rio Grande do Norte



Parceria pelo

Desenvolvimento Científico do RN



A Fundação de Amparo à Ciência, Tecnologia e Informação do Estado do Rio Grande do Norte (FAPERN) e a Fundação Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (FUERN) sentem-se honradas pela parceria firmada em prol do desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação. A publicação deste livro eletrônico (e-book) é fruto do esforço conjunto das duas instituições, que, em setembro de 2020, assinaram o Convênio 05/2020–FAPERN/FUERN, que, dentre seus objetivos, prevê **a publicação de mais de 300 e-books**. Uma ação estratégica como fomento de divulgação científica e de popularização da ciência.

Esse convênio também contempla a tradução de sites de Programas de Pós-Graduação (PPGs) das Instituições de Ensino Superior do Estado para outros idiomas, apoio a periódicos científicos e outras ações para divulgação, popularização e internacionalização do conhecimento científico produzido no Rio Grande do Norte. Ao final, **a FAPERN terá investido R\$ 855.000,00 (oitocentos e cinquenta mil reais)** oriundos do Fundo Estadual de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDET), captados via Programa de Estímulo ao Desenvolvimento Industrial do Rio Grande do Norte (PROEDI), programa aprovado em dezembro de 2019 pela Assembleia Legislativa na forma da Lei 10.640, sancionada pela governadora, professora Fátima Bezerra.

Na publicação dos e-books, estudantes de cursos de graduação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) são responsáveis pelo planejamento visual e diagramação das obras. A seleção dos bolsistas ficou a cargo da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE/UERN).

Os editais lançados abrangeram diferentes temáticas assim distribuídas: no Edital 17/2020 - FAPERN, os autores/ organizadores puderam inscrever as obras resultantes de suas pesquisas de mestrado e doutorado defendidas junto aos PPGs de todas as Instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICTIs) do Rio Grande do Norte, bem como coletâneas que foram resultados de trabalhos dos grupos de pesquisa nelas sediados. No Edital nº 18/2021 - FAPERN, realizou-se a chamada para a publicação de e-books sobre o tema “Turismo para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte”. No Edital nº 19/2021 - FAPERN, foi inscrita a chamada para a publicação de e-books sobre o tema “Educação para a cidadania e para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. No Edital nº 20/2021 - FAPERN, foi realizada a chamada para a publicação de e-books sobre o tema «Saúde Pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 21/2021 - FAPERN trouxe a chamada para a publicação de e-books sobre o tema “Segurança pública, desenvolvimento social e cidadania no Rio Grande do Norte: relatos de ações exitosas”. O Edital nº 22/2021 - FAPERN apresentou a chamada

para a publicação de e-books sobre o tema “Pesquisas sobre o Centenário da Semana de Arte Moderna (1992-2022) desdobramentos para o desenvolvimento social e/ou econômico do RN”. O Edital nº 22/2022 – FAPERN, realizou a chamada para a publicação de e-books com o objetivo de contribuir para o fortalecimento e divulgação da pesquisa a partir dos programas de pós-graduação e dos Grupos de Pesquisa das Instituições de Ensino Superior do Estado do Rio Grande do Norte.

Com essa parceria, a FAPERN e a FUERN unem esforços para o desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Norte, acreditando na força da pesquisa científica, tecnológica e de inovação que emana das instituições potiguaras, reforçando a compreensão de que o conhecimento é transformador da realidade social.

Agradecemos a cada autor(a) que dedicou seu esforço na concretização das publicações e a cada leitor(a) que nelas tem a oportunidade de ampliar seu conhecimento, objetivo final do compartilhamento de estudos e pesquisas.



*Gilton Sampaio
de Souza*

Diretor-Presidente da FAPERN

Cicília Raquel

Maia Leite

Presidente da FUERN



A todos os sujeitos líquidos, fragmentados e conectados.
Sujeitos da contemporaneidade que mais do que viver
atuam sua própria existência no grande palco que é a rede.



Sumário

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	15
1.2 ETNOGRAFIA VIRTUAL E A PESQUISA NA/EM REDE	19
1.3 A CIBERCULTURA E O AMBIENTE VIRTUAL	24
1.4 “CEM HOMENS”: QUEM SOU EU?	30
2. SUBJETIVIDADE EM REDE: PRODUÇÃO DE SI E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	34
2.1 IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE: TORNANDO-SE SUJEITO	35
2.2 SUJEITOS DE SEXUALIDADE E DE GÊNERO	44
2.2.1 Gênero e construção do ser mulher	52
2.3 SUJEITOS DA REDE: O NARRAR-SE COMO FORMA DE PRODUZIR-SE	56
3. O EU E A ESCRITA DE SI: DO DIÁRIO ÍNTIMO AS CONFISSÕES NA REDE	67
3.1 DIÁRIO ÍNTIMO ONLINE: O BLOG COMO CONFESSIONÁRIO CONTEMPORÂNEO	71
3.2 O EU COMO ESPETÁCULO: QUANDO O PRIVADO SE TORNA PÚBLICO	83
3.3 CONFISSÕES DO EU COMO MECANISMOS DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE	92
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
5. REFERÊNCIAS	108

1 INTRODUÇÃO

Esta obra almeja dar ênfase ao sujeito confessor da contemporaneidade, considerado por alguns como fluido, devido à liquidez de nossa época (BAUMAN, 2004; 2007), por outros como pós-moderno (HALL, 2004; HUTCHEON, 1990), e ainda há quem o tenha como pós-humano (HARAWAY, 1991). No entanto, o observamos aqui enquanto fragmentado, conectado, interativo e, porque não dizer também, desejável e desejoso pelo segredo da vida íntima, muitas vezes na sua forma mais banal.

Não é à toa o crescente sucesso de programas do tipo *reality shows*, como o *Big Brother Brasil*, *A Fazenda*, *Power Couple*, *De férias com o Ex*, entre outros que transformam a intimidade de seus participantes em um grande espetáculo a ser consumido com fascínio e curiosidade quase *voyeur*¹ pelos mais diversos telespectadores. Na esteira do sucesso dos *reality shows* um grande número de livros autobiográficos passa a ser cada vez mais produzido e vendido, ganhando muitas vezes adaptação para o cinema. Um dos casos mais conhecidos no Brasil é o da autobiografia de Bruna Surfistinha, ex-garota de programa, que ficou famosa ao confessar para o mundo como é a vida de uma garota de programa de classe média alta. Outro exemplo é o da publicitária e blogueira, Cris Guerra, autora do *blog*² *Para Francisco*; agora intitulado *Francisquices*; criado em 2007 com o intuito de contar tudo sobre seu companheiro falecido para o filho que iria ter. O *blog* virou uma espécie de memorial e confessionário, no qual a autora recordava acontecimentos passados e desabafava sobre a dor da perda e os desafios do dia-a-dia de uma mãe jovem e viúva. Após grande número de acessos e repercussão na grande mídia, o *blog* transforma-se em livro em 2009, ganhando posteriormente adaptação para o cinema.

Estes são apenas alguns exemplos do que vem acontecendo nos últimos anos, em que não só a curiosidade pela vida alheia parece encontrar seu ápice, mas o desejo por confessar a própria intimidade está cada vez mais arraigado (SIBILIA, 2008). Realidade que pode ser de certa forma compreensível, na medida em que vivemos em uma sociedade fragmentada em que o reino da imagem se instala, nela os sujeitos se isolam nos seus mundos, trancafiados em suas residências e conectados por uma realidade virtual através dos diversos dispositivos móveis e da efervescência das redes sociais *online*.

Acreditamos, porém, que a questão não seja tão simples, ou meramente fruto do isolamento dos sujeitos, na medida em que não seriam apenas os solitários, tristes e problemáticos os principais atores dessa trama, mas toda a diversidade de sujeitos, surgindo talvez neste momento um novo mecanismo de agenciamento e produção das subjetividades, na medida

1 Termo de origem francesa que traduzido significa, “aquele que vê”, utilizado para nomear o indivíduo que obtém prazer observando as práticas sexuais de terceiros.

2 O termo *blog* é originário do inglês, sendo a junção de duas palavras: *web* que significa página na internet e *log* que quer dizer diário de bordo. Parte-se da perspectiva trabalhada por Schitine (2004).

em que na atualidade não basta apenas existir, torna-se cada vez mais imperativo fazer ver a própria existência. Compreendemos aqui a questão do agenciamento a partir da perspectiva de Deleuze e Guattari (1997, p. 218), os quais afirmam que, “todo agenciamento é, em primeiro lugar, territorial”, e por este motivo apresenta como primeira regra descobrir a territorialidade que os envolvem, sendo este território o que cria o próprio agenciamento, de forma que “o território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos; por isso, o agenciamento ultrapassa também o simples ‘comportamento’” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 218).

Partimos, assim, da compreensão de que os processos de subjetivação e produção da subjetividade fazem menção às condições de produção dos sujeitos, bem como ao local no qual estes estão inseridos, ou seja, aos agenciamentos e dispositivos que permitem determinados modos de subjetivação (DELEUZE, 2000). Ainda sobre agenciamento e dispositivo, Deleuze (2005; 2000) explica que estes podem ser considerados enquanto, “um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente”, linhas estas que não “delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam uma das outras” (DELEUZE, 2005, p. 83-84). Assim sendo, apoiamo-nos em autores como Foucault, Deleuze e Guattari que discutem e interrogam os agenciamentos e dispositivos de subjetivação, bem como procuram compreender qual tipo de subjetividades passam a ser produzidas por meio destes.

Na contemporaneidade os sujeitos comuns, eu e você, somos envolvidos, instigados e convidados a nos mostrar para assim afirmar quem de fato somos, ou, gostaríamos de ser. Da mesma forma somos atraídos a bisbilhotar a vida do outro, daquele que não precisa mais necessariamente ser uma celebridade e muito menos nosso vizinho ou conhecido, mas, que, inclusive, pode morar a quilômetros de distância e ser um total desconhecido. O que se dá em grande medida devido aos avanços tecnológicos, sobretudo no campo das telecomunicações, os quais passam a permitir um aumento significativo no repertório discursivo dos sujeitos, na medida em que acabam por dissolver as antigas fronteiras de tempo-espço, possibilitando a aproximação dos sujeitos a diferentes culturas e povos (HALL, 2004). O que não seria apenas um ganho, mas junto a si traria também aspectos considerados negativos por muitos estudiosos, como a dissolução de conceitos antes hermeticamente fechados que possuíam o papel de antigos agentes de subjetivação, como por exemplo: cultura, religião, família e tradições (GUATTARI, 1999). Em meio a este panorama surgem novos agentes de subjetivação, como a mídia, que talvez seja um dos mais influentes nos dias de hoje, “a ponto de podermos considerá-la como um poderoso substituto das instituições tradicionais, como a igreja e a família” (CORACINI, 2009, p. 30), e ao lado desta, ganhando cada vez mais importância, está o ciberespaço, com suas diversas redes de interação social, nas quais os sujeitos são convidados a mergulharem num território próprio, com regras, costumes e trocas simbólicas particulares, no qual a grande moeda de troca passa a ser a exibição da intimidade.

A vida, desde seus atos mais corriqueiros e comuns, agora passa a ser escancarada e divulgada por meio das mais variadas redes de relacionamentos sociais *online*, tornando-se uma sequência de *check ins*, em que os sentimentos são expressos através de *emoticons* no *facebook*, as preferências culinárias e o último bem adquirido compartilhados com uma *self* no *instagram*, e até vídeos engraçados e tutoriais de moda são produzidos e divulgados por meio do *Youtube*. Isso sem falar no *boom* dos *blogs* confessionais, que aqui no Brasil se dá no início do ano 2000 (SCHITTINE, 2004), nos quais os sujeitos comuns narram a si próprios e confessam desde suas experiências mais triviais do dia-a-dia até seus segredos mais íntimos, fato que instiga e impulsiona este livro.

Assim sendo, nossa investigação, fruto de pesquisa realizada no curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas (PPGICSH/UERN), objetiva compreender como se processa a produção da subjetividade a partir da escrita íntima no ciberespaço, de forma mais específica através do estudo de caso do *blog* confessional “Cem Homens”. *Blog* este criado pela advogada e jornalista Nádia Lapa, sob o pseudônimo de Leticia Fernandez, com o intuito de confessar suas aventuras sexuais após ter prometido para si mesma que transaria com cem homens no período de um ano.

A escolha por tal temática se deu em um primeiro momento por vislumbrarmos o ciberespaço, especialmente a *blogosfera*, enquanto ambiente essencialmente social que parece permitir a produção de si de forma mais autônoma, já que os sujeitos estão a todo o momento interagindo não apenas com os outros, mas em uma primeira instância consigo mesmos. Na mediada em que ao criarem um perfil e narrarem suas vivências passariam supostamente por um estágio de autoreflexividade³ (GIDDENS, 1991, p. 49), ocupando-se consigo e refletindo sobre si mesmos, gesto que retoma em certa medida a antiga prática do “cuidado de si” narrada por Foucault (1985b), de acordo com a qual era necessário ocupar-se consigo mesmo e refletir sobre seus atos. Nesse momento parece que os indivíduos se percebem enquanto sujeitos autorais, modelando e estetizando suas vidas para todos que estão conectados à rede, “tornando a “escrita de si” como uma possível hermenêutica do sujeito moderno ocidental” (SILVA, 2013, p. 19), o que Foucault (1992) procura explicar recorrendo à observação da vida ascética, na qual o ato de escrever era uma forma disciplinadora utilizada para afastar os pensamentos impróprios e manter a sensação de se estar sempre acompanhando e vigiado, na medida em que alguém poderia ler os escritos e descobrir o que antes só existia na mente do escritor.

Em meio ao turbilhão de mudanças, avanços tecnológicos e incertezas frutos de nossa época, é como se o sujeito encontrasse no ciberespaço uma espécie de válvula de escape, na qual ele pode relatar seus mais íntimos desejos e pensamentos, fazendo da sua vida comum e corriqueira um grande espetáculo que passa a ser “compartilhado por milhões de olhos poten-

3 Faz-se importante frisar que apesar de Giddens (1991/1993) chegar a criticar a obra de Foucault, acreditamos que ambos os autores podem conversar entre si, ao passo que o primeiro se apropria em determinado momento de suas obras dos pensamentos do segundo, ainda que critique grande parte. No entanto, não pretendemos aqui abrir uma discussão entre os dois autores, mas acreditamos que usá-los só enriquece nosso trabalho, na medida em que nos coloca diante de diferentes pontos de vista.

ciais” (LEMOS, 2002, p.11)

Se antigamente, o sujeito desabafava suas dores, alegrias e segredos na folha de papel, guardando seu diário a sete chaves e torcendo para que nunca fosse encontrado. Hoje, trocamos o caderno amarelado por uma tela, e as redes sociais e o *blog* tomam lugar não só do diário íntimo (SCHITTINE, 2004), mas até mesmo do confessionário, único local no qual ousávamos revelar nossos segredos. A figura do padre é então substituída por milhares de olhos curiosos e de mãos prontas a dar mais um *click*.

Os sujeitos expõem suas subjetividades e seus segredos no ciberespaço de maneira que os *blogs* de escrita íntima se tornam o cenário no qual se passa a reformular a antiga prática das escritas de si e da “confissão”, traçadas por Foucault (1988, p. 52), o qual afirma que no ocidente esta passou a ser, “uma das técnicas mais altamente valorizadas para a produção da verdade, tornando a nossa sociedade singularmente confessanda”. É como se por meio da confissão e do olhar público sobre a vida privada, que de fato os indivíduos se afirmassem enquanto sujeitos. O que Sibilia (2003, p. 05) assevera quando diz que os sujeitos contemporâneos passaram a modelar a própria subjetividade “através de um mergulho introspectivo da hermenêutica incessante de si mesmo”, onde se faz necessário narrar uma história e criar um eu.

Com este novo suporte, que é a internet, as “confissões” se desenvolvem de maneira mais intensa, deixando de ser algo particular, como na época dos diários íntimos, para tornarem-se visíveis e acessadas (SCHITTINE, 2004). A partir de então, a escrita de si torna-se uma prática habitual na sociedade, o que vem mudando é apenas o suporte onde ela é produzida e as relações sociais que se estabelecem por meio deste suporte. Acreditamos que o ciberespaço, pode ser considerado o novo campo de produção das subjetividades, no qual já se faz visível a expansão das narrativas autobiográficas, ainda que algumas vezes de forma fragmentada por meio das diversas redes sociais, bem como dos *blogs* de caráter intimista, como explicitado até aqui.

O *blog Cem Homens*, nosso *corpus* de análise, inicialmente foi criado em uma plataforma de *blog* gratuita, mas, devido seu sucesso migrou para um sítio eletrônico, chegando a ser hospedado por um tempo pela revista Nova⁴. O *blog* surgiu em fevereiro de 2011⁵, criado por uma advogada e até então estudante de jornalismo residente de São Paulo, sob pseudônimo de Letícia Fernandes, com o intuito inicial de expressar seu desejo de ir para a cama com cem homens durante o período de um ano. A ideia era utilizá-lo como uma espécie de diário íntimo no qual sua protagonista passaria a relatar suas experiências e conquistas sexuais de forma minuciosa, o que de fato ocorre (LAPA, 2013).

O fato de Letícia narrar a si própria e colocar em discussão um tema que por vezes ao

4 “Nova é uma revista feminina mensal da Editora Abril e da rede internacional Cosmopolitas. Lançada no Brasil em setembro de 1973 tem como conteúdo editorial os seguintes temas: Amor / Sexo, Vida / Trabalho, Gente Famosa, Beleza / Saúde e Moda / Estilo. O público alvo são mulheres entre 18 e 49 anos, das classes A, B e C”. A revista encerrou suas atividades em 2018. Ver mais em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Nova_%28revista%29>.

5 E foi encerrado por volta de 2015, momento em que a pesquisa de mestrado estava em andamento.

longo da história foi interdito e deixado à margem, devendo ser discutido apenas em locais oficiais e “seguros”, como no consultório do médico ou no confessionário (FOUCAULT, 1988), foi um dos motivos que nos fez escolher o *blog* como objeto de análise. Acreditamos que a ousadia de Letícia merece ser encarada bem mais do que como uma aventura de uma jovem “tarada” por sexo, Letícia nos parece queimar sutiãs simbólicos em praça pública, os quais sufocam cada uma de nós de forma silenciosa. A blogueira tomou o lugar do garanhão (GIDDENS, 1993) e gritou para quem pudesse ouvir, que ela: mulher, jovem, adulta e bem resolvida, não queria namorar, se casar ou ter filhos, não naquele momento de sua vida, e sim, queria apenas sexo. Toma dessa forma a fala dos homens: jovens, adultos e bem resolvidos, que podem e são incentivados a só querer sexo, mas que na maioria das vezes acham estranho uma mulher querer a mesmo. Assim o que nos parece mais interessante, não é o fato de Letícia gostar ou querer sexo por sexo, mas o fato dela se expor enquanto sujeito, de confessar seus gostos e fantasias para desconhecidos, embora de início tenha usado um pseudônimo, mas sempre afirmando ser ela mesma e se revelando aos outros sem nenhum pudor, por meio da escrita confessional.

Embora tenha alcançado milhares de acessos, à autora parou de relatar suas experiências, bem como de seguir com sua meta, no número 35, quando, segundo a mesma, se apaixonou, e logo depois achou por bem revelar sua verdadeira identidade, em grande medida pressionada por internautas e conhecidos que já a haviam descoberto. Foi nesse momento que a vida de Nádia Lapa, até então conhecida apenas como Letícia, passou por uma reviravolta, sendo hostilizada e humilhada por diversos seguidores e desconhecidos, não em razão de questões morais, mas por se depararem com uma mulher comum, que não seguia os padrões de beleza impostos pela mídia: magra, alta e sarada. Nesse momento, o *blog* passa para sua segunda fase, na qual a autora fala bem mais sobre a depressão e a hostilidade com que foi tratada, além de seus gostos pessoais e em como tudo isso a levou a se transformar numa nova mulher e encontrar o feminismo. No entanto, o *blog* também continuou a tratar de assuntos relacionados a questões sexuais, seja tirando dúvidas ou contando fatos ocorridos (LAPA, 2013).

Neste livro iremos analisar as duas principais fases do endereço eletrônico, o início em 2011 e seu último ano em 2014, procurando perceber quais as principais mudanças na subjetividade da autora e em como a escrita de si e o próprio *blog* influenciaram no seu processo de subjetivação, o que para tanto escolhemos como metodologia a etnografia virtual, método relativamente recente que surge a partir da grande área da etnografia procurando dar conta das novas formas de sociabilidades contemporâneas, agora mediadas por ambientes virtuais, como veremos nos tópicos a seguir.

1.1 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

O percurso metodológico é um dos fatores mais relevantes para todo e qualquer estudo

proposto, na medida em que deve ser encarado como o caminho que a investigação precisa percorrer para que encontre as devidas respostas para seus questionamentos. Dessa forma, o presente trabalho trata-se de um Estudo de Caso, classificando-se como pesquisa qualitativa que faz uso de revisão bibliográfica e tem como método de abordagem a Etnografia Virtual.

Sobre estudo de caso, Bastos (2009, p. 93) explica que o mesmo “parte do princípio de que qualquer caso que se discuta além da superfície dos fatos e com sistematização pode ser significativo para a compreensão de muitos outros”, ou seja, mesmo existindo exceções, o referido caso pode representar diversos outros semelhantes, o que nós propomos ao analisar o *corpus* escolhido.

Já a etnografia virtual pode ser compreendida como uma nova configuração da prática etnográfica, que surge a partir da década de 1990 com o objetivo de dar conta das novas formas de sociabilidade humanas mediadas pelas tecnologias de comunicação e informação, que passam a se estabelecer no ciberespaço. Dessa forma, para compreender como a mesma funciona e do que trata, acreditamos que se faz necessário em um primeiro momento entender o que é o método etnográfico em si e quais suas principais características.

A etnografia pode ser designada enquanto método de pesquisa da antropologia (embora outras áreas estejam utilizando-a cada vez mais) que entre outras coisas tem como foco apreender e interpretar as diferentes culturas, consistindo basicamente, em grosso modo, numa técnica de coleta de dados desenvolvida por meio do contato direto com o objeto a ser estudado, o que se dá através do trabalho de campo.

No entanto, para Geertz (2000) o fazer etnográfico não seria apenas uma escolha metodológica e muito menos uma ferramenta para se chegar ao objetivo do pesquisador, mas sim um “esforço intelectual”, sendo o etnógrafo aquele que “interpreta acontecimentos e materializa o discurso social na forma de relato a fim de possibilitar o acesso à informação na posteridade” (PIENIZ, 2009, p. 6).

Sobre o surgimento do método, Clifford (2008) diz que, “na década de 1920, o novo teórico-pesquisador de campo desenvolveu um novo e poderoso gênero científico e literário, a etnografia, uma descrição cultural sintética baseada na observação participante” (2008, p.26). O precursor da etnografia foi Bronislaw Malinowski (1884-1942), primeiro antropólogo de profissão a realizar um trabalho de campo intensivo explorando sociedades e culturas totalmente distintas da sua. O que resultou na sua monografia, *Argonautas do pacífico ocidental*, um estudo sobre os nativos dos arquipélagos da Nova Guiné melanésia (1922).

Para Malinowski (1978), uma das questões mais importantes no fazer etnográfico seria a compreensão de como funciona a estrutura social de um determinado grupo, já que só assim seria possível entender os fatos sociais que se articulam no dado ambiente, o que significa dizer que, “serão as relações entre uma instituição dada (a organização social, a constituição jurídica, a economia, a religião...) e o conjunto do corpo social, que permitirão descobrir a função de tal ou tal instituição” (SAMAIN, 1999, p. 38). Sendo dessa forma, segundo o autor, necessário que se dê atenção para as inter-relações existentes em todas as ordens de fatos sociais, bem como,

entre o próprio pesquisador e o sujeito pesquisado, uma vez que passam a interagir num mesmo contexto.

A obra de Malinowski (1978), além de ser um marco para a antropologia, torna-se um exemplo da importância de se ter uma experiência de alteridade na elaboração da experiência etnográfica, na medida em que, “se um homem embarca em uma expedição decidido a provar certas hipóteses e se mostra incapaz de modificar sem cessar seus pontos de vistas e de abandoná-los em razão de testemunhos, inútil de dizer que seu trabalho não terá valor algum” (MALINOWSKI, 1978, p. 65).

A tradição do pensamento antropológico preocupou-se com a importância de se trabalhar a maneira de olhar o outro, aquele que é diferente, o que para ser realizado deve começar com o deslocamento do olhar do estudioso sobre si mesmo e sua própria cultura, sendo o estranhamento e a relativização conceitos cunhados e problematizados desde o surgimento do método (ROCHA; ECKERT, 2008). Para o fazer etnográfico não existem dados, sujeitos ou situações, superficiais e com menos relevância, na medida em que considera que todos os elementos da composição social têm seu lugar e importância para a compreensão do todo. Possui assim, como itinerário a exploração e descrição.

Oliveira (1996) afirma que o trabalho do antropólogo possui três principais pilares: o olhar, ouvir e escrever. Sendo os dois primeiros importantíssimos para a compreensão do ambiente pesquisado e o último responsável pela materialização do próprio pensar. “Se o olhar e ouvir constituem nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (OLIVEIRA, 1996, p. 31-32). Compreensão que Cárceres (1998) compartilha ao afirmar que na perspectiva etnográfica tudo que acontece deve ser observado, registrado e só então compreendido, sendo o etnógrafo um especialista em olhar, ouvir e analisar por longo tempo determinados fatos e grupos sociais, com a ambição de compreendê-los e traduzi-los por meio de uma descrição densa.

Para Geertz (2008), a descrição densa é uma das principais características da etnografia, claro que aliada a outros pontos como: o mapeamento de campo, a transcrição dos textos e manutenção de um diário de campo, entre outros. É importante ressaltar que a descrição densa é um conceito cunhado por Gilbert Ryle, que pode ser compreendida como a “interpretação da circulação de sentidos relacionados a um fenômeno” (PIENIZ, 2009, p. 5).

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 2008, p. 4).

Para que de fato ocorra uma descrição densa nos trabalhos de cunho etnográficos, se faz necessário pensar em um primeiro momento em toda a estrutura e caminho que serão trilhados

no decorrer da pesquisa. Na medida em que, são as escolhas realizadas inicialmente que irão contribuir para o desenvolvimento de um olhar aguçado e crítico por parte do pesquisador. Assim sendo, a pesquisa etnográfica começa pelo recorte do *corpus*, escolha do tema e dos conceitos teóricos que serão abordados, para só então ter início a pesquisa de campo. Ficando para a última fase o trabalho de análise por meio da descrição densa, que consistiria em grosso modo na junção entre as teorias científicas com o campo empírico, ou seja, com as observações e anotações do estudioso sobre as estruturas sociais, os acontecimentos e seus sistemas simbólicos (GEERTZ, 2008).

Outros dois aspectos de bastante relevância para o andamento de uma etnografia, são a honestidade no relato e um bom tempo de dedicação do pesquisador no que se chama de observação participante, fatos que estão intrinsicamente ligados à questão da descrição densa, e se fazem necessários para que a mesma ocorra. Pensando a busca pelo outro como o centro da prática etnográfica, é que Clifford (2008) defende a relevância da observação participante, na medida em que esta permite ao pesquisador experimentar, “tanto em termos físicos como intelectuais, as vicissitudes da tradução. [...] Como meio de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo” (*Ibid.* p. 20). O que Cárceres (1998) também acredita, na medida em que percebe que a etnografia tem como vocação mergulhar no mundo do outro, observando e mantendo relação com este outro, para só então poder decifrá-lo.

El oficio principia en la mirada dirigida hacia el otro, em silencio, dejando que la percepción haga su trabajo, todo tiene su lugar, todo lo que parece forma parte de um texto que se puede descifrar. El etnógrafo confía en la situación de observación, necesita confiar también en su capacidad de estar ahí observando, sabe que requiere tiempo, su tenacidad es el último resguardo de su atención. El otro está ahí, no pertenece al próprio mundo, está lejos aún, a un metro de distancia. El investigador agudiza la concentración en su mundo interior para observar, y entonces inicia el viaje al mundo del otro, un trayecto que es interior, de lo observado a los paisajes y situaciones propios, y entonces se produce el milagro, el otro empieza a ser comprendido (CÁCERES, 1998, p. 347).

Tanto para Cárceres (1998), que estuda a etnografia atrelada ao campo da comunicação, quanto para Malinowski (1976) e Geertz (2008), a grande tarefa da prática etnográfica seria estudar os diferentes sujeitos e suas culturas, percebendo como estes se fazem intrinsicamente ligados. Partindo da concepção de uma Teoria Interpretativa da Cultura, defendida por Geertz (2008), na qual a cultura seria considerada como uma rede de teias de significados tecidos pelo homem, com as quais o mesmo se deixa amarrar, assumindo assim, “[...] a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto; não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 2008, p. 4).

Partimos do princípio de que na medida em que a pesquisa etnográfica se constitui enquanto tal por meio do olhar, ouvir e descrever determinados sujeitos e grupos sociais, a mesma convida o estudioso para um deslocamento do seu ambiente de conforto, bem como de sua cultura, para adentrar na cultura do outro, participando de maneira efetiva nas formas de

sociabilidades ali instauradas, para assim compreendê-las.

Dessa forma, acreditamos que para a realização de um estudo etnográfico satisfatório se faz necessário estudar e observar não apenas o sujeito cerne da investigação, mas toda a trama social na qual este se insere, percebendo as principais características culturais do seu meio de convívio. Fato este que levou a antropologia, bem como o método etnográfico, a se desmembrarem em diferentes vertentes de acordo com a necessidade da época e da área de estudo, como por exemplo, o surgimento de etnografias pós-tradicionais, entre elas a etnografia virtual. Esta herda bastante bagagem da sua grande área de conhecimento, sendo mais uma ramificação da mesma que procura dá conta das novas formas de sociabilidades humanas, agora mediadas por interfaces em um plano virtual, o do da cibercultura.

1.2 ETNOGRAFIA VIRTUAL E A PESQUISA NA/EM REDE

Pensando a etnografia enquanto método de apreensão das diferentes culturas e práticas sociais, fato abordado anteriormente, é que se acredita que o mesmo pode ser adaptado ao ambiente *online*, na medida em que, “a *internet* nos permite ver mais interações sociais do que jamais esperávamos, e agora nos deparamos, em muitos casos, com o excesso de uma coisa boa” (FRAGOSO, *et al.* 2013, p. 15). A etnografia virtual surge devido à percepção de alguns estudiosos da área sobre o ciberespaço enquanto um ambiente no qual diversas culturas e povos se interligam e dialogam, além de surgirem novas práticas e formas de sociabilidade, o que alguns classificam como cultura *online*, ou cibercultura (LEMOS, 2002; RUDIGUER, 2011).

Os primeiros estudos sobre a *internet* e na *internet* possuíram um forte viés etnográfico, começando a florescer no final da década de 1980 e início dos anos de 1990, momento em que houve a popularização desta e dos computadores pessoais, além do surgimento das redes de relacionamento sociais, bem como dos sites e canais de interação, entre eles, jogos *online* e *blogs* (AMARAL, 2010).

São considerados como os primeiros autores de etnografias sobre aspectos do mundo virtual, Michael Rosenberg (1992) com sua pesquisa sobre WolfMOO2, Howard Rheingold (1993), e John Masterton (1994) que pesquisou sobre o Anchient Anguish3 (EVANS *apud.* POLIANOV, 2013, p. 62). No entanto, uma das mais influentes obras etnográficas voltadas para a *internet* é o livro, *Life on the Screen: identity in the age of the Internet*, da estudiosa Sherry Turkle (1995), responsável por analisar a relação subjetiva que se estabelece entre os sujeitos e as tecnologias, sobretudo através do uso da *internet*. A autora argumenta que no dado momento – nesse caso na década de 1990 – as possíveis barreiras entre o real e o virtual estariam evaporando-se, na medida em que surgiam “evidências de mudanças fundamentais no modo como criamos e experienciamos a identidade humana” (TURKLE, 1995, p. 10).

Apesar da relevância da pesquisa de Turkler (1995), uma das primeiras pesquisadoras que de fato se preocupou em debater a etnografia enquanto metodologia de pesquisa na *internet*

foi Christine Hine (2000; 2005), responsável pela popularização do termo “etnografia virtual”, após a publicação de seu livro *Virtual Ethnography* (2000). No início de sua pesquisa a autora acreditava, assim como outros pensadores, que os estudos etnográficos sobre a *internet* se dividiam em dois principais grupos, havendo uma separação entre o real e o virtual.

O primeiro a entende como um artefato cultural, cujo sentido depende dos que o criam, desenvolvem e utilizam e, assim, priorizando o estudo dos cenários que lhe são exteriores. A abordagem é feita nos ambientes cotidianos off-line, seja com cientistas, técnicos e profissionais que a desenvolvem, seja com os seus vários grupos de usuários, os cidadãos comuns. O segundo a privilegia como cenário cultural, cuja dinâmica depende dos que a utilizam para criar um mundo virtual possuidor de suas próprias circunstâncias e, assim, foca nas experiências e processos que ocorrem nela enquanto meio de comunicação. A abordagem, no caso, se centra no espaço online, salientando suas peculiaridades, seu caráter de cenário em que a cultura é criada e recriada com uma outra dinâmica (HINE, 2000, p. 14-38).

Hine (2000, 2009), compreendendo que nesta área a construção do campo de pesquisa se dá bem mais pela subjetividade e reflexividade, não pretendia reafirmar a existência de dois grupos separados com funções diferentes, pelo contrário, posteriormente a autora conclui que se faz necessário superar um e outro, dando lugar à aplicação de um “princípio conexcionista”, ou seja, que ambos precisam ser trabalhados como complementares, na medida em que na *internet* não só o real e o virtual estão intrinsecamente conectados, como também as diferentes culturas e povos, sendo necessário pensá-la enquanto artefato cultural, ou seja “atentando para os múltiplos significados nos diferentes contextos de usos, e como um elemento da cultura que não faz distinção dos planos *on* e *off-line*, pois um passa a interferir no outro em ação e consequência” (LIMA, 2014).

Um artefato cultural pode ser definido como um repositório vivo de significados compartilhados que são produzidos por uma comunidade de ideias. [...] Ele carrega uma autoridade legítima que não é sancionada por sistemas legais ou pelo estado, mas pelas práticas vivenciadas pelas pessoas que as criam (SHAH *apud* FRAGOSO, *et al.* 2013, p. 40).

Essa noção de artefato cultural trabalhada por Hine (2000, 2005) e citada por Fragoso *et al.* (2013) parte da antropologia e dos estudos sobre comunidades, que agora também passam a ser utilizados para pensar o ambiente virtual, sobretudo na perspectiva da etnografia virtual.

No entanto, é importante salientar que a partir dos anos de 1990, após o surgimento dessas primeiras pesquisas no e sobre o campo da *internet*, uma série de discussões em torno do assunto foram surgindo, na medida em que para muitos antropólogos não parecia correto migrar a prática etnográfica para a *internet*, uma vez que havia transformações diretas no modo de fazer etnográfico, passando a existir um novo tipo de campo a ser analisado, “cuja particularidade temporal borra as fronteiras de corporificação/descorporificação da sociedade (Hine, 2005; Boyd, 2009), mesmo não sendo um domínio distinto da vida cotidiana.” (FRAGOSO, *et al.* 2013, p. 172). Na medida em que para esses pesquisadores, “o deslocamento, o estranha-

mento e o ir ao campo, tão decisivos na formação do olhar interpretativo pareciam ter esvaído frente a uma possível dissolução espaço-temporal advinda das tecnologias de comunicação e informação” (AMARAL, 2010, p.125).

Diante desse contexto, é que diversas terminologias, além da etnografia virtual cunhada por Hine (2000), foram surgindo com a intenção de melhor adaptar o método etnográfico para os ambientes virtuais, ora adotados na bibliografia como sinônimos, ora como termos específicos defendidos por seus idealizadores (POLIANOV, 2013, p. 65). Entre as várias terminologias destacam-se: Netnografia, webnografia, Etnografia digital, ciberantropologia e a própria etnografia virtual.

O termo netnografia foi cunhado na metade dos anos de 1990, defendido por Robert Kozinets (2010), por acreditar que o mesmo define e pontua as principais diferenças “que o método etnográfico sofre quando adaptado para os ambientes digitais, seja em termos de forma de coleta de dados, seja em termos de ética de pesquisa e análise, uma vez que o presencial e as experiências *on-line* são de naturezas diferenciadas” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2013, p. 175). Além disso, ainda segundo o autor, a netnografia teria como objetivo uma possível padronização dos métodos envolvidos nas pesquisas relacionadas ao campo da comunicação com ênfase na questão do *marketing* e do consumo *on-line*. O termo Webnografia, por sua vez, também estaria relacionado às pesquisas aplicadas ao *marketing* na internet, com ênfase na questão da audiência de *sites*. Ambos, podendo ser utilizados tanto em pesquisas acadêmicas quanto mercadológicas (AMARAL, 2010, p. 127).

Já a Etnografia Digital, pretendia ser uma expansão da etnografia virtual, na medida em que a primeira procura utilizar o material coletado postando nas próprias redes digitais, para assim atingir também um público fora da academia. Por último a Ciberantropologia se propõe como um campo de estudos sobre os seres humanos nos ambientes conectados, pensando o homem como tecnologicamente reconstruído, esta se baseia nos conceitos de antropologia do *ciborgue* da autora Donna Haraway (1991), e seria uma espécie de grande área que se propõe a abrigar os demais métodos.

Ao passo em que todos esses termos foram surgindo, alguns autores começaram a reclamar do fato de tantos neologismos, que no mais estariam a pensar basicamente a mesma coisa, o campo virtual a partir de um olhar etnográfico. Dessa forma, é que tanto Kozinets (2010) quanto Hine (2009) questionaram o que foi classificado como “confusão epistemológica”, chegando à conclusão de que talvez algum dia apenas o termo etnografia seja suficiente para designar as pesquisas no ciberespaço, claro que desde que as diferenças na “coleta de dados e de observação, sejam descritas e problematizadas em suas distintas fases, com indicações das variações de níveis entre o *on-line* e *off-line*” (FRAGOSO *et al.* 2013, p. 178/179). A principal diferença entre as diversas terminologias seria basicamente e apenas as próprias terminologias, desse modo para Hine (2000, 2009) o mais importante seria pensar em como colocar em prática a etnografia no campo virtual, ou seja, as principais características em sua aplicação.

Uma vez que pensemos o ciberespaço como um lugar onde as pessoas fazem coisas, nós podemos começar a estudar exatamente o que é que elas fazem e porque, nos seus termos, elas o fazem. No entanto, assim como com todas as metodologias, mover a etnografia para um ambiente online tem envolvido algumas reexaminações do que a metodologia implica (HINE, 2000, p. 21).

As reexaminações às quais Hine (2000) se refere seriam as principais mudanças que o método etnográfico sofre quando transposto para o ambiente *on-line*, no qual os primeiros impactos estariam atrelados a questões primordiais de qualquer etnografia, como por exemplo, a noção de campo, que deixa de ser um local físico específico para se tornar uma tela, um ambiente virtual no qual pessoas de diversos países e contextos interagem, podendo até mesmo ser compreendido enquanto um cibercampo, ou seja, “uma terra simbólica, onde há milhares de cibernativos” (PIENEZ, 2008, p. 11). Dessa mesma forma, as noções de espaço-tempo também são ressignificadas, passando a ganhar novos valores, como por exemplo, “recortes de espaço terão equivalências com o meio/tecnologia/serviço a ser estudado...” (MITSUISHI, 2007, p.8 *Apud*. POLIANOV, 2013, p. 66), e não com demarcações geográficas, na medida em que, “as distâncias físicas passam a ser irrelevantes no ciberespaço, as diferenças e as proximidades – sempre muito contrastantes – são de uma outra ordem: semânticas” (LEMONS; LÉVY, 2010, p. 201/202). Da mesma forma, o tempo deixa de ser considerada em sua ordem cronológica, podendo a interação entre os sujeitos e mesmo a observação e análise dos fatos se darem em momentos distintos.

Outra questão que muda é aplicação da observação participante e do trabalho de campo, ou seja, o olhar e o interagir do etnógrafo com seu *corpus*. Já que na observação participante de etnografias tradicionais não há como a mesma ser aplicada sem que o pesquisador entre em contato direto com o determinado grupo escolhido, o que na etnografia virtual acontece de maneira mediada e a distância.

O autor Kozinets (2002) que desenvolveu pesquisas situadas na área do *marketing*, defende a existência de duas principais formas de observação participante no ambiente virtual, que são classificadas de: *lurker* e *insider*. O primeiro tipo seria aquele em que o observador se se faz invisível no ambiente pesquisado, observando sem se manifestar de forma concreta, o que para alguns autores seria algo eticamente incorreto, embora característico do mundo virtual. No entanto, este tipo de observação não impede que o etnógrafo se apresente ao determinado grupo ou comunidade virtual ou anuncie sua pesquisa, o que inclusive acredita-se ser o mais correto, mas isso pode ser feito sem sua manifestação dentro do grupo. Sobre o assunto e se o *lurking* pode ser considerado observação participante, Braga (2006) defende que,

Sim, é participação, mas de um tipo especial (...) por reconhecer que, em termos de presença/ ausência, a informação acerca da presença do/a observador/a no setting não está disponível às/aos demais participantes, embora a presença de lurkers possa ser inferida (BRAGA, 2006, p. 5).

Dessa forma, é que se pode compreender o *lurking* como um caso particular de observação participante, já que invisível. Para Braga (2006) toda observação possui seu grau de participação e será responsável pela apreensão das características e principais aspectos da determinada cultura ou grupo pesquisado, que por sua vez possibilitará a construção da descrição densa. “A condição que possibilita o ofício do/a etnógrafo/a é a imersão e a experiência da efetiva participação no ambiente pesquisado. Este ofício inclui participar, observar, descrever: categorias que formam a unidade do fazer etnográfico” (BRAGA, 2006, p. 5 *apud*. POLIANOV, 2013, p. 64).

A segunda forma de pesquisa, o *insider*, seria basicamente o oposto do *lurking*, no qual o pesquisador está inserido ou mantém ligação próxima ao grupo ou ambiente estudado, sendo este de certa forma também parte da pesquisa, um exemplo desse tipo de estudo seria o trabalho de Amaral (2009), no qual a autora propõe a ideia de uma “autoetnografia”, que se coloca enquanto um conceito no qual o pesquisador e o objeto pesquisado estão intrinsecamente conectados entre si (AMARAL, 2009).

De todo modo, seja silenciosa ou altamente explícita, Braga (2006) acredita que a pesquisa de campo, bem como a observação participante, continua a existir, só que agora mediadas pelo computador, podendo ser considerada uma pesquisa de “*cibercampo*”, e o grande desafio metodológico passa a ser preservar ao máximo os detalhes dessa observação. Além disso, para alguns pesquisadores também seria preciso utilizar outras técnicas na coleta de dados, como entrevistas presenciais ou por vídeos e telefone, o que não é regra.

A proposta da nossa pesquisa surge a partir de uma perspectiva da etnografia enquanto metodologia que também se aplica ao ambiente virtual, adaptando-se a este território de maneira que o campo passa a ser um *cibercampo* e a observação participante mediada pelas telas dos computadores. Além da observação participante utilizamos como diário de campo a própria plataforma virtual, digitando nossas impressões em arquivos do *word*, salvando *prints* das postagens do *blog* e das conversas mantidas com a autora por *e-mails* e na rede social *facebook*. Também realizamos uma entrevista aberta por *e-mail* com a autora, que nos ajudará a chegar às respostas de nossos questionamentos.

Outra questão importante, é que além da pesquisa se dá no ambiente *on-line* ela também passa pelo *off-line*, na medida em que fazemos uso, como referência complementar, do livro “*Cem Homens*”, lançado em 2012 por Nádia Lapa, no qual a autora narra o primeiro ano do *blog* falando sobre tudo que aconteceu naquele período: como a primeira fase terminou, sobre ter se apaixonado e ter tido a identidade revelada.

Ainda, sobre como aplicar a etnografia virtual, Pienez (2008) citando Montardo e Passerino (2006), explica que existem três principais formas,

[...] há três formas de se aplicar a etnografia do ambiente virtual. Uma delas é como ferramenta metodológica para o estudo de comunidades puras, que são aquelas que só existem por haver as possibilidades propiciadas pela internet. A outra forma é como ferramenta metodológica para o estudo de comunidades derivadas, que são aquelas que existem no virtual, mas têm estrita relação com o espaço físico. E, por fim, a etno-

grafia pode ser utilizada como ferramenta exploratória para diversos assuntos como a análise de blogs e outras formas de rede social online (MONTARDO; PASSERINO, 2008, p. 9 *apud*. PIENEZ, 2008, p. 11).

De acordo com a citação acima, nossa pesquisa se classifica enquanto ferramenta exploratória, já que nosso *corpus* de análise é um *blog*. Sobre nossa proposta é importante deixar claro que a escolha pelo método etnográfico se deu por vislumbramos o ciberespaço como um ambiente essencialmente social, onde as relações humanas são problematizadas e estão a todo tempo criando e recriando vínculos. Dessa forma, embora a maioria dos trabalhos com este método seja realizado por antropólogos de formação, temos consciência que profissionais de outras áreas também podem utilizá-lo, como é o caso dos profissionais da área da comunicação social, que estão cada vez mais fazendo uso deste, na medida em que possuem uma ligação direta e estreita com a sociedade e os sujeitos.

Tendo em vista que para a realização de uma etnografia, seja esta virtual ou não, é de grande importância o estudo do ambiente e da cultura na qual o sujeito ou os grupos pesquisados estão inseridos, é que no próximo tópico nos dedicamos a compreender o ambiente virtual, bem como as novas formas culturais de sociabilidade que se estabelecem neste.

1.3 A CIBERCULTURA E O AMBIENTE VIRTUAL

Com o advento da *internet* e das inúmeras tecnologias de informação e comunicação, diversos conceitos acabam sendo reconfigurados e adaptados para melhor se pensar esse novo momento histórico, desde conceitos ligados a questão de tempo-espaço, até noções como identidade e cultura, na medida em que se acredita que observamos o nascimento de uma nova cultura, que traz consigo novas práticas, ou vice-versa.

Sobre a questão da identidade, Lemos e Lévy (2010) vão explicar que no ambiente virtual, denominado de ciberespaço, o eu torna-se desterritorializado, na medida em que,

Ele está cada vez menos ligado a uma localização física, a uma classe social, a um corpo, um sexo, ou uma idade. Isso não significa pensar evidentemente (seria necessário precisar?), que não teremos mais corpo orgânico, sentimentos humanos, nem relações fundadas na vizinhança física, classes ou faixas etárias. Mas devemos compreender, como mostram diversos estudos sobre a subjetividade e cultura contemporânea, que nossa identidade se ligará diferentemente aos nossos conhecimentos, centros de interesse, competências sociais e linguísticas (LEMOS; LÉVY, 2010, p. 202).

Faz-se importante esclarecer que o termo desterritorialização em si, embora acima seja apropriado por Lemos e Lévy (2010) enquanto perda não apenas de territórios, mas também de conceitos fixos e concretos, possui como pais, por assim dizer, Deleuze e Guattari (1996; 1997), que o discutiram inicialmente na obra *O Anti-Édipo* (1972) e de forma mais minuciosa em *Mil Platôs* (1980). Para estes, a questão da territorialização, bem como da desterritorializa-

ção, se apresenta enquanto processos concomitantes e essenciais para a compreensão das práticas humanas, possuindo como grande problema apenas a compreensão em torno de como se dá a construção e destruição dos territórios humanos, bem como quais seriam seus agenciamentos. Para os autores, estes são processos indissociáveis e que não necessariamente fazem menção ao fim apocalíptico dos territórios, espaços e conceitos até então existentes, pelo contrário, são tidos enquanto movimentos contínuos ao longo da história, os quais não simplesmente põe fim, mas permitem o surgimento de novos territórios com novas possibilidades a serem exploradas.

Jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares, entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 41).

Embora alguns autores se apropriem da questão da desterritorialização enquanto puramente o fim de territórios físicos e simbólicos, que por sua vez leva os sujeitos a perderem fronteiras e certezas nas quais anteriormente podiam se apegar, o que de fato acredita-se aqui, partindo do pressuposto de Deleuze e Guattari (1996), é que mais do que um processo de desterritorialização, com o surgimento da *internet* e seus ambientes de interação social, o que vem ocorrendo na contemporaneidade pode ser percebido como um novo movimento de reterritorialização, na medida em que esta se dá de forma a fazer surgir uma nova territorialidade, trazendo consigo novas maneiras de ser e pensar. Territorialidade esta nomeada no dado momento de ciberespaço. Pode-se também perceber que o discurso de Lemos e Levy (2010) não se contrapõe por completo ao de Deleuze e Guattari (1964), na medida em que os primeiros chegam a afirmar que não se pode pensar no fim das relações presenciais fundadas na questão da vizinhança física, faixa etária, corpo orgânico, etc., mas que tais aspectos vão passar a influenciar cada vez menos ou pelo menos de maneira diferente na produção das subjetividades contemporâneas. Acredita-se que nessa nova territorialidade - o ciberespaço, as identidades passam a si produzirem de maneira diferente, assim como o próprio sujeito, na medida em que este está inserido também em uma nova cultura, a *cibercultura*.

De maneira parecida Haraway (1991) passa a entender não só a questão da identidade, mas o próprio sujeito, dentro de uma perspectiva considerada pós-humana, percebendo-o a partir do que classifica como *ciborgue*, que seria segundo a mesma a junção de um lado, “da mecanização e eletrificação do sujeito; de outro, da subjetivação da máquina” (TADEU, 2009, p.10), na medida em que acredita que, “as redes também estão dentro de nós. [...] A verdade é que estamos construindo a nós próprios, exatamente da mesma forma que construímos circuitos integrados ou sistemas políticos – e isso traz algumas responsabilidades” (TADEU, 2009, p. 24). Ideia que pode parecer recente e até mesmo apocalíptica, mas que, no entanto, McLuhan

(1979) já parecia delinear por volta da segunda metade do século XX, ao defender que as tecnologias, sejam estas quais forem, seriam extensões do corpo e da inteligência do homem, exigindo apenas o estabelecimento de novas relações entre as mesmas e o sujeito. “No decorrer do uso normal da tecnologia, do seu corpo em extensão diversa, o homem é constantemente modificado por ela e em contrapartida também a transforma”. (MCLUHAN, 1979, p. 60). O autor anunciou no final da década de 1960 a existência de uma revolução nas comunicações por meio das inovações tecnológicas, que afetariam diretamente os sujeitos, o que parece acontecer exatamente na contemporaneidade.

Partindo do ponto de vista dos autores até aqui explicitados é que nos propomos a ir além de um estudo meramente tecnológico, ou ainda que pense em separado o sujeito, a cultura e as questões tecnológicas, muito pelo contrário, procuramos atentar para como ambos os lados se relacionam, chegando um a interferir na constituição do outro. Compartilhando assim, em certa medida, da perspectiva de “uma nova teoria composta de uma sociologia relacional e orientada, que pensa uma simbiose entre agentes e máquinas, a Teoria Ator-Rede (ANT)” (LIMA, 2014, p. 43), proposta por Latour (2012), denominada de *Actor-Network Theory* (ANT), e que já vem sendo utilizada por diversos autores fora e dentro da área da antropologia.

Os sujeitos são seres relacionais, os quais se relacionam não só com outros sujeitos, mas com a tecnologia, constituindo-se enquanto tais dentro e a partir dessas relações, que por sua vez são permeadas por discursos. Faz-se importante ressaltar, que tanto as relações quanto os discursos, a nosso ver, se estabelecem dentro e a partir de determinadas culturas nas quais estes sujeitos estão imersos, fato que nos leva a crer ser de extrema relevância atentar para as principais características da cultura virtual, denominada de *cibercultura*, e em como a própria noção de cultura passa a ser percebida nesse momento.

Fischer (2011) pensa em sua obra, entre outras questões, sobre a reformulação que o conceito de cultura sofre a partir dos avanços tecnológicos, propondo que este deve ser percebido como uma totalidade autônoma e integrada, que com a influência das tecnologias passa a ser cada vez mais relacional, plural e consciente de sua historicidade.

A cultura não é uma variável; a cultura é relacional, ela está em outro lugar ou de passagem, ela está onde o significado é tecido e renovado, frequentemente em lacunas e silêncios, e de forças para além do controle consciente dos indivíduos [...]. (FISCHER, 2011, p. 68 *Apud*. LIMA, 2014, p 45).

No texto *A invenção da (ciber) cultura*, Lewgoy (2009) argumenta que esta não seria apenas relacional, como exposto por Fischer (2011) acima, mas “uma construção e que a dissociação entre técnica e sociedade é parte de um ideário moderno e arbitrário” (LEWGOY, 2009, p. 195). Dessa forma, sendo uma construção, determinada cultura pode ser ressignificada, bem como dar espaço para o surgimento de outra, o que seria o caso da cibercultura. Lemos (2005) percebe a *cibercultura*, como “uma cultura da desterritorialização”, na medida em que, “ela nos coloca em meio a diversos problemas de fronteira, agravando as crises de controle de acesso,

influindo em todas as demais formas de desterritorializações”, desde a economia e política, até os vínculos identitários, bem como o próprio sujeito. A *cibercultura* não precisa de um território geográfico e fixo para se estabelecer, sendo uma espécie de cultura móvel, que toma o mundo como seu lugar, virtualizando-o e comunicando-o a quem possa interessar, sendo a agilidade, multiplicidade e interatividade suas principais características.

Dessa forma, é importante frisar que todas as novas reconfigurações dos tradicionais conceitos, ocorrem dentro e a partir de um determinado contexto sócio-histórico-cultural, o qual é designado neste momento como *cibercultura*, sendo esta responsável por abrigar, bem como influenciar, as novas práticas de sociabilidades e as novas formas de se produzir e pensar os sujeitos. Sendo assim, é de grande importância compreender como se configura a *cibercultura* e suas principais características, sobretudo para poder trabalhar com a etnografia virtual, na medida em que a prática etnográfica como explicitado inicialmente, requer do pesquisador um mergulho na cultura do sujeito pesquisado.

A cibercultura pode ser entendida como uma formação histórica de cunho prático e cotidiano, cujas linhas de força e rápida expansão, baseadas nas redes telemáticas, estão criando, em pouco tempo, não apenas um mundo próprio, mas também, um campo de reflexão intelectual pujante, dividido em várias tendências de interpretação (RUDIGUER, 2011, p. 07).

O termo *cibercultura* surge na metade do século XX quando emerge um novo ciclo de desenvolvimentos tecnológicos, baseado na expansão do maquinismo informático de processamento de dados. Acredita-se que o termo foi criado pela engenheira e empresária norte-americana Alice Hilton, fundadora do Instituto de Pesquisas *Ciberculturais* (RUDIGUER, 2011, p. 8). É possível considerar a *cibercultura* enquanto termo que surge procurando dar conta dos fenômenos que nascem junto com as novas tecnologias de comunicação, bem como das mídias digitais de interação. O primeiro uso negativo da palavra se deu no início da década de 1980, quando Marshall Fishwick, relevante folclorista americano, ligou a mesma a questão da falência das tradições populares e a eventual tomada dos poderes dos homens por parte das máquinas (RUDIGUER, 2011, p. 9).

A partir de então, outras definições sobre a questão surgiram, bem como discussões e teorizações acerca desta, passando a existir três principais tendências nas quais os pesquisadores da mesma se dividem, são elas: populistas tecnocráticos; conservadores midiáticos; e *cibercriticistas*.

1. Os populistas tecnocráticos representam a tendência tecnófila: reunindo os advogados de defesa das suas virtudes morais, políticas e econômicas, formam um coletivo composto, sobretudo, por profissionais e pesquisadores ligados aos negócios de informática e comunicação, como por exemplo, Dan Gilmor e Henry Jenkins;
2. Os conservadores midiáticos, em contraponto, formam grupo reunindo os promotores de acusação política e moral do fenômeno, tendo representantes, sobretudo, entre os acadêmicos literários ou militantes e os intelectuais de formação relativamente mais tradicional como, por exemplo, Dominique Maniez e Andrew Keen;
3. Os cibercriticistas constituiriam uma terceira tendência, caracterizada pelo interes-

se em refletir sobre as conexões entre cibercultura e poder (político, social e contemporâneo), levando em conta os problemas e desafios que isso acarreta para o sujeito social, em especial a figura do indivíduo, como é o caso, por exemplo, de Kevin Robson ou Lee Siegal (RUDIGUER, 2011, p. 23).

No texto *Mapeamento Temático da História da Cibercultura no Brasil*, Amaral e Montardo (2012) defendem que a *cibercultura* pode ser percebida para além dessas três tendências, sobre várias abordagens teóricas diferentes, o que passa a acontecer principalmente entre a década de 1990 e os anos 2000. Definições que dão ênfase desde aspectos contraculturais da sua história, explorados por Tuner (2006); “descrições mais fluidas, voltadas aos aspectos sociais dos fenômenos culturais emergentes como em Lévy (1999) e em Lemos (2002); como integrante da comunicação para Felinto (2007)” (AMARAL; MONTARDO, 2012, p. 2); até mesmo com foco no estudo das práticas culturais em suas relações com as tecnologias, abordados por Macek (2005), Felinto (2008) e Amaral (2008); ou ainda “uma aproximação na qual o foco seja as relações, os padrões, os meios e os artefatos de trocas de produção cultural *on-line* como para Foot (2010); e nas vinculações com a Indústria Cultural e a Teoria Crítica em autores como Trivinho (2007) ou Rüdiger (2011)” (AMARAL; MONTARDO, 2012, p. 2).

Vale ressaltar que não é objetivo central deste estudo delinear o contexto em que se desenvolvem as pesquisas sobre a *cibercultura* e suas principais ramificações, nem mesmo retomar a uma história da *internet*, tendo em vista que muitos já se dedicaram a isso, mas sim, discutir conceitualmente o termo e como este pode ser compreendido no dado momento. No entanto, a partir das citações acima, pode-se perceber que os estudos em torno da *cibercultura*, bem como sua própria definição, passam por constante transformação, com diversas conotações concebidas através das novas práticas de sociabilidades virtualizadas, o que acarreta diretamente “uma virtualização cultural da realidade humana, fruto da migração do espaço físico para o virtual mediado pelas TICs e regido por códigos, signos e relações sociais...” (TEIXEIRA, 2013, p. 6).

Com a publicação do livro *A máquina do universo*, Pierre Lévy (1987) indagou questões relacionadas ao movimento sociotecnocultural, o que o levou a refletir sobre o conceito de *cibercultura*, sendo segundo o autor, um tema no qual culturas locais e nacionais se fundem a uma cultura globalizada e virtualizada, orientada por três principais aspectos: interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva (TEIXEIRA, 2013). Tratando-se de “um conjunto de técnicas (matérias e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). Em livro posterior intitulado *Cibercultura*, o autor defende que esta expressaria “o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele, no sentido de que se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p. 12), sendo a mesma responsável por manter a universalidade ao mesmo tempo em que dissolveria a totalidade, correspondendo assim, “ao momento em que nossa espécie, pela globalização econômica, pelo adensamento das redes de comunicação e de transporte, tende a formar uma única comunidade

mundial, ainda que essa comunidade seja — e quanto! — desigual e conflitante” (LÉVY, 1999, p. 231).

Lemos (2004) parece perceber a *cibercultura* para além do que um simples fenômeno tecnológico, mas como dinâmicas sócias comunicacionais, sendo fruto de “mútuas influências, de trabalho cooperativo, de criação e de livre circulação de informação através dos novos dispositivos eletrônicos e telemáticos” (LEMOS, 2004, p. 7).

A cibercultura, ao instaurar uma cultura das redes, planetária, convivial, coletiva e colaborativa, pode enriquecer aquilo que temos de mais importante: a nossa inteligência e o nosso capital cultural que, entrando em sinergia através das redes telemáticas com outras culturas, poderá fazer a identidade de cada um legítima e a globalização um processo de riqueza cultural e de reforço de laços sociais locais (LEMOS, 2004, p.11).

Dessa forma, o autor parece crê que a *cibercultura* ao invés de ser a anunciação da morte da cultura local e nacional, pode ser vista de forma bem mais benéfica, na medida em que enriqueceria nosso capital cultural, podendo nos levar a tornarmo-nos seres culturalmente híbridos. Sendo o grande desafio da cultura e da identidade contemporâneas o “de se locomover entre uma dissolução total no global e uma ancoragem fechada sobre si mesma” (*Ibid*).

O termo *cibercultura* é definido por Rudiger (2011) em seu glossário, como um “conjunto de práticas e representações que surge e se desenvolve com a crescente mediação da vida cotidiana pelas tecnologias de informação e, assim, pelo pensamento cibernético e a civilização maquinística” (RUDIGER, 2011, p. 291). O autor acredita que vivemos em meio a uma revolução cultural, que tem suas raízes na expansão das mídias digitais interativas, de forma que:

Cibercultura é a expressão que serve a consciência mais ilustrada para designar o conjunto dos fenômenos cotidianos agenciado ou promovido com o progresso das telemáticas e seus maquinismos. Afinando o conceito um pouco mais, poderia ser definida como a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias/eletrônicas de comunicação (RUDIGER, 2011, p. 10).

O certo é que a *cibercultura* na contemporaneidade passa a fazer parte da vida dos sujeitos, ou melhor, os sujeitos passam a inserir-se no contexto da *cibercultura* por meio dos diversos canais de interação virtuais e do crescente convívio com as mais diversas inovações tecnológicas e comunicacionais, que os levam a habitar em um novo ambiente, o ciberespaço. Considerado por Lévy (1999) como um novo meio de comunicação surgido por meio da interconexão mundial dos computadores, o “ termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 14).

Tendo em vista a criação e veiculação dos conceitos de *cibercultura* e ciberespaço não serem mais novidades na área acadêmica, na medida em que cada vez mais estudiosos se de-

dicam a este campo e o número de pesquisas tende a aumentar, é que optamos por fazer uma revisão direta e breve sobre o assunto, apenas com o intuito de especificar o ambiente no qual se desenvolve a presente pesquisa. Dessa forma, procuramos evidenciar neste primeiro capítulo o caminho metodológico por nós escolhido, além de situar o ambiente em que a pesquisa é realizada, no tópico a seguir apresentamos o nosso objeto de pesquisa.

1.4 “CEM HOMENS”: QUEM SOU EU?

O *blog* Cem Homens surge em 2011 como uma espécie de celebração. Nádia Lapa havia sido diagnosticada, por volta daquela época, com menopausa precoce e já percebia sua libido indo embora, seu corpo mudando e todos os demais sintomas da enfermidade, questão que passou a atormentá-la. No entanto, com o tempo o tratamento começou a dar resultado chegando a de certa maneira reverter o quadro, o que a fez decidir “comemorar” e aproveitar ao máximo a segunda chance que estava recebendo. A partir de então a jovem resolveu que queria sentir todo o prazer que pudesse, transando com o maior número de caras possíveis, envolvendo-se assim numa meta consigo mesma de chegar ao número de cem homens no período de um ano (LAPA, 2012). Quando questionada sobre o porquê de narrar suas aventuras sexuais em um espaço consideravelmente público que é o ciberespaço, a autora explica que no início não houve um motivo específico e na verdade a ideia teria surgido através de uma conversa despretensiosa que teve.

Sobre o Cem Homens, foi uma brincadeira com uma amiga. Eu estava realmente saindo com diversos caras e numa tarde qualquer contava para ela no café sobre algo que havia acontecido aquela semana. Ela me questionou com quantos caras eu havia saído recentemente – sem nenhum julgamento, por curiosidade, mesmo. Fiz as contas, deu dois por semana (estávamos em fevereiro). Daí mandei um “caraca, se eu continuar assim, no fim do ano terão sido cem homens”. Como gosto de escrever sobre mim, surgiu o blog. Jamais imaginei que ele teria a repercussão que teve (NADIA LAPA, entrevista cedida por e-mail em 2016).

Na fala de Nádia a primeira coisa que se observa é o que Turkler (2011) classifica como sendo um dos motivos do segundo quadro de pessoas adeptas dos diários íntimos *online*: a diversão. Já que a blogueira revela que inicialmente a ideia do *blog* teria surgido em tom de brincadeira com uma amiga, passando a ganhar forma e tornar-se um registro factual na rede, entre outros motivos, por gostar de escrever sobre si mesma. Ou seja, por apreciar narrar sua própria existência registrando-a ao passo em que se ocupa consigo mesma, fato que a nosso ver estaria diretamente ligado “as práticas de si” da antiguidade grega, apresentadas por Foucault (1985b), o qual afirma se constituírem através dos “jogos de verdade”. Na medida em que é possível observar ao longo das confissões de Nádia, que estas a inserem num processo de cuidado de si, que se dá através de uma recorrente reflexão que passa a ter sobre si mesma, na medida em que

se narra, já que na medida em que o sujeito se narra, também se julga e se percebe enquanto autor da própria vida, tomando certos cuidados para consigo (FOUCAULT, 1985b).

Uma característica importante do *blog* Cem Homens é que no seu primeiro ano de existência a autora Nádia se apresenta a partir de um pseudônimo, o de Letícia Fernández, o que segundo a mesma teria sido pensado como forma de proteger sua identidade e dos rapazes com quem se envolvesse. Desde o início do *blog* ela deixou claro para os interlocutores o uso do pseudônimo.

A questão do pseudônimo é tristemente óbvia. Além de querer proteger a identidade dos rapazes, eu sabia que teria de lidar com piadas desnecessárias ou olhares julgadores das pessoas que me cercavam no trabalho, na faculdade, no *facebook*. Eu não queria lidar com isso. Mais uma vez, subestimei o alcance que o blog teria... Letícia foi um nome aleatório que escolhi simplesmente porque acho bonito. O Fernández, o “sobrenome”, foi escolhido numa troca de *e-mails* entre um grupo de amigos. Falei que tinha feito o *blog* e precisava de um sobrenome, dei ideia de alguns, eles deram ideias de outros, ficou o Fernández (NADIA LAPA, entrevista cedida por *e-mail* em 2016).

Com a escolha por um pseudônimo e a partir de sua fala, Nádia revela uma questão importante, o fato de ter consciência que o tema por ela proposto ainda hoje é motivo de julgamento, principalmente quando é discutido ou diz respeito a uma mulher. O que seria resquício de uma estrutura social que se estabelece alicerçada numa visão patriarcal do mundo, já que como denota Foucault (1988) a sexualidade dos sujeitos foi desde a era vitoriana cerceada, e nesse movimento não apenas havia locais específicos para se tratar do tema, como também à voz por ele tratada deveria ser majoritariamente adulta e masculina. A partir do século XVIII torna-se visível quatro principais conjuntos estratégicos que desenvolveram dispositivos específicos de saber e poder sobre o sexo, os quais pareciam manter eficácia no controle sobre o corpo social, que eram: a histerização do corpo da mulher; pedagogização do sexo das crianças; socialização das condutas de procriação; e psiquiatrização do prazer perverso (FOUCAULT, 1988, p. 99-100). De maneira que a figura da mulher histórica ainda hoje é uma das mais conhecidas e foi responsável por patologizar toda expressão de prazer feminino.

Ainda sobre a questão de usar pseudônimos na rede, Turkle (2011) defende que “quando as pessoas criam avatares, eles não são elas próprias, mas expressam verdades importantes sobre si mesmas” (TURKLE, 2011, p. 230). A questão do pseudônimo para a autora não desqualificaria as narrações ou lhes atribuiria caráter duvidoso, pelo contrário, mostraria uma face diferente do mesmo sujeito que assim como desenvolve diferentes papéis ao longo da vida, de filho, irmão, pai, profissional, amigo e etc., no ciberespaço desenvolveria apenas mais um papel, sendo a *internet* mais uma zona de performance para os sujeitos (TURKLE, 2011). O que parece ficar notório no trecho de uma das postagens do *blog*, em que a autora trata do seu pseudônimo como sendo ela mesma, sem haver diferença entre ele e sua identidade *off-line*, ambos fazendo parte da mesma pessoa.

[...] Enquanto eu o esperava ficar pronto, fui para a varanda pegar um pouquinho de sol do lindo dia que fazia. De lá de cima conseguia ver o prédio onde fizera o ménage alguns meses atrás (números 9 e 10). Ri da coincidência e me toquei de que sempre fui muito mais feliz do que triste na minha vida sexual, ainda que um ou outro cretino (como o 15) tenha aparecido no meu caminho. Foi o sinal para eu voltar a ser quem eu sempre fui. Eu, Letícia, sem medo. E em busca do prazer (Trecho da postagem número 16, compartilhada em 2011).

O trecho a cima foi retirado da postagem número 16, intitulada, “Uma bela recuperação”, nela a autora fala sobre a primeira relação sexual após ser extremamente ofendida e até mesmo machucada na transa com o número 15, o que a fez demorar a sair de novo com outro cara. Nesse trecho específico, Nádía até então identificada como Letícia, nos faz observar que apesar das nomenclaturas diferentes na vida *online e off-line*, ela não se sente como um personagem no espaço do *blog*, pelo contrário, é como se as duas identidades fossem lados diferentes da mesma pessoa. O que chega a afirmar posteriormente em seu livro, “vivi intensamente as experiências na pele de Letícia, como sempre vivi na minha própria pele” (LAPA, 2012, p. 139).

Com o passar do tempo e mantendo a meta de se dar todo o prazer que desejasse, Nádía passa a não apenas relatar suas conquistas e experiências, mas também os novos gostos que vai descobrindo, suas particularidades e a forma como se sente durante toda essa sua odisseia pessoal. No entanto, no meio do caminho algo ocorre e a blogueira desiste de cumprir sua meta de transar com cem homens em um ano, parando de relatar suas conquistas no número 35, o que de acordo com esta se dá devido a uma paixão. Na mesma época tem sua real identidade revelada, tornando-se assunto na grande mídia nacional ao mesmo tempo em que passa a ser julgada quanto à veracidade dos fatos por possuir uma aparência comum e não ser, estereotipadamente falando, uma “mulher fatal” com corpo e traços perfeitos, ideia vendida pela publicidade e pelo mercado pornográfico. Fatos que alteram o rumo do *blog* e mais que isso, da vida de Nádía, no entanto o *blog* continua tendo caráter confessional e desenvolvendo o papel de diário íntimo.

De 2011 até 2014/2015 Nádía removeu postagens, reescreveu seu perfil duas vezes, tentou mudar de endereço, o abandonou e voltou a escrever, e desde o início de 2015 decretou o fim do *blog*. Ao longo do tempo a autora deu ênfase a questões ligadas ao sexo e sua sexualidade, mas também já falou sobre amor, agressão, autoestima, feminismo, depressão, amizade, machismo, e alguns outros temas que fazem parte de quem ela era e de quem se tornou. Como será observado no decorrer de nossas análises.

No próximo capítulo, de cunho teórico, “Subjetividade em rede: produção de si e constituição do sujeito” pretende-se abrir uma discussão em torno da questão da subjetivação e da produção de si, com ênfase nos pensamentos de alguns teóricos da área das Ciências Sociais e Humanas que se dedicam ao assunto, tendo como principal perspectiva a de Michel Foucault, o qual procura dar ênfase ao sujeito e seu processo de subjetivação a partir de um olhar voltado para as relações de saber-poder enquanto produtoras de verdades e discursos, que por sua vez são responsáveis pela constituição dos sujeitos. Pretende-se dessa forma discorrer sobre como alguém se torna quem é, atentando para os principais aspectos responsáveis pela produção dos

sujeitos, começando com uma discussão em torno dos conceitos de sujeito e subjetividade para então caminharmos para a questão de gênero e da sexualidade, de forma a procurar perceber em que medida tais problemáticas influenciam na formação do sujeito contemporâneo. Faz-se importante ressaltar aqui, que não é questão central desta investigação elaborar uma discussão densa em torno das questões de gênero de forma a retornar a uma história do desenvolvimento dos papéis de gênero e como esta teoria se estabelece na sociedade ocidental, mas procurar atentar para como os papéis sociais de gênero influenciam ou interferem na constituição de si, tendo lugar importante na produção da subjetividade dos sujeitos contemporâneos, bem como na forma como estes se veem e são vistos pelos outros.

2 SUBJETIVIDADE EM REDE: PRODUÇÃO DE SI E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

O mundo, sobretudo o ocidente, vem passando por um processo de grandes transformações desde as últimas décadas do século XX, sendo essas mudanças consideradas por boa parte de sociólogos e filósofos como resultado do processo de globalização, que consiste em processos atuantes em escalas globais responsáveis por conectar diferentes povos e culturas colocando em xeque a antiga noção de espaço-tempo. É em meio a este processo; que segundo Giddens (1991) e Hall (2004) não pode ser pensado como algo necessariamente recente, embora tenha ganhado força a partir dos anos 70; que a internet emerge como sendo uma personificação do mesmo. Na medida em que, a partir dela surgem inúmeras tecnologias de informação e comunicação, bem como redes de relacionamentos virtuais, nas quais sujeitos distintos e em lugares remotos tem a sensação de estarem próximos ao partilharem suas experiências íntimas por meio de um simples click. Dessa forma, pode-se afirmar que a globalização e o advento da internet, juntos, são responsáveis por produzir mudanças nas diversas áreas da vida humana, desde a economia e política, até nos relacionamentos afetivos, bem como na própria noção de sujeito.

De acordo com Bauman (2004, p. 14) “em nosso mundo de velocidade e aceleração” os sujeitos contemporâneos vivem na era da incerteza, agilidade e fluidez, momento em que os diversos âmbitos da vida pública e privada passam por recorrentes transformações, o que acaba por acarretar mudanças nas relações sociais e no modo de subjetivação desses indivíduos, nos levando a questionar em qual medida a concepção moderna acerca do “sujeito” começa a ser abalada e também transformada.

Nas últimas décadas tem sido perceptível, como Hall (2000) bem expõe em sua obra, uma crescente discussão e problematização em torno do conceito de “identidade”, ao mesmo tempo em que este sofre certas críticas, o que se dá em diversos campos dentro da grande área das Ciências Sociais e Humanas, como por exemplo, na filosofia, onde a principal crítica aponta para a ideia do sujeito autosustentável, assim como também no campo da psicanálise, o qual tem colocado em questão “as concepções racionalistas do sujeito” (HALL, 2000). Mediante isto, se faz importante destacar que o foco de nossa investigação, sobretudo neste capítulo, ancora-se na discussão acerca da subjetivação e constituição do sujeito contemporâneo, embora para tanto, acreditemos ser de grande relevância iniciar com uma breve apresentação em torno do conceito de identidade e sua suposta crise, para assim melhor evidenciarmos nossa escolha pelos conceitos de subjetividade e sujeito em detrimento ao termo identidade, bem como em que medida estes conversam e divergem entre si.

2.1 IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE: TORNANDO-SE SUJEITO

A questão da identidade atualmente vem sendo bastante discutida dentro da teoria social, tal discussão sugere que desde o final do século XX estão ocorrendo mudanças no campo da identidade que podem ser responsáveis por uma suposta crise em torno do conceito. De acordo com grande parte dos teóricos que tratam dessa questão, entre os quais destacamos aqui, Hall (2004; 2000) e Woodward (2000), a possível crise estaria diretamente ligada as transformações sociais que o mundo vem enfrentando, tendo em vista que as identidades são formadas dentro e a partir de contextos sócio-históricos-culturais, emergindo por meio e em meio a práticas discursivas, assim como o próprio sujeito (FOUCAULT, 2008; 2004; 1996). Essa crise da identidade diria respeito a como o sujeito contemporâneo parece não sentir mais necessidade de se enquadrar numa identidade fixa, nem fazer parte de grupos fechados e bem definidos, transformando-a numa espécie de celebração móvel.

Hall (2004), atenta para o fato de que essas mudanças desencadeadas em grande parte pelo processo de globalização estão fragmentando concepções relativamente bem definidas até então, como a de gênero, classe, cultura, etnia e mesmo de sexo e sexualidade, questões que segundo o autor forneciam sólidas posições para os sujeitos e que agora são responsáveis pelo seu “descentramento”, já que passam a possibilitar diferentes formas de identificação.

A conceptualização do sujeito moderno, segundo Hall (2004) mudou três vezes ao longo do tempo, sendo essas diferentes concepções fundamentais para a compreensão acerca da suposta “crise de identidade”, instaurada na sociedade contemporânea. A primeira diz respeito ao sujeito do iluminismo, também conhecida como o nascimento do “indivíduo soberano”, que surgiu entre o Humanismo Renascentista (XVI) e o Iluminismo (XVIII), o qual era considerado possuidor de uma identidade unificada e centrada no próprio indivíduo, sendo este único e imutável na medida em que já nascia como tal e possuía um núcleo estável.

A segunda concepção foi a do sujeito sociológico, que se deu diante de duas importantes mudanças para a época: a primeira da teoria Darwiniana, na qual o indivíduo passou a ser biologizado, e a segunda foi o nascimento das novas Ciências Sociais que criticaram o individualismo do sujeito cartesiano. Nessa concepção a identidade não era algo autônomo, mas formava-se na relação com as pessoas importantes para o sujeito, assim como também na interação entre o eu, a sociedade e a cultura. O sujeito ainda era considerado possuidor de uma essência ou núcleo, no entanto este se modificava de acordo com a sua interação com o mundo exterior, existindo dessa forma um diálogo entre o interior e o exterior dos sujeitos (HALL, 2004).

Por fim, a terceira trata da concepção do sujeito pós-moderno, o qual não possuiria identidade fixa e permanente, sendo ela produzida e reproduzida de acordo com os sistemas culturais e sociais aos qual o sujeito é apresentado, passando a ser definida bem mais historicamente do que mesmo biologicamente. De tal forma, entende-se que o sujeito pode possuir diferentes identidades em momentos variados, ou no mesmo momento, assim como também

identidades contraditórias, sendo esta construída como uma espécie de colcha de retalhos, de acordo com as múltiplas identificações que o sujeito vai adquirindo e descartando ao longo da vida, não sendo assim obrigado a identificar-se com apenas um modo de ser e ver o mundo. Deste fato é que decorreria a ideia de fragmentação e liquidez defendida por Bauman (2004; 2007).

Nesse momento parece existir um deslocamento do termo “identidade” para “identificação”, embora contrário ao que muitos possam pensar o segundo difere do primeiro, estando bem mais ligado a questão da subjetividade, o que nos levar a crer que tal deslocamento se faria na verdade, da questão da identidade para a subjetividade. De todo modo, o termo identificação é visto dentro da abordagem discursiva e pela área da psicanálise como algo que nunca está completo e, portanto sempre estará em processo. Freud (1921/1991) afirma que as identificações “não são de forma alguma, um sistema relacional coerente. Coexistem no interior de uma agência como um superego [supereu], por exemplo, demandas que são diversas, conflituosas e desordenadas” (FREUD, 1921/1991, p. 208. In. HALL, 2000, p. 107).

Uma questão intrinsecamente ligada ao conceito de identidade e que se faz importante destacar é o da “diferença”, não podendo se pensar na primeira sem a existência da segunda, na medida em que a identidade é marcada e postulada pela diferença, que por sua vez se sustenta na exclusão, estabelecendo assim um sistema relacional entre ambas, como Woodward (2000) explica em sua obra, ao tratar da questão das identidades nacionais, com o exemplo do conflito entre os sérvios e os croatas,

Essa história mostra que a identidade é relacional. A identidade sérvia depende, para existir, de algo fora dela; a saber, de outra identidade (croácia), de uma identidade que ela não é, que difere da identidade sérvia, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista. A identidade sérvia se distingue por aquilo que não é. Ser um sérvio é ser um “não-croata”. A identidade é, assim, marcada pela diferença (WOODWARD, 2000, p. 09).

A partir dessa citação pode-se afirmar que as identidades são construídas na e por meio da diferença num processo relacional, sendo o outro aquilo que eu não sou e eu o que falta nesse outro, principalmente quando a questão se volta para as identidades culturais. Pensamento que Derrida (1991), filósofo francês, já postulava, no entanto dando ênfase para o termo subjetividade em detrimento do de identidade, ao afirmar que,

A subjetividade – como a objetividade – é um efeito de *différance*, um efeito inscrito em um sistema de *différance*. É por isso que o *a* da *différance* lembra também que o espaçamento é temporização, desvio, retardo, pelo qual a intuição, a percepção, consumação, em uma palavra, a relação com o presente, a referência a uma realidade presente, a um ente, são sempre diferidos. Diferidos em razão do princípio mesmo de diferença que quer que um elemento não funcione e não signifique, não adquira ou forneça seu “sentido”, a não ser remetendo-o a um outro elemento, passado ou futuro, em economia de rastros (DERRIDA, 1991, p. 34-35. In. CORACINE, 2009, p. 31).

Dessa forma, por recusar o termo identidade, o autor acredita que a produção da subjetividade do sujeito se dá por meio do outro, do diferente, sendo a subjetividade um efeito da diferença. Sobre essa questão da diferença não se pode deixar de comentar que esta foi tema de estudo e problematização deleuziana, sobretudo, na obra *Repetição e diferença*, na qual Deleuze (1988) procura pensá-la a partir de uma lógica própria, em que a diferença e a repetição não sejam simplesmente reduzidas a uma diferença conceitual ou uma diferença sem conceitos, mas acreditando na existência de uma causa, motor, ou razão interna e positiva que a determine (BIANCO, 2002). Nessa sua ontologia da diferença, como é considerada, Deleuze (*Ibid.*) acredita que não se pode reduzir o ser à questão da identidade, mas sim, a produção da diferença, separando aqui essas duas questões, de forma a pensar que a identidade limitaria o sujeito e a diferença aí não efetuaria seu real papel.

Partindo da linha de raciocínio de Woodward (2000) e Derrida (1991), que colocam a questão da diferença como essencial para a formação do sujeito, é que podemos observar o por que de Hall (2000) compreender a construção deste como um ato de poder, na medida em que o sujeito seria construído por meio de jogos de exclusão e poder, nos quais é colocado numa posição estratégica, que se dá por meio das práticas discursivas nas quais este se insere. Pensamento que parte em grande medida das análises desenvolvidas por Foucault, o qual compreende que ao mesmo tempo em que “o sujeito humano é colocado em relações de significação, é igualmente colocado em relações de poder muito complexas” (FOUCAULT, 1985, p. 232), na medida em que percebe o poder não como algo concreto e palpável, mas como uma força que permeia as relações sociais, bem como as práticas discursivas, se apresentando por meio destas.

Dessa forma, se faz necessário compreendermos o conceito de prática discursiva, que por sua vez está atrelado à noção de discurso, ambos trabalhados por Michel Foucault, para assim podermos atentar para como o autor compreende o processo de constituição do sujeito, na medida em que o mesmo teorizou sobre a produção dos sujeitos por meio dos discursos. O discurso para Foucault (2008) pode ser compreendido enquanto um conjunto de enunciados, que não só designa as coisas, mas as produzem, podendo ser tido como práticas que,

formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Para o autor o discurso vai além de um mero conjunto de signos que designam coisas, compreendendo-o bem mais enquanto práticas que criam essas coisas. Caminhado do conceito de discurso, Foucault (2008) se dedica a pensar na questão do enunciado e da função enunciativa, compreendendo tais de maneira geral enquanto unidade elementar do discurso, no entanto, sem ser uma estrutura, enunciação ou mesmo uma frase, mas “uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis” (FOUCAULT, 2008, p. 98), dessa forma o mesmo “quis definir as posições e funções que o sujeito podia ocupar na diversidade

dos discursos” (*Ibid.* p.225). Sobre as práticas discursivas, o autor as percebe como “regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2008, p.133), ou seja, seriam as práticas discursivas diferentes formações de saberes articulados, de forma que cada prática discursiva pode ser considerada como uma formação discursiva composta por saberes que conversam entre si sobre determinado assunto, numa determinada época, cultura e realidade social. Sendo o discurso composto por determinadas práticas discursivas, uma vez que este é marcado sócio-histórico-culturalmente. De forma que, “toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2008, p. 205), estando o sujeito situado em meio a esses saberes, ou seja, em certas práticas discursivas.

Faz-se importante frisar que nosso foco aqui não é discutir de maneira aprofundada o trabalho de Foucault (2008; 1996) quanto ao campo do discurso e da Análise de Discurso, muito menos dar ênfase a questões como, enunciado e práticas discursivas, mas atentar para como seus estudos em torno dessa temática estão ligados e contribuem para a questão da produção dos sujeitos. Ao discutir a questão do sujeito no dado momento, Hall (2000) parte em grande medida das ideias de Foucault (*Ibid.*), quanto a como o indivíduo se constitui, afirmando que o que se faz necessário num primeiro momento é pensar qual a posição que este ocupa e como se dá a relação do mesmo com as práticas discursivas, sendo para ele na rearticulação entre os sujeitos e essas práticas que a questão da identidade volta a surgir, considerando o conceito de identidade bem mais estratégico e posicional, do que essencialista (HALL, 2000).

Esta concepção não tem como referência aquele segmento do eu que permite, sempre e já, “o mesmo”, idêntico a si mesmo ao longo do tempo. [...] Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplicitamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2000, p. 108).

De fato o que se constata é que as identidades no dado momento, deixam de ser sólidas e permanentes, sendo compreendidas a partir das posições que o sujeito assume dentro e por meio de determinadas práticas discursivas, podendo ser consideradas de forma mais direta, como “posições-sujeitos que as práticas discursivas constroem para nós” (*Ibid.* p. 112), sendo “produzidas em momentos particulares no tempo” (WOODWARD, 2000, p. 38).

A grande questão talvez seja que essas posições, diferentemente do que acontecia no início da era moderna, ao invés de serem firmes e bem delimitadas, são agora cada vez mais maleáveis e indeterminadas, o que se dá pelo fato da própria estrutura social da qual fazemos parte está passando por um processo de constante mudança, no qual as antigas certezas sobre o homem, a natureza e o mundo, que proporcionavam uma sensação de segurança e domínio sobre os fatos, agora se diluem em incertezas e questionamentos (BAUMAN, 2004), sendo

colocadas em xeque e cada vez mais discutidas e repensadas. O que teve início com a onda dos “novos movimentos sociais” que emergiram nos anos 60, questionando a visão essencialista em torno das identidades e “reivindicando o direito de construir e assumir responsabilidade por suas próprias identidades” (WOODWARD, 2000, p. 35), ao enfatizar em grande medida a fluidez das mesmas, fato que parece encontrar seu auge nos dias atuais e ser responsável pelo atual panorama em que se estabelece a crise da identidade.

Diferente do que muitos possam pensar os termos “identidade” e “subjetividade” não estão um para o outro enquanto sinônimos ou coisa do tipo, embora não sejam de fato totalmente dissonantes, estando ligados entre si. A subjetividade diz respeito as nossas emoções e pensamentos tanto na esfera consciente quanto inconsciente, responsável pela formação e compreensão que temos sobre nosso eu, envolvendo dessa forma, nossas emoções e motivações mais íntimas.

A subjetividade pode ser tanto racional quanto irracional. Podemos ser – ou gostaríamos de ser – pessoas de cabeça fria, agentes racionais, mas estamos sujeitos a forças que estão além de nosso controle. O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade (WOODWARD, 2000, p. 55).

Woodward (2000), assim como Foucault (2004; 1996; 1985), atenta para o fato de que a vivência da subjetividade se dá necessariamente dentro de determinados contextos sócio-histórico-culturais, concretizando-se por meio da linguagem, que por sua vez nos insere, ou nos leva a inserirmos em certas práticas discursivas. Sendo ela, a subjetividade, o que nos permite explicar as razões pelas quais nos apegamos e adotamos determinadas identificações.

Enquanto a identidade seria a posição que nos colocamos diante de certas práticas discursivas, o que se dá em grande medida pela nossa identificação com estas, a subjetividade diria respeito ao nosso eu consciente e inconsciente, repleto de contradições, memórias, medos, alegrias, projeções e inúmeros sentimentos e pensamentos responsáveis por constituírem as concepções à cerca de quem somos (WOODWARD, 2000). Dessa forma, por vivermos um momento em que os sujeitos não apenas abandonam identidades fixas e bem definidas, como também passam cada vez mais, a construir a si mesmos por meio de recorrentes processos de subjetivação (HALL, 2000/2004), estando estes a todo o momento se reelaborando, é que optamos aqui por pensar bem mais sobre os modos de subjetivação e produção do eu, percebendo a subjetividade como sinônimo da diferenciação.

Além de Foucault, outros autores contemporâneos das ciências sociais e humanas que refletem sobre a questão da subjetividade, são Guattari (2000; 1999) e Deleuze (2000), ambos destacando seu caráter processual e produtivo.

Foucault (1984) parte em grande medida da questão do poder disciplinar para compreender o processo de construção das subjetividades, estando este poder caracterizado por catalogar, investir e produzir as individualidades, ao invés de simplesmente destruí-las, o que se

dá por meio da atuação de instrumentos comuns destacados pelo próprio autor, como a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame de si mesmo. Dessa forma seria a burguesia, enquanto detentora dos meios de produção do sistema capitalista que vai investir na produção desse poder disciplinar, como forma de tentar aumentar seus lucros, o que se dará por meio do controle dos corpos e dos atos da grande massa. Controle este nomeado por Foucault (1984) enquanto métodos disciplinares, que “permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade...” (FOUCAULT, 1984, p. 118). O que pode ser percebido, por exemplo, por meio do discurso médico e psiquiátrico, que passa a partir de certo momento histórico a possuir *status* de verdade, patologizando sujeitos e atitudes na mesma medida em que normatiza formas de ser e se relacionar consigo mesmo e com o corpo.

A partir de então é que o corpo dos sujeitos passa a ser disciplinado e individualizado por meio de mecanismos que controlam seu tempo e suas atividades, o que acaba por criar não apenas uma potencialização da individualidade, como já explicitado, mas analogamente uma experiência subjetiva dentro de uma determinada realidade histórica e social (LEITE; DIMENSTEIN, 2002, p. 19). Na medida em que se percebe aqui o poder, não apenas como uma sanção normalizadora que submete os sujeitos àquilo que outorga, mas, enquanto uma força que permeia e transpassa todas as relações, só existindo com a aceitação dos próprios indivíduos, podendo assim ser pensado enquanto relações de poder, como evidencia Foucault (1995) ao afirmar que, “o poder circula, funciona em cadeia. Os indivíduos estão na posição de exercê-lo ou sofrer sua ação” (FOUCAULT, 1995, p. 37). Pensamento que situa o sujeito no domínio das condições históricas de sua produção, da “tensão estabelecida nas relações de poder que faz emergir, em dado contexto, uma possibilidade discursiva para o sujeito” (LEITE; DIMENSTEIN, 2002, p. 18).

Foucault (1995) aponta assim, três principais modos de subjetivação, pelos quais os indivíduos tornaram-se sujeitos em nossa cultura ocidental. O primeiro seria o modo de investigação, responsável por objetivar o discurso e as ações do sujeito, tentando dessa forma atingir *status* de ciência; o segundo diz respeito às “práticas provisórias” que objetivariam o sujeito a partir do seu lugar social e de suas relações com os outros; e por fim, o terceiro seria o do domínio da sexualidade, em que “os homens aprenderam a se reconhecer como sujeitos de sua sexualidade” (FOUCAULT, 1995, p. 231-232).

É importante esclarecer que tanto para Foucault (1995) como para Woodward (2000), o termo sujeito é compreendido de duas principais maneiras, a primeira como sujeito a alguém pelo controle e dependência, e a segunda, preso a sua própria identidade, por uma consciência ou autocontrole, estando ambas as perspectivas sugerindo uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a algo ou alguém. O que é perceptível na fala de Woodward (2000), quando este trata da questão do discurso ao afirmar que, “quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos

que, dessa forma, se posicionam a si próprios” (WOODWARD, 2000, p. 55). Parte-se assim do princípio de que a produção da subjetividade não se dá sem a presença do outro, uma vez que para Foucault (*Ibid.*) ela sempre é construída num processo relacional por meio da ação social e política exercida sobre os sujeitos em determinados períodos históricos. No entanto, é preciso que fique claro que os processos de subjetivação não são puramente fruto dessa construção por meio do outro e das práticas discursivas, passando também por um trabalho de si sobre si mesmo, no qual os sujeitos se percebem enquanto agentes de suas subjetividades, por vezes se fazendo resistir aos discursos dominantes.

Tais questões são problematizadas por Foucault (1985b) a partir do Grécia antiga, passando pelo período imperial Romano até o início da era moderna, de forma mais acentuada no último volume da “*História da sexualidade*”, no qual utiliza as ideias de “cuidado de si” e “práticas de si” desenvolvidas pelos antigos gregos, para perceber como os indivíduos se constroem como sujeitos ao longo do tempo.

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a *techne* tou biou sob as suas diferentes formas – se encontra dominada pelo princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. Mas é necessário precisar; a ideia segundo qual deve-se aplicar-se a si próprio, ocupar-se consigo mesmo (*heautou epimeleisthai*), é, de fato, um tema bem antigo na cultura grega. Ele apareceu bem cedo como um imperativo amplamente difundido (FOUCAULT, 1985b, p. 49).

Essa “cultura de si” traduz basicamente a necessidade de o indivíduo ocupar-se consigo mesmo, tendo cuidados com seu corpo e sua alma, para assim construir-se enquanto sujeito, de forma a estetizar sua existência por meio de um relacionamento intenso consigo próprio no qual não seriam as normas sociais os mecanismos a manter controle sobre estes, mas uma noção um tanto quanto mais subjetiva acerca do que se deve fazer para manter o equilíbrio e a saúde do corpo e da alma, que passa a ser traduzido por meio de práticas para consigo mesmo.

A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas. Ao analisar a experiência de si, o objetivo é “... analisar, não os comportamentos, nem as ideias, não as sociedades, nem suas “ideologias”, mas as problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam” (LARROSA, 1994, p. 08).

Essa experiência de si pode ser considerada tanto uma constituição histórica como cultural, dentro das singularidades de terminada sociedade e época, que se desenvolve permeada pelas relações de poder e jogos de verdade, constituintes das práticas discursivas. Dessa forma, cada sociedade e época possibilitam o surgimento de dispositivos de controle e repertórios próprios, que podem ser utilizados para a constituição dos sujeitos e essa experiência de si, valendo ressaltar que a falta ou negação desse repertório também pode possibilitar, na medida em

que não se deve partir da ideia de causa e efeito, entendendo toda a trama social que envolve os sujeitos contemporâneos como uma rede de relações, na qual inclusive, esses sujeitos podem se fazer resistir ao discursos dominantes.

Um exemplo desse cuidado de si e constituição do eu por meio das práticas discursivas de cada época e cultura pode ser perfeitamente percebida ao compararmos, por exemplo, os jovens do início do século XX, com os do século XXI. Enquanto os primeiros se afirmavam enquanto tais, em sua maioria, por meio de suas famílias e a posição que possuíam na sociedade, o que afetava diretamente sua forma de vestir, falar e ver o mundo. Os jovens do final do século XX e início do XXI, não necessariamente precisam ser de uma família Y e de uma classe social mais abastarda para conhecerem outros países, por exemplo, vestirem roupas da moda e adquirem gostos musicais e culinários X. Da mesma maneira, a forma como ambos refletiam e cuidavam de si mudou drasticamente, se antes o confidente era um diário, o padre ou o melhor amigo, hoje a internet parece desempenhar bem esses papéis, não que os mesmos tenham desaparecido, mas, as possibilidades é que foram ampliadas, uma vez que os dispositivos de subjetivação são outros. O sujeito da contemporaneidade parece construir a si mesmo de maneira mais espontânea, quase que com a mesma facilidade em que escolhe um produto numa prateleira.

Guattari (2000; 1999) prefere pensar a subjetividade enquanto produção de subjetividades, de forma a atentar para as condições de produção desses sujeitos, que segundo ele, seriam os dispositivos⁶ e agenciamentos (DELEUZE, 2000) pelos quais determinados modos de subjetivação passam a surgir, descrevendo a subjetividade enquanto,

o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva (GUATTARI, 2000. p. 19).

O que o autor propõe é que a subjetividade se produz e se expressa tanto por meio da individualidade do sujeito, quanto também por meio do plano social, no qual o indivíduo desenvolve relações com os outros. De maneira que, “as condições de produção da subjetividade estão ligadas a fatores heterogêneos que, de forma transversal e não hierárquicos, se arranjarão para secretar novas formas subjetivas” (LEITE; DIMENSTEIN, 2002, p. 19). Fatores estes que variam desde as questões intersubjetivas manifestadas pela linguagem, passando pelas questões institucionais de diferentes naturezas, até dispositivos maquínicos e universos incorporais (GUATTARI, 2000, p. 20). Nesse último ponto podem se enquadrar, trazendo para o contexto atual, as relações mediadas pelos computadores e aparelhos móveis no plano da cibercultura,

⁶ “O dispositivo ‘é antes de mais nada uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objeto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam umas das outras (DELEUZE, 2005, p. 83-84. *Apud.* CORACINI, 2009, p. 30).

que acreditamos aqui afetarem diretamente a forma como os sujeitos se relacionam consigo mesmos e se produzem enquanto tais.

Para Guattari (*Ibid.*) é nessa rearticulação entre as diferentes instâncias e fatores presentes no corpo social e em todos os âmbitos da vida do sujeito, que a produção da subjetividade se dá, inscrevendo-se nas esferas conscientes e inconscientes destes. O autor também acredita que na sociedade moderna os mercados capitalistas apresentam-se como um dos grandes produtores de subjetividade, não existindo para ele grande diferença entre as relações de produção de riquezas e as relações de produção das subjetividades, acreditando assim que o capitalismo produziria antes de tudo subjetividades (1999).

A subjetividade permanece hoje massivamente controlada por dispositivos de poder e de saber que colocam as inovações técnicas, científicas e artísticas a serviço das mais retrógradas figuras da socialidade. E, no entanto, é possível conceber outras modalidades de produção subjetiva – estas processuais e singularizantes (GUATTARI, 1999, p. 190-191).

Nessa perspectiva é que o autor vai pensar na questão da subjetividade serializada, ou melhor, conectada a uma lógica consumista, a qual nomeia de subjetividade capitalística. Lembrando sempre que as subjetividades também se constroem por meio da negação de tais fatores e instâncias de poder, na medida em que encontram brechas para tal, inscrevendo-se sempre no plano da historicidade, seja reproduzindo a lógica do mercado ou desenvolvendo novos contornos subjetivos (LEITE; DIMENSTEIN, 2002).

Deleuze (2000) por sua vez, que nega toda e qualquer tentativa de prisão do sujeito numa identidade móvel e fixa por acreditar na necessidade da relativização desta, discute o assunto trabalhando com a noção de processos de subjetivação. Para o autor, que também se apoia em grande medida no pensamento de Foucault, o sujeito no lugar de possuir uma identidade estável, passa a ser afetado por agentes múltiplos responsáveis por subjetiva-lo, o que o leva a procurar analisar os,

Estados mistos, agenciamentos, aquilo que Foucault chama de dispositivos (...). É nos agenciamentos que encontraríamos focos de unificação, nós de totalização, processos de subjetivação, sempre relativos, a serem sempre desfeitos a fim de seguirmos ainda mais longe uma linha agitada (DELEUZE, 2000, p. 109).

Para Deleuze (2000) a subjetividade seria então, em grande medida produto dos dispositivos, leia-se também agenciamentos, que dão lugar a um sujeito inserido num dado momento sócio-histórico-cultural, o qual nunca estaria acabado, mas sempre em processo de produção de si, o que permite o aparecimento de subjetividades múltiplas.

Pode-se perceber a forma como os dispositivos de um determinado contexto histórico e social incidem diretamente no processo de subjetivação dos indivíduos, se pegarmos como exemplo a maneira como a constituição do ser mulher se dava na primeira metade do século XX em comparação com o última metade e início do XXI, uma vez que os repertórios e as

práticas discursivas em torno da sexualidade feminina passaram por recorrentes mudanças, o que permitiu a produção de sujeitos distintos. No início do século passado, por exemplo, era inconcebível uma mulher jovem e adulta falar abertamente sobre seus desejos, devido às normas sociais e mesmo jurídicas em torno dos direitos das mulheres, baseadas numa sociedade extremamente patriarcal. Na contemporaneidade embora ainda existam reminiscências desse patriarcado e machismo, como veremos adiante, não apenas é comum, mas corriqueiro, mulheres e homens falarem abertamente no seu núcleo familiar e círculo de amigos, de seus desejos, relacionamentos íntimos e práticas sexuais, tendo em vista que as mulheres conquistaram inúmeros direitos ao longo do tempo, responsáveis por igualá-las aos homens enquanto sujeitos civis, dando-lhes um novo repertório, no qual a censura parece passar para um campo simbólico. O que acontece no caso de Nádia Lapa, que ao escrever sobre suas práticas sexuais no *blog Cem Homens*, não apenas exhibe suas experiências, como também sua própria subjetividade. Fato que é possível por diversas questões, entre as quais: estar inserida numa sociedade em que as mulheres são sujeitos livres, em que a informação está disponível para todos por meio dos avanços tecnológicos, e em que o ciberespaço possibilita interação instantânea entre os mais diversos sujeitos espalhados pelo mundo. Fatos estes, que, no entanto, ainda não a permitem ser tida simplesmente como uma mulher comum de sua época, na medida em que expor as práticas sexuais num espaço público como o ciberespaço, ainda não é algo considerado “normal”, mas pelo contrário, acaba sendo uma forma de subversão a ordem moral estabelecida, o que faz dela uma mulher que rompe com as normas sociais e simbólicas vigentes, na medida em que toma o lugar histórico do homem enquanto garanhão (GIDDENS, 1993), subvertendo assim o próprio falo⁷, como veremos mais adiante nas análises do *blog*.

No próximo tópico procuramos discutir como os sujeitos constituem a si mesmos por meio da relação que mantêm com sua sexualidade, de forma a atentar para como a sexualidade e as construções sociais de gênero incidem no processo de subjetivação dos sujeitos contemporâneos, sobretudo do ser mulher, tornando estes não apenas sujeitos de gênero e sexualidade, mas sujeitos que governam a si mesmos, na medida em que tomam as rédeas de sua sexualidade e rompem com as antigas dicotomias naturalizadas por meio das performances de gênero.

2.2 SUJEITOS DE SEXUALIDADE E DE GÊNERO

Partindo do princípio de que a construção de si se dá antes de tudo pelo domínio da sexualidade, fato abordado por Foucault em sua obra tardia *História da sexualidade*, e constatado por Touraine (2011) por meio de sua pesquisa de campo sobre as mulheres, na qual afirmar que, “a construção de si é construção de uma sexualidade a partir de uma experiência do corpo,

⁷ Entende-se aqui o *falo* não simplesmente por meio da sua tradução radical enquanto órgão genitor masculino; pênis; mas a partir da perspectiva apresentada por Butler (2010) que por sua vez parte dos estudos em Lacan e Freud, compreendendo-o enquanto uma força dominante e de completude, intrinsecamente ligada à questão da masculinidade. Ver mais Butler (2010).

na qual o sexo ou o desejo sexual é um de seus aspectos principais” (2011, p. 56), é que nos propomos aqui a discutir em torno do que consideramos como duas principais categorias para percepção dos sujeitos contemporâneos: a sexualidade e o gênero.

O termo sexualidade pode ganhar diferentes conotações, na medida em que depende das experiências e concepções subjetivas de quem o enxerga, sendo o contexto no qual o sujeito está inserindo responsável em certa medida pelo seu olhar negativo ou positivo sobre este, uma vez que a nosso ver tanto a sexualidade quanto o corpo seriam historicamente e culturalmente produzidos (BUTLER, 2010). Os estudos modernos sobre a sexualidade organizam-se em dois principais sentidos, de um lado os que se apoiam no construtivismo e do outro no essencialismo. Os primeiros enfatizando a preeminência do social e cultural, passando pela aprendizagem de regras e roteiros; enquanto os últimos associam-se normalmente à área da biomédica, fazendo referência à natureza humana, ou seja, algo já dado (HEILBORN, 2002). Dentro da grande área das ciências sociais e humanas, os estudos sobre a sexualidade apontam para a formação desta e das experiências sexuais intrinsecamente ligadas ao meio social e histórico.

A sexualidade enquanto tal pode ser considerada uma invenção relativamente recente, datada do século XVII, sendo a partir de então pensada como dimensão reveladora da natureza íntima do indivíduo, o que se dá por meio do surgimento de saberes e discursos reguladores desta, entre os quais estão as instâncias médicas, psiquiátricas e jurídico-punitivas (HEILBORN, 2002), que tomam a sexualidade e o sexo como uma verdade inerente aos sujeitos, no entanto, verdade esta que deve ser discutida apenas em locais específicos e adequados, sendo cuidadosamente encerrada nestas instâncias e a partir de então reprimida. “A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar” (FOUCAULT, 1988, p. 9). A partir de então, o sexo limita-se a reprodução e o casal reprodutor, heterossexual, passa a ser o modelo ideal, sendo todas as outras práticas sexuais que não se encaixam nessa concepção negadas. Dentro dessa perspectiva é que Heilborn (2002, p. 7), afirmar que, “a própria ideia de que há um desejo sexual que se organiza em termos de heterossexualidade e homossexualidade é muito peculiar à nossa sociedade ocidental”, o que Foucault (1988) afirma ao longo de sua obra, *História da Sexualidade*, ao relatar que em outros tempos históricos não havia categorização das práticas, ou seja, as noções de heterossexual e homossexual nem sequer eram problematizadas. Sobretudo até o início do século XVII os gestos eram diretos, “discursos sem vergonha, transgressões visíveis, anatomias mostradas e facilmente misturadas, crianças astutas vagando, sem incômodo nem escândalo, entre os risos dos adultos: os corpos ‘pavoneavam’” (FOUCAULT, 1988, p. 9).

A partir do século XVII, no entanto, o campo da sexualidade humana parece começar a ser alvo de uma repressão social, na qual sobre o sexo se deveria apenas calar, no entanto, simultaneamente como nos mostra Foucault (*Ibid.*) surge um grande ruído em torno do silêncio sobre o sexo, de forma que a interdição ao invés de tirá-lo das discussões, acaba por colocá-lo num lugar próprio, onde os discursos em torno do mesmo se multiplicam, ganhando, seja por

meio da ciência ou da religião, *status* de verdade. Assim, no lugar da hipótese repressiva, amplamente discutida, simplesmente reprimir a sexualidade e silenciar em torno do assunto, acaba por criar verdades para o mesmo, o que irá incidir diretamente na forma como os sujeitos se veem e se colocam diante de sua própria sexualidade.

[...] não pretendo afirmar que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascarado ou desconhecido desde a época clássica; nem mesmo afirmo que a partir daí ele o tenha sido menos do que antes. Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da idade moderna (FOUCAULT, 1988, p 17).

O que passa a ocorrer desde o século XVII não pode simplesmente ser encarado sob a ótica de repressão, mas ao mesmo passo em que isso ocorre, nasce a *scientia sexualis*⁸ e a *ars erotica*⁹, ou seja, toda uma produção de discursos sobre o sexo e a sexualidade humana, com o objetivo maior de manter controle sobre os sujeitos e seus corpos, mas que paradoxalmente acaba por levar o sexo a ser mais discutido do que nunca na história do ocidente. De forma que o sexo nas sociedades cristãs torna-se algo passível de vigilância, que era preciso examinar e confessar, uma vez que só se podia falar da sexualidade para proibi-la. Ao mesmo tempo, esta ganha como território o âmbito da linguagem, ainda que de maneira clandestina por meio de textos e relatos considerados obscenos e pornográficos, sendo esta não apenas uma forma de resistência dos sujeitos, mas uma guinada subjetiva, na medida em que muitos escreviam em primeira pessoa, como verdadeiras confissões (FOUCAULT, 1988).

A partir de então os indivíduos passam a se perceberem como sujeitos portadores de uma sexualidade que lhes é inerente antes mesmo de seu nascimento e que desde já lhes inscreve dentro de práticas discursivas pré-estabelecidas. Fato que também vai se dá por meio do ato da confissão abordado por Foucault (1988), na medida em que ao ser realizada para um padre ou para um médico pode ser considerada como uma relação de poder na qual um sujeito se submete a revelar sua intimidade e seus segredos a outro, ao mesmo tempo em que é também um ritual onde a enunciação em si produz sobre quem a articula modificações, o que acreditamos ocorrer nos relatos intimistas na internet, sobretudo nos *blogs* confessionais.

Touraine (2011) também acredita que o nível mais elevado da construção de si por meio da sexualidade não se dá através da relação com o outro, ainda que esta seja importante e faça parte do processo, mas sim, por meio de um permanente retorno a si mesmo, que pode ser encarado como uma afirmação de si enquanto ser desejante. O que parte da crença de que, “a sexualidade reordena os impulsos sexuais para que eles iluminem a experiência humana e contribuam na criação do ator, que age sobre ele mesmo ao invés de ser determinado pelo meio

8 Traduzido significa, “ciência sexual”, que remete ao surgimento de saberes e discursos científicos em torno da sexualidade, normalizando e patologizando certas práticas. Ver mais em Foucault (1988).

9 Seria segundo Foucault (1988, p. 57) a verdade extraída pelo próprio prazer, que se dá bem mais nas sociedades orientais.

ambiente” (TOURAINÉ, 2011, p. 63). Giddens (1993), por sua vez, percebe a sexualidade na modernidade, como um “aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais” (GIDDENS, 1993, p. 25), ou seja, como um aspecto constituinte do sujeito, que o insere num processo de subjetivação. Processo este, que no dado momento parece se dá bem menos pautado nas relações sociais das performances de gênero, e bem mais numa relação consigo mesmo em que o corpo, o desejo e o prazer vêm em primeiro lugar, antes mesmo de uma problematização acerca de sua sexualidade.

Heilborn (1999) em sua pesquisa sobre as trajetórias biográficas de homens e mulheres residentes do Rio de Janeiro (Brasil), com o intuito de analisar qual o lugar e o papel da sexualidade no processo de subjetivação destes, buscou atentar para os vínculos entre a esfera sexual e as relações de gênero e sexualidade. A autora explica que a importância que se dá para a sexualidade e o papel que esta ocupa no processo de subjetivação variam de acordo com a cultura e a sociedade, podendo inclusive vir a variar dentro de uma mesma estrutura social, como seria o caso do Brasil, em que apesar da força dos movimentos feministas e da emancipação da mulher do lar, o machismo ainda se faz bastante presente.

A sexualidade não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com que as pessoas se deparam. A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem a carreiras sexuais/amorosas (HEILBORN, 1999, p. 01).

A sexualidade assim, não pode ser compreendida simplesmente enquanto sinônimo de atividade sexual, uma vez que isso a limitaria ao ato físico, sendo esta, mais do que uma entidade universal, uma unidade ficcional, na medida em que sua noção depende de um determinado contexto cultural, sendo como explica Foucault, “historicamente instituída como um domínio portador de sentido em si mesmo” (FOUCAULT, 1977. *Apud.* HEILBORN, 1999, p. 1). Assim, embora o termo sexualidade não seja sinônimo de atividades sexuais, é fato que essas atividades fazem parte de sua constituição, possuindo importância em como os sujeitos a percebem e se percebem. O que levou a autora a traçar roteiros sexuais de seus entrevistados, entendendo como roteiros “lembranças anteriores, ligadas à familiaridade com o tema do sexo, à socialização do gênero e as às redes sociais que abrigam essa trajetória” (*ibid.*), bem como também, a sucessão de experiências levando em consideração as circunstâncias em que acontecem e o intervalo entre estas, além de características sociais de cada sujeito, como: o contexto familiar, a classe social e a percepção que se tem sobre seu próprio corpo. Elementos que juntos, “fornecem as balizas para o processo de modelação da subjetividade entendido como as circunstâncias sociais e biográficas que ensejam o sentido do eu” (*Ibid.* p.2). No entanto, é importante esclarecer, que não se acredita aqui que tais características determinam de modo hermético o

sujeito que irá se formar a partir delas, uma vez que acreditamos ser preciso pensar o sujeito para além de um ser passivo, mas como ator social capaz de estabelecer resistência aos saberes e poderes de seu tempo, pois, “o ponto mais intenso das vidas, onde se concentra sua energia, fica exatamente ali onde elas se chocam com o poder, se debatem com ele, tentam utilizar suas forças e escapar de suas armadilhas” (FOUCAULT, 1977. *apud.* CARDOSO, 2002, p. 02).

Ao analisar os roteiros sexuais, traçados com homens e mulheres de 20 a 40 anos distribuídos em dois grupos: o primeiro composto por sujeitos de classes sociais menos favorecidas, sem nível superior e moradores de periferias; e segundo por sujeitos de classe média, com nível superior completo ou incompleto. Heilborn (1999), atenta para as características que se fazem comuns entre os sujeitos, sendo a iniciação sexual um dos fatores de grande relevância para a constituição da subjetividade de forma quase unânime, uma vez que para os homens marca a constituição de sua masculinidade e para as mulheres sua inserção na vida adulta. No entanto essa iniciação sexual ganha conotações diferentes de acordo com o gênero e a classe social do sujeito. Entre os homens entrevistados, por exemplo, a autora destaca que os do primeiro grupo tiveram sua primeira relação sexual muito cedo, por volta dos 12 e 13 anos, enquanto os do segundo grupo só foram ter quatro anos depois (HEILBORN, 1999, p. 4-5), fato que segundo a autora ocorreria devido ao ócio e a maior liberdade que os indivíduos do primeiro grupo possuíam, já que não apresentavam uma rotina escolar tão intensa quanto os do segundo.

Sobre a iniciação sexual das mulheres, Heilborn (1999) percebe que diferente dos homens que não necessariamente tinham uma parceira fixa, as mulheres se preocupavam bastante com quem a relação se daria, escolhendo com cautela. Com relação à idade em que o ato ocorre não há muita diferença entre as mulheres e os homens, principalmente para as mulheres mais jovens entrevistadas, uma vez que para as mais velhas o sexo só deveria ocorrer depois do casamento. No entanto, tal fato não foi percebido como uma regra em ambos os grupos de mulheres, levando Heilborn (1999) a perceber a sexualidade feminina bem mais heterogênea que a masculina, não dependendo tanto das condições financeiras e faixa etária, e sim bem mais pela forma como as mulheres enxergam as mudanças na estrutura social vigente e se percebem enquanto autoras de sua sexualidade.

O que nos parece mais relevante na pesquisa desenvolvida por Heilborn (1999) quanto aos roteiros sexuais, é a forma como a sexualidade é vivida e compreendida pelos sujeitos, seja a partir do seu aspecto físico ou das performances de gênero, o que contribui diretamente para a formação desses enquanto tais. Incidindo por sua vez, na maneira como passam a enxergar o mundo e se posicionar no âmbito social, seja por meio da reprodução dos discursos e práticas já estabelecidos, ou subvertendo-os e negando-os.

Ao analisar as formas pelas quais os indivíduos se reconhecem como sujeitos de uma sexualidade que se articula num sistema de regras e coerções, e que por meio desse acabam por se deparar com uma experiência de si, é que Foucault (1985a) sintetiza na sua obra “O uso dos prazeres”, um campo de escolhas morais e modos de subjetivação dados por modos de sujeição a substâncias éticas e históricas, nos quais podemos perceber a questão da experiência de si

para consigo mesmo, ou dito de outra maneira, a forma como os sujeitos tornam-se quem são (LARROSA, 1994).

Meu propósito não era o de reconstruir uma história das condutas e das práticas sexuais de acordo com suas formas sucessivas. Também não era minha intenção analisar as ideias (científicas, religiosas ou filosóficas) através das quais foram representados esses comportamentos (...). Tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constituiu-se uma “experiência” tal, que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma “sexualidade” (...). O projeto era, portanto, o de uma história da sexualidade enquanto experiência - se entendemos por experiência a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade (FOUCAULT, 1985a, p. 9-10).

Foi buscando compreender a maneira como os sujeitos tornam-se quem são que Foucault (1985a; 1985b) optou por se deter nas experiências que levam os indivíduos a se reconhecerem enquanto sujeitos portadores de uma sexualidade, experiências essas que se fazem presentes em todos os âmbitos de suas vidas. Caminhando assim para o volume 3 da *História da Sexualidade*, no qual enfatiza o surgimento de uma cultura de si, apregoada pelos antigos gregos nos séculos I e II de nossa era que deixa resquícios até hoje, a qual toma forma a partir de uma austeridade sexual e reflexão moral das nossas condutas, não como uma maneira de interdição sobre os atos dos indivíduos, mas como uma instância sobre a atenção que convém ter para consigo mesmo e a importância em respeitar a si enquanto ser racional.

Em resumo – e em primeiríssima aproximação – essa majoração da austeridade sexual na reflexão moral não toma a forma de um estreitamento do código que define os atos proibidos, mas a de uma intensificação da relação consigo pela qual o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos (FOUCAULT, 1985b, p.53).

A partir de então é que Foucault (1985b) faz uso dos conceitos de “práticas de si”, “técnicas de si” e “cuidado de si”, extraídos da antiguidade grega, para procurar perceber a forma pela qual os sujeitos se produzem enquanto tais, chegando à conclusão que estes se constituem por meio das “práticas de si” que resultam no “cuidado de si”. Partindo da percepção do cuidado de si como um preceito pelo qual se faz necessário ocupar-se consigo mesmo, de forma a tomar cuidados com o corpo e com a alma, o que segundo o autor não constituiria num exercício de solidão ou mera prática individualista, mas “formas nas quais se é chamado a se tomar a si próprio como objeto de conhecimento e campo de ação para transformar-se, corrigir-se, purificar-se e promover a própria salvação” (FOUCAULT, 1985b, p. 55). No decorrer dos primeiros séculos esse cuidado de si foi fruto de discussão e problematização por vários filósofos, os quais prescreviam formas de colocá-lo em prática, desde anotações sobre seus atos e acontecimentos durante o dia, retiros pessoais, cuidados com a higiene do corpo e alimentação, reflexões sobre suas atitudes e desejos, e até mesmo conversas com confidentes, amigos ou guias espirituais, nas quais eram expostas não apenas o estado da alma, mas também e principalmente as práticas sexuais, levando a se desenvolver em torno dos cuidados consigo uma

atividade de palavra e escrita, “na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem” (FOUCAULT, 1985b, p. 67), constituindo-se assim enquanto prática social.

É importante frisar que tais “cuidados de si” deram ênfase para as práticas e desejos sexuais, percebendo-os como agentes influenciadores no bem estar dos sujeitos, e que por tanto deveriam manter-se “saudáveis” e equilibrados, do contrário levariam o indivíduo a encontrar-se em estado de desarmonia. Fato que resultou na elaboração de manuais e mesmo de escolas da alma, nas quais o sujeito era apresentado a preceitos e técnicas para cuidar de si mesmo.

Ao contextualizar o surgimento do cuidado de si e das práticas de si, nós não pretendemos simplesmente percebê-las enquanto alicerce ou berço da moral cristã prevalecida até hoje nas sociedades ocidentais, nem mesmo das instâncias a partir das quais se fundamentam as instituições que passam a comandar a vida e os corpos dos indivíduos a partir do século XVII, muito pelo contrário, procuramos atentar para como em épocas distintas a sexualidade foi cerne de cuidados e reflexões que incidem diretamente sobre a vida e constituição dos sujeitos. Enfatizando que a forma como nos constituímos enquanto sujeitos, passa a ser cada vez mais problemática na medida em que vão ocorrendo mudanças no jogo político que nos influenciam diretamente. O que talvez tenha começado a se dar a partir do fim das cidades-estados e do surgimento de leis que passaram a interferir no âmbito da vida privada, como por exemplo, a constituição do casamento enquanto contrato legal, e todas as demais leis modernas que cerceiam os indivíduos e suas sexualidades. De forma que a produção do sujeito por meio da sexualidade passa a estar imbricada num jogo político emaranhado por relações de poder, sendo a sexualidade considerada por Foucault (1988) como um dispositivo histórico.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, à formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1988, p. 100).

A sexualidade assim pensada se constitui como matriz de uma rede de códigos de controles, que ao mesmo tempo em que tais códigos a cerceiam, também motivam a curiosidade e reprodução de discursos em torno desta, discursos que tanto seguem as normas, quanto destoam delas. Ao falar sobre a sexualidade, Foucault (*Ibid.*) também chama nossa atenção para a importância que passa a ser dada para os corpos, ou melhor, para os dispositivos de controle dos corpos que passam a surgir, uma vez que a sexualidade humana se manifesta por meio do corpo.

Cardoso (2005) partindo da obra de Foucault, afirma que a subjetividade é constituída por processos de subjetivação, nos quais a mesma se articula com o tempo, daí viria seu caráter histórico, através do corpo, entendido aqui “não apenas como corpo orgânico, mas também construído pelas relações com as coisas que encontra durante sua existência” (CARDOSO, 2005, p. 3), sendo a subjetividade assim “uma expressão de nossa relação com as coisas, atra-

vés da história” (*Ibid.*), por meio do corpo. Ao se debruçar com atenção sobre a obra tardia de Foucault, (1988/1985a/1985b) pode-se perceber essa suposta relação da subjetividade com o tempo e o corpo, através da concepção das práticas de si, sobretudo na diferenciação dessas práticas entre, “à determinação da substância ética aos modos de sujeição” (CARDOSO, 2005, p.3), e o caráter libertador apontando para uma busca pelo prazer em sua forma “saúdável” e “equilibrada”. Na medida em que os corpos possuem como potência criativa que os constituem, o prazer, o qual é considerado também linha que delineia resistência aos mecanismos disciplinares. Existindo assim, segundo Foucault (1985a, p. 30), uma ambivalência entre o corpo capturado pelos mecanismos de poder e corpo criativo, que faz uso do prazer enquanto força de resistência, prazer este que pode ser percebido como “estratégia circunstancial entre o corpo e os elementos que o envolvem” (FOUCAULT, 1985a, p. 98-99).

O fato de que as estratégias de poder numa sociedade disciplinar procuram tornar disponível o corpo criativo revelasse de modo evidente quando no interior do dispositivo disciplinar emerge um dispositivo de sexualidade, dispositivo este que, embora associado ao poder disciplinar, possui funções diversas. Por um lado, o dispositivo de sexualidade testemunha um fracasso relativo da disciplina, pois o adestramento dos corpos nos espaços disciplinares, a sua sujeição, não garante o controle sobre o corpo criativo. De certa forma, a potência dos corpos escapa aos dispositivos disciplinares, que se vêem perfurados, questionados e tornados ineficientes. Foucault mostra que o caráter dos espaços disciplinares é seu estado perene de crise, o que o faz tornar-se um laboratório de poder visando o aprimoramento contínuo de seus mecanismos (Foucault, 1983). Por outro lado, o surgimento do dispositivo de sexualidade, revela a busca, um tanto às cegas, pela suposta fonte da potência criativa dos corpos. Esse dispositivo, através de um elemento confessional, readaptado a uma nova função a partir da moral cristã da carne, procura estabelecer uma incitação técnica a falar da sexualidade, partindo do princípio de que aquele que pensa a sexualidade conhece melhor a si mesmo (CARDOSO, 2005, p. 6).

O que passa a ocorrer nas sociedades modernas, dessa forma, não seria uma simples submissão aos modos de produção dos sujeitos apoiados numa moral já pré-estabelecida e em leis e instâncias de saber- poder, como a medicina, que desde muito submete as ações do sujeito, lavando-os a entrar num jogo político no qual desenvolveriam apenas um papel de passividade. Muito pelo contrário, afirmar tal questão seria simplificar e reduzir demais a complexa rede na qual a sociedade é formada, além de retirar do sujeito seu poder de resistência, negando inclusive o poder enquanto uma força que perpassa todas as relações sociais, desde as microrelações, e que ao invés de apenas negar produz saberes, os quais podem inclusive ir de encontro à ordem estabelecida. Não fosse assim, o que explicaria, por exemplo, as próprias mudanças pelas quais a sociedade ocidental passou ao longo dos tempos, que se acentuaram a partir do século XX com as revoluções sexuais que dão as mulheres a conquista de direitos trabalhistas e liberdade sexual, e pensando nos dias atuais, as primeiras conquistas dos movimentos LGBT-Ts¹⁰. Ora, se é por meio de discursos normalizadores e do jogo político que a sexualidade passa a ser interdita e vigiada a partir de um determinado período histórico, também será por meio

10 Sigla que designa: Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e simpatizantes.

da produção e legitimação de novos discursos, que uma nova ordem moral poderá se delinear. Acreditamos assim, que o mais importante é perceber que a sexualidade desde sempre passou por cuidados e instâncias que a regulam, seja antes pelas práticas voltadas para o cuidado de si, ou por uma moral catequética cristã, ou mesmo, por instituições que outorgam verdades. De forma que o que não se pode negar é que a sexualidade humana sempre foi uma das principais influências sobre a maneira como os indivíduos se percebem enquanto sujeitos e passam a modelar sua própria subjetividade.

2.2.1 Gênero e construção do ser mulher

O conceito de gênero surge por volta das décadas de 1960/1970, no campo das Ciências Sociais e Humanas, devendo seu nascimento em grande parte à crítica feminista, imbuída numa luta contra a ideia até então estabelecida de “natureza feminina” que limitava às mulheres e seus comportamentos a uma condição de inferioridade, de forma que tal conceito surge com o ideário de libertar as mulheres de um sistema extremamente patriarcal. “A criação da ideia de gênero e sua rápida difusão, sobretudo, através dos *gender studies*, marcaram então o fim do dualismo que, por detrás de belas aparências, reduzia a mulher a *ser para o homem*” (TOURRAINE, 2011, p. 16).

O conceito é hoje bastante difundido, no entanto passou por inúmeras análises recebendo definições e apropriações teóricas diferentes de acordo com cada autor. Refere-se de modo geral, “a construção social do sexo e foi produzido com a ideia de discriminar o nível anátomo-fisiológico da esfera social/cultural. Em outras palavras, essa categoria analítica visa, sobretudo, distinguir a dimensão biológica da social” (HEILBORN, 2002, p. 4). O que significa dizer que os sujeitos são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos (CARTILHA, 2009, p. 79), de maneira que, enquanto os órgãos genitais os definiriam como machos e fêmeas seriam a cultura e a estrutura social que os colocaria dentro de um processo de produção enquanto homens e mulheres.

Uma das principais obras que influenciaram os movimentos sociais e intelectuais feministas, bem como a constituição do conceito de gênero foi “*O Segundo Sexo*” livro lançado em 1949 por Simone de Beauvoir, considerado um marco na história das mulheres que pode ser resumido pela sua famosa frase, “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. A obra atentou para o conceito de gênero diferenciando-o do de sexo e percebendo-o como uma construção cultural naturalizada que ligava a mulher a ideia de submissão e fragilidade, de forma que o mais importante segundo a autora seria libertar as mulheres dessas limitações que lhe foram socialmente impostas.

Se a função da fêmea não é suficiente para definir a mulher, se recusarmos também a explicá-la pelo eterno feminino e, se admitirmos, pelo menos provisoriamente, que há mulheres na terra, nós temos então que nos colocar a questão, o que é uma mulher?

(BEAUVOIR, 1949, p. 13. *apud*. KOFES, 1992, p. 26).

Beauvoir (1949) defendia que a categoria mulher deveria ser pensada para além das limitações e características sociais que lhe foram atribuídas e acabaram por reservar seu lugar enquanto o segundo sexo. Características entre as quais reina a da feminilidade, que carrega em sua origem toda uma carga simbólica de dominação masculina (BOURDIEU, 2003), de forma que não apenas existem para os homens, mas foram por estes criadas. Percebe-se assim a dominação masculina como aquilo que constitui as mulheres enquanto objetos simbólicos, na medida em que estas existiriam para e pelo o olhar dos outros.

Delas se espera que sejam “femininas”, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa “feminilidade” muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego (BOURDIEU, 2003, p. 82).

Completando o pensamento de Bourdieu (2003), Touraine (2011, p. 41) afirma que “as mulheres são seres sexuados, fêmeas, às quais os homens deram certos atributos e tentam dominá-los, ao passo que elas querem transformar-se em mulheres criadas por mulheres e antes e acima de tudo por elas mesmas”, o que nos parece ser exatamente o intuito de Beauvoir (1949) ao procurar problematizar as relações sociais de gênero, bem como a construção da categoria mulher enquanto uma forma de dominação masculina, que, portanto, deve ser rompida.

Por muito tempo os debates feministas e estudos de gênero tiveram como referência principal Beauvoir (1949) girando em torno do pilar gênero/sexo, mas no final do século XX parece começar a se delinear uma nova perspectiva em torno de tais questões, tendo como base os pensamentos de Judith Butler (2010), que discorda da premissa gênero/sexo, por perceber a lógica em que o gênero decorreria do sexo como arbitrária, na medida em que dentro dessa perspectiva o destino dos sujeitos só teria deixado de ser comandado pela biologia para assim o ser pela cultura. Preferindo problematizar a lógica gênero/desejo e o corpo.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos (BUTLER, 2010, p. 24)

Butler (2010) defende que não apenas o gênero seria socialmente construído, mas também o sexo e o próprio corpo, “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2010, p.25), sendo para ela necessário pensar essas perspectivas em oposição ao desejo, o qual talvez seja o único inato ao sujeito. A partir de então é que a autora vai discutir no decorrer da sua obra

como nos tornamos sujeitos por meio de nossa sexualidade, ou melhor, em como as questões de gênero e de sexualidade influenciam o nosso processo de subjetivação, ao passo em que crítica os discursos hegemônicos acerca do assunto. Entre os quais se coloca a construção da noção de mulher “através de uma aproximação heterossexual que obriga o gênero feminino a ser indissociável da dualidade sexual dos machos e fêmeas” (TOURAINÉ, 2011, p. 17). Butler (2010) rejeita assim toda noção naturalizada de feminilidade, ao passo em que também crítica à categoria mulher defendida pelo feminismo, ao explicar que, “a crítica feminista também deve compreender como a categoria das “mulheres”, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação” (BUTLER, 2010, p. 19), preferindo assim pensar nas mulheres, enquanto sujeitos múltiplos com peculiaridades próprias, não podendo serem limitas numa única categoria.

Butler (2010) chama nossa atenção não apenas para perceber a ideia da identidade feminina enquanto uma interiorização incompleta da oposição binária entre homens e mulheres, apoiada numa heteronormatividade compulsória estabelecida por meio da dominação masculina, mas, para atentarmos em como a noção de gênero acaba por aprisionar as mulheres, e suas subjetividades, ao invés de simplesmente libertá-las. Uma vez, que antes mesmo de se pensar no indivíduo enquanto sujeito, este é primeiramente tido como homem ou mulher, o que desde seu nascimento já lhe trará uma série de comportamentos e papéis que deverá reproduzir, bem como gostos e escolhas pessoais, tudo pelo simples fato de possuir um órgão genitor feminino ou masculino. O que na contemporaneidade com a contínua emancipação social das mulheres, a força dos movimentos LGBTs e a agilidade na comunicação intermediada pelo ciberespaço, parece começar a ser rompido, na medida em que boa parte das mulheres da era tecnológica parecem cada vez mais negar uma identidade de gênero pronta, passando a buscar sua própria subjetividade, ou seja, um modo próprio de ser mulher para si mesma, independente do órgão genitor e das normas sociais vigentes, fato claramente visível no *blog Cem Homens*, no qual a autora Nádia Lapa pensa e descreve a si mesma como um sujeito portador de desejos, ao invés de numa mulher que deve se comportar de acordo com os códigos sociais, como veremos no próximo capítulo.

Lipovetsky (2000), por sua vez, ao teorizar sobre os papéis da mulher na sociedade ao longo da história, distingue em sua obra três principais fases sobre como as questões de gênero, principalmente do ser mulher, foram percebidas e consideradas. A primeira fase onde se constitui a “primeira mulher”, como o autor designa, faria menção desde a antiguidade grega até meados do século XV, época em que as mulheres eram tidas como sinônimo do pecado e do mal e, portanto, consideradas seres inferiores sendo desprezadas e tendo como único valor a capacidade de gerar filhos. A “segunda mulher” é a da época lírica e romântica, na qual passa a ser idealizada, cortejada e idolatrada pela sua beleza e características femininas, mas, no entanto, continua a ser encerrada na vida doméstica sem possuir direitos. Já a terceira mulher, seria justamente a mulher da contemporaneidade, emancipada dos antigos papéis de gênero, que comanda seu próprio destino e por isso está à frente do seu processo de construção de si.

Desvitalização do ideal da mulher no lar, legitimidade dos estudos e trabalhos femininos, direito de voto, descasamento, liberdade sexual, controle da procriação: manifestação do acesso das mulheres à inteira disposição de si em todas as esferas da existência, dispositivos que constroem o modelo da terceira mulher (LIPOVETSKY, 2000, p. 36).

Partindo do conceito de “terceira mulher” de Lipovetsky (*Ibid.*) pretendemos mais do que evidenciar as conquistas que as mulheres alcançaram ao longo do século XX, atentar para como as questões de gênero, sobretudo do ser mulher, contribuem para a produção do sujeito mulher da contemporaneidade. O que Touraine (2011) parece evidenciar em sua obra, ao discutir como as mulheres do dado momento se afirmam enquanto tais, buscando se construírem enquanto sujeitos livres por meio de suas sexualidades, no entanto sem partirem exatamente nem do feminismo crítico, que combate à ideia do ser mulher, imposta pelo homem, nem das discussões que parecem anunciar a destruição da categoria mulher. O que aconteceria na atualidade; momento em que muitas mulheres apesar de terem consciência e gratidão às lutas feministas parecem começar a negar a militância; seria a percepção de que, “sua libertação significa que cada um (homem/mulher) deixa penetrar nele uma parte do outro. Assim como a parte da feminilidade cresce nos homens, a parte da masculinidade aumenta nas mulheres, mas sem aceitar com isso a ideia “unissex”” (TOURAINÉ, 2011, p. 43). Dessa forma a construção de si que melhor representaria o sujeito mulher da contemporaneidade, seria o fato desse sujeito não buscar defender ou restabelecer um eu, ou uma categoria para este eu, mas agir sobre si mesmo, tornando-se mulher para ela própria mais do que mulher para os outros.

Não se trata aqui da criação de uma identidade feminina; é, antes disso, de sua destruição que se trata, da destruição de toda imagem da natureza feminina ou de toda uma categoria da mulher definida por sua diferença ou por sua oposição com a categoria dos homens. A libertação das mulheres não seria completa se não as libertasse de toda referência a seu ser próprio, à sua natureza ou à sua “psicologia”. A construção de si pelas mulheres é fundada sobre aquilo que resiste à sua identidade social, isto é, sobre a natureza que não se reduz a uma cultura ou a uma organização social (TOURAINÉ, 2011, p. 47).

A mulher passa a tomar posse de si, de suas vontades e de seu corpo, escrevendo sua própria história ao passo em que rompe com os modelos patriarcais e conservadores designados para as mulheres, rompendo também com a necessidade de romper, que parece passar a ser imposta, tendo pela primeira vez seu destino sob seu próprio comando, “e agora tudo na vida feminina tornou-se uma questão de escolha e não mais de imposição” (LIPOVETSKY, 2000, p. 236). Essa mulher da contemporaneidade procurar construir a si mesma a partir da afirmação de sua singularidade e da liberdade em poder escolher a própria vida, de forma que ser uma mulher deixa de ser apenas uma simples constatação de um estado de fato, “mas a afirmação de uma vontade de ser” (TOURAINÉ, 2011, p.), ou seja, mais do que tornar-se mulher, hoje escolhemos ser mulher da forma como quisermos ou mesmo não ser. O que importa é como cada uma entende o que é ser mulher e passa a se construir a partir dessa perspectiva para si mesma.

Claro que a dicotomia feminino/masculino ainda existe, bem como certa visão falocêntrica e patriarcal, afinal tais mudanças começaram a ocorrer de fato há menos de um século, o que ainda não resultou numa homogeneização das performances de gênero e nem significa que um dia chegue a resultar, mas, no entanto, permite que homens e mulheres construam a si próprios de maneira mais livre e autônoma do que no passado, ainda que sofram certas críticas e preconceitos. O que nos parece ocorrer em certa medida, no nosso *corpus* de análise, como será exposto mais adiante, uma vez que a autora do *blog* coloca em evidência suas experiências sexuais mesmo sabendo que tais confissões vão de encontro a discursos moralistas e normativos que ainda existem em nossa época, os quais continuam a classificar as mulheres em categorias como: santas ou vadias.

A sexualidade não deixa assim de ser um dispositivo importante na construção de eu, mas o que parece ocorrer é que esta sexualidade não está mais necessariamente ligada ao sexo e as construções sociais de gênero, sendo talvez agora o desejo a grande questão (BUTLER, 2010). De forma que não seriam mais apenas as práticas, o gênero e o sexo que levariam o indivíduo a um movimento de perceber-se enquanto sujeito de sua sexualidade, mas também o corpo, enquanto instância criativa, e os desejos que o habitam. Fato que ocorre no *blog Cem Homens*, na medida em que as confissões da vida sexual da autora não são meramente confissões de atos físicos, mas, mais que isso, se apresentam como confissões sobre seus desejos mais íntimos e como estes passam a ser postos em prática. Estando a construção de si, na contemporaneidade, mediada por novos mecanismos de saber-poder que a possibilitam, além é claro das antigas questões de gênero e sexualidade como visto até então, no entanto estas últimas passam a adquirir novos mecanismos bem como estarem inseridas em novas práticas discursivas, tendo como seu grande campo o ciberespaço.

2.3 SUJEITOS DA REDE: O NARRAR-SE COMO FORMA DE PRODUZIR-SE

Parece-me indispensável dizer que sou.
(F. Nietzsche)

O ciberespaço surge como um grande avanço tecnológico na área das tecnologias de informação e comunicação, possibilitando aos sujeitos uma comunicação ágil e instantânea que conecta diferentes pessoas espalhadas pelos lugares mais distantes, ultrapassando assim barreiras concretas como a do tempo e espaço, de forma a diluir suas fronteiras e lhes resinificar, fato evidenciado em nosso primeiro capítulo. A partir de seu surgimento, no entanto, começa a se perceber que mais do que conectar e informar, o ambiente virtual passa a se instaurar enquanto local em que novas práticas e modos de ser e sociabilizar surgem. De forma que, o que nasce com o intuito de ser usado pelos indivíduos para saciar suas necessidades de informação e comunicação, parece começar a fazer brotar novas necessidades, entre as quais a de se por em evidência (SIBILIA, 2008), na medida em que todo um novo repertório de práticas sociais

e culturais se estabelece dentro do que classificamos como *cibercultura*, a cultura da rede¹¹.

Nessa rede, não apenas nossos comportamentos se adaptam a uma nova realidade, mas nossa subjetividade passa a ser produzida de uma maneira diferente, na medida em que novos mecanismos de subjetivação se instauram possibilitando assim novos processos de constituição de si, uma vez que partimos da crença de que, “os modos de subjetivação são demarcados por dispositivos historicamente constituídos e, portanto, podem se desfazer, transformando-se, à medida que novas práticas de subjetivação se engendram” (CARDOSO, 2005, p. 7). O que nos levar a crer que o ciberespaço, comumente nomeado de rede, seria esse novo dispositivo que incide diretamente sobre a construção das subjetividades contemporâneas, trazendo consigo novos mecanismos pelos quais os sujeitos passam a se perceber e se constituir, entre os quais destacamos aqui o “narrar-se” e o “mostrar-se”, ambos intrinsecamente ligados a um processo de reflexividade (GIDDENS, 1991).

A reflexividade, de acordo com Giddens (1991), é uma importante característica da atualidade; classificada por este como modernidade tardia; a qual consiste basicamente na prática de refletir sobre as práticas sociais, em todos os aspectos da vida humana, inclusive sobre a constituição do eu. Fato que já existia nas sociedades pré-modernas, mas que agora assumiria um caráter mais radicalizado, “o que é característico da modernidade não é uma adoção do novo por si só, mas a suposição da reflexividade indiscriminada — que, é claro, inclui a reflexão sobre a natureza da própria reflexão” (GIDDENS, 1991, p. 49). De forma que a reflexividade no dado momento seria a prática que evoca o sujeito a refletir sobre tudo que o cerca, bem como sobre si próprio enquanto sujeito individual, que acaba por levá-lo a um processo de percepção sobre a constituição de sua subjetividade, ou como Giddens (1991) prefere nomear, a um processo de examinação da auto-identidade, de forma que o eu, a partir dessa perspectiva passa a ser um projeto reflexivo (GIDDENS, 1993, p.71).

Traços dessa prática de refletir sobre si mesmo podem ser observados no formato dos canais de interação online e redes sociais, os quais convidam o sujeito a se apresentar para os outros desde a criação do seu perfil, com perguntas do tipo “*Quem sou eu?*”, bem como no decorrer do seu uso, permitindo que este compartilhe seus gostos pessoais e opiniões. Cada rede, no entanto, possui suas peculiaridades e maneira própria de convidar o indivíduo a apresentar quem se é, ou, como no caso dos *fakes*¹², quem gostaria de ser. O que já levaria este sujeito a um inicial processo de reflexão sobre si mesmo, ainda que talvez de forma fragmentada e superficial, uma vez que o espaço para isso costuma ser restrito.

No *facebook*, rede social mais famosa no Brasil que já atingiu mais de um bilhão de usuários (RECUERO, 2012), assim como nas demais, é reservado um espaço para que o sujeito se defina, além disso a rede cria um histórico sobre as principais atividades desenvolvidas por este ao longo da vida. Nele os usuários são interpelados a compartilhar fotos, vídeos e textos,

11 O termo rede aqui remete a internet. Ver mais em Schittine (2004).

12 Termo em inglês que traduzido significa falso, comumente utilizado para designar perfis falsos na *internet*, em que se tenta ocultar a identidade real usando outra.

marcarem os locais que frequentam e as atividades desenvolvidas, além de divulgarem como estão se sentindo por meio de *emojicons*, o que parece ampliar a exposição de si. Já na rede *instagram*,¹³ por exemplo, os usuários tem um pequeno espaço para descreverem as informações que julgam necessárias (nome, idade, interesse e contatos), e a partir de então passam a narrar suas vidas exclusivamente por meio de imagens, sejam estas fotos ou vídeos.

A importância que se dá a imagem de si mesmo parece ser outra característica latente do sujeito da rede, independente do canal de interação ao qual estamos nos referindo, até porque uma única pessoa costuma possuir várias redes sociais ao mesmo tempo, fato que a leva a expor ao máximo sua intimidade e conectar-se ao maior número de pessoas possíveis, fazendo de si mesmo e da sua vida um espetáculo midiático para o mundo. O que nos remete aquela sociedade do espetáculo profetizada e discutida por Debord (2003) no final da década de 1960, na qual segundo o autor, “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 2003, p. 14). Debord (2003) acreditava que o espetáculo era o oposto do diálogo e por isso a prática da conversação estaria fadada a morte numa sociedade em que a imagem teria mais valor. O que a nosso ver encontra certa lógica na contemporaneidade, já que ao menos o diálogo genuíno face a face, sem qualquer interferência tecnológica de fato esteja em crise, na medida em que cada vez mais as pessoas não apenas trocam a companhia real pela virtual, como também parecem ter necessidade de registrar tudo o que fazem por meio de fotos e vídeos para assim de fato, possuírem a sensação que estão vivendo.

No entanto, é importante esclarecer que a “comunicação efetiva”, bem como a arte da conversa, diferente do que Debord (2003) preconizava não morreu e na verdade parece renascer alcançando seu ápice justamente aliada a essa espetacularização da intimidade, no entanto, “a imposição de um regime de audiovisualidade obrigatória, muito alegre e colorido” (SIBILIA, 2008, p. 48) parece de fato ocorrer, levando a uma estilização da vida de forma que esta não apenas passa a ser narrada, mas sua narração se dá em formato quase cinematográfico, como explica Sibilía (2008).

Nesse contexto o eu não se apresenta apenas ou principalmente como narrador (poeta, romancista ou cineasta) de sua própria vida, mesmo que seja a trilhada e cada vez mais festejada epopeia do homem comum, do anti-herói ou do “homem ordinário”. Enfim, daquele, “qualquer um” que não tem pudor na hora de confessar sua própria pobreza, encarnado naquele você capaz de se converter na personalidade do momento. Em todos os casos, porém, essa subjetividade deverá se estilizar como um personagem da mídia audiovisual: deverá cuidar e cultivar sua imagem mediante uma bateria de habilidades e recursos. Esse personagem tende a atuar como se estivesse sempre diante de uma câmera, disposto a se exibir em qualquer tela – mesmo que seja nos palcos mais banais da “vida real” (SIBILIA, 2008, p. 50).

O que nos leva a crer que mais do que um conjunto de imagens, o espetáculo tenha se tornado um modo de vida moderna, ou seja, a maneira como o mundo contemporâneo passa a

13 <https://www.instagram.com/>

se organizar e a forma como os sujeitos se relacionam uns com os outros, tendo em vista que, “tudo é permeado pelo espetáculo, sem deixar praticamente nada fora. Os contornos dessa gelatinosa definição ultrapassam aquilo que se exhibe na mídia [...]” (SIBILIA, 2008, p. 44), transformando o próprio mundo num grande espetáculo e os sujeitos em seres cada vez mais interativos e visuais.

No compasso de uma cultura que se ancora crescentemente em imagens, desmonta-se o velho império da palavra e proliferam fenômenos com os aqui examinados, nos quais a lógica da visibilidade e o mercado das aparências desempenham papéis primordiais na construção de si e da própria vida como um relato. Isso ocorre, porém, em meio a um grau de espetacularização cotidiana que talvez nem o próprio Guy Debord teria ousado imaginar (SIBILIA, 2008, p. 48).

Os sujeitos passam a modelar a si mesmos e a suas vidas estetizando todo seu cotidiano por meio de narrações autobiográficas e imagens poetizadas daquilo que os cercam e os representam, tomando em muitos casos a visibilidade como moeda de troca para a autoaceitação. O que a nosso ver faria brotar a necessidade recorrente da autoreflexividade, embora esta em muitos casos não ocorra enquanto busca por uma descoberta profunda do ser, e sim tendo em vista dar uma resposta imediata a si mesmo e aos outros que estão na rede. Sendo este talvez outro fator que leva o sujeito contemporâneo a um contínuo processo de subjetivação e produção de si, uma vez que o “eu” agora não apenas exhibe quem é, mas passa a ser cada vez mais aquilo que mostra, como se o processo de tornar quem se é, agora passasse a ser uma crescente técnica de interiorização do que primeiro foi exteriorizado. Quanto mais esse eu se mostra, mas passa a se conhecer e a se construir enquanto tal, por isso “em vez de solicitar a técnica da introspecção, que procura olhar para dentro de si a fim de decifrar o que se é, as novas práticas incitam o gesto oposto: impelem a se mostrar para fora” (SIBILIA, 2008, p. 115).

Essas narrativas de si passam a ocorrer cada vez mais por meio das diversas redes sociais e canais de interação *online*, talvez de forma mais fluida e direta nos canais do *youtube*¹⁴ e nos *blogs* confessionais, sendo estes últimos, páginas na internet que podem ser mantidas fechadas para apenas um pequeno público e mesmo uma única pessoa, como também direcionados para todos que estão na rede (SCHITTINE, 2004). Os *blogs* de escrita íntima, a nosso ver, parecem ampliar as possibilidades de exibição do sujeito por meio da narrativa de si, uma vez que além de também possuírem um local reservado para que se responda a pergunta “*quem sou eu?*”, o autor tem mais espaço para escrever longas postagens e compartilhar fotos e vídeos. Além disso, tanto canais de *vlogs* no *youtube*, quanto *blogs* confessionais crescem de forma visível na atualidade, devido em grande parte a “atual abundância de narrativas autobiográficas que se multiplicam sem cessar” (SIBILIA, 2008, p. 50). E “os sujeitos desses novos relatos publicados na internet se definem como alguém que é, alguém que vive a própria vida como um verdadeiro personagem (SIBILIA, 2008, p. 51)”.

14 Canal de interação social *online* em que o usuário cria um perfil para postar e compartilhar vídeos. www.youtube.com.

Turkle (2011, p. 229) acredita que os sujeitos da rede, de forma mais específica os escritores de *sites* confessionais, passam a segurar um espelho voltado para nossos tempos complexos. Exibindo não apenas a si mesmos, mas a realidade de nossa época, em que o real e o virtual misturam-se a ponto de tornarem-se um só, bem como a máquina parece agora ser de fato uma extensão do ser (HARAWAY, 1991). De forma que manter um diálogo íntimo com desconhecidos mediado por uma tela, por exemplo, passa a ser em muitos casos mais reconfortante do que se abrir face a face com um amigo que pode rebatê-lo instantaneamente. Os sujeitos contemporâneos passam a pedir menos das pessoas e mais da tecnologia (TURKLER, 2011, p. 230).

Para Sibilia (2008, p. 10) o que acontece é uma “verdadeira explosão de produtividade e inovação”, em que os jovens são a força motora desse fenômeno desencadeado pela web 2.0. Explosão de criatividade que aliada à democratização dos meios midiáticos traz consigo inúmeras possibilidades para os sujeitos, entre as quais a de ser quem quiser e se por em evidência, ao mesmo tempo em que podem “inventar novas armas, capazes de opor resistência aos novos e cada vez mais ardilosos dispositivos de poder [...] na tentativa de abrir o campo do possível desenvolvendo formas inovadoras de ser e estar no mundo” (*Ibid.*). Uma vez que para a autora esse *eu* que se exhibe no ciberespaço costuma ser tríplice: ao mesmo tempo autor, narrador e personagem. Sendo em certa medida uma ficção, se levarmos em consideração que este não apenas exhibe quem, mas tornar-se o que exhibe, na medida em que se narra e faz uso da linguagem.

Embora se apresente como “o mais insubstituível dos seres” e “a mais real, em aparência, das realidades”, o eu de cada um de nós é uma entidade complexa e vacilante. Uma unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual. Mas se o *eu* é uma ficção gramatical, um centro de gravidade narrativa, um eixo móvel e instável onde convergem todos os relatos de si, também é inegável que se trata de um tipo especial de ficção (SIBILIA, 2008, p. 31).

Ao pensar no *eu* da rede como uma ficção, parte-se das primícias que este se desprende “do magma real da própria existência” (SIBILIA, 2008) ao mesmo tempo em que provoca um forte efeito no mundo: o efeito-sujeito que é nada menos do que o *eu* exibindo-se. Assim, esta seria uma ficção necessária e comum, uma vez que na contemporaneidade nos constituímos a partir desses e nesses relatos de si, o que leva Sibilia (2008) a classificá-los como matérias que nos constitui enquanto sujeitos. Já que “a linguagem nos dá consistência e relevos próprios, pessoais, singulares, e a substância que resulta desse cruzamento de narrativas se (auto) denomina *eu*” (SIBILIA, 2008, p. 31). De maneira que a produção da subjetividade na rede, diferente do que muitos críticos apontam, não seria apenas uma performance fraudulenta de uma vida perfeita que se deseja possuir, o que de fato pode ocorrer. Mas o grande trunfo do ciberespaço seria a nosso ver, o fato de possibilitar que o sujeito do século XXI mantenha um contínuo processo de autoreflexividade e cuidado consigo mesmo. Na medida em que quando este narra determinados acontecimentos de sua vida e rotina numa rede social ou num *blog* de escrita ínti-

ma, não apenas passa a descrever o que lhe acontece, mas num primeiro momento, ao passo em que se narra também se julga, percebendo-se enquanto autor de sua própria existência, assim como num segundo momento reexamina sua narrativa e o impacto desta sob seus seguidores/leitores, bem como sobre si mesmo. O que vale ressaltar, não ocorre de maneira linear, mas em vez disso a subjetividade passa a se constituir “na vertigem desse córego discursivo, é nele que o *eu* de fato se realiza. Pois usar imagens e palavras é agir: graças a ela podemos criar universos e com elas construímos nossas subjetividades, nutrindo o mundo com um rico acervo de significações” (SIBILIA, 2008, p. 31).

O simples ato de postar um *self*, por exemplo, pode apontar todo um mecanismo de cuidado consigo e reflexividade sobre a própria imagem, que levaria o sujeito a desenvolver um raciocínio estratégico de como fazer para conseguir o maior número de curtidas possíveis. Problematicando desde o melhor ângulo para seu rosto, a maquiagem adequada, luz favorável, ou o tipo de roupa ideal para seu corpo, entre outras questões, que à primeira vista podem parecer simplesmente impulsos narcísicos de sujeitos líquidos (BAUMAN, 2007) numa era de espetacularização gratuita. Mas, que trazem junto de si a percepção de uma procura pelo conhecimento contínuo de si mesmo, seja este desde o nível corpóreo e mais superficial, até questões intrínsecas ao sujeito. A grande questão passa a ser que agora nos produzimos por meio de uma estilização contínua do *eu* e da vida, que se dá através das narrativas e imagens que desenvolvemos sobre nós mesmos e compartilhamos na rede, bem como do encontro dessas narrativas com outras. Hoje todos e qualquer um, encontram espaço para narrar a si próprio e pôr-se em evidência na rede, mergulhando num processo contínuo de produção da subjetividade, de maneira que a “experiência de si como um *eu* se deve, portanto, à condição de narrador do sujeito: alguém que é capaz de organizar sua experiência na primeira pessoa do singular” (SIBILIA, 2008, p. 31).

É importante destacar que o narrador teve sua morte profetizada por Walter Benjamin (1994) na década de 1930, época em que este suspeitou que os tempos modernos com seus avanços tecnológicos acabariam pondo fim ao antigo hábito de se contar histórias. Já que de acordo com o autor, em sua época já eram poucas as pessoas que sabiam narrar devidamente, o que seria fruto de um esgotamento da própria experiência. Tal questão seria por sua vez provocada pela intensidade do movimento industrialista que passou a atropelar “as condições que permitiam a narratividade do mundo pré-moderno” (SIBILIA, 2008, p. 39), fazendo brotar uma possível perda das possibilidades de se refletir sobre o mundo e sobre si mesmo, que levaria a “um inevitável distanciamento com relação às próprias vivências” (SIBILIA, 2008, p. 39). Pensamento este que teve início com a popularidade do romance enquanto grande forma narrativa do século XIX, e, sobretudo com a informação em sua estrutura difundida pela imprensa. Uma vez que para Benjamin (1994) o núcleo das narrativas tradicionais seria uma distância quase mítica entre o espaço e o tempo, o que não acontecia no gênero informativo por apresentar caráter imediatista. Fato que nos leva a crer que não teria ocorrido a morte do narrador como um todo, e sim do narrador benjaminiano, que na contemporaneidade “seria

mais do que confirmada nos relatos autobiográficos que congestionam a web” (SIBILIA, 2008, p. 42), na medida em que nestes as perspectivas de tempo e espaço diluem-se e a agilidade na exposição dos escritos é uma de suas principais características. O que a nosso ver não põe fim a reflexividade sobre as vivências do sujeito, muito pelo contrário, nos insere numa nova forma de perceber o mundo e a nós mesmos, já que como Giddens (1993) explica a “contínua incorporação reflexiva do conhecimento não apenas se introduz na brecha, ela proporciona precisamente um ímpeto básico às mudanças que ocorrem nos contextos pessoais, e também globais, da ação” (GIDDENS, 1993, p. 40).

Larrosa (1994) trata sobre a questão do narrar-se a partir da sua obra voltada para as tecnologias do eu na educação, na qual discute como se dá a experiência de si por meio do que classifica como dispositivos pedagógicos. Ao acreditar que o ser humano seria resultado dos mecanismos que o levam a manter uma relação reflexiva consigo mesmo, mecanismos estes em que o sujeito se vê, se produz, se julga, se domina, se narra, e como visto, se mostra. Entende-se aqui como dispositivo pedagógico todo e qualquer lugar “no qual se constitui ou se transforma a experiência de si” (LARROSA, 1994, p. 54), em que se aprende ou se modifica as relações que se estabelece consigo mesmo. O que nos leva a perceber o ciberespaço, mais propriamente dito as redes sociais e os canais de interação social com destaque aqui para os *blogs* confessionais, como sendo também uma espécie de dispositivo pedagógico, na medida em que há uma constituição de si através da escrita, já que ao se narrar num *blog* confessional o sujeito passa a refletir sobre si mesmo, na mesma medida em que se descreve e se expõe.

O termo “narrar” que vindo do latim “*narrare*” significa basicamente “arrastar para frente”, deriva da palavra “*gnarus*” que tem como tradução ao mesmo tempo “o que sabe” e o “o que viu”, e por tanto remeteria a uma expressão grega, “*istor*”, da qual derivam os termos “história” e “historiador” (LARROSA, 1994, p. 64). Percebe-se assim uma associação entre o ver e o saber, sendo aquele que narra “o que leva para frente, apresentando-o de novo, o que viu e do qual conserva um rastro em sua memória. O narrador é que expressa, no sentido de exteriorizar, o rastro que aquilo que viu deixou em sua memória” (LARROSA, 1994, p. 64).

Assim, ao narrar-se o sujeito estaria pondo em evidência o que guardou do que viu de si mesmo, não sendo necessariamente uma descrição topológica, mas uma ordenação temporal, de forma que essa autonarração se dá na medida em que o indivíduo passa a prestar contas de si mesmo e se perceber enquanto um ser temporal, que além de estar inserido num certo momento histórico e determinada época, também possui sua própria temporalidade na qual sua percepção de si mesmo vai se formando.

Assim, se a subjetividade humana está temporalmente constituída, a consciência de si estará estruturada no tempo da vida. O sujeito se constitui para si mesmo em seu próprio transcorrer temporal. Mas o tempo da vida, o tempo que articula a subjetividade não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o indivíduo é para si mesmo. E essa articulação temporal é de natureza essencialmente narrativa. O tempo se converte em tempo hu-

mano ao organizar-se narrativamente. O eu se constitui temporalmente para si mesmo na unidade de uma história (LARROSA, 1994, p. 65).

O tempo no qual uma subjetividade se produz é antes de qualquer coisa um tempo narrado, uma vez que ao narrar os acontecimentos de nossas vidas e a percepção que temos sobre tais, acabamos por nos colocar enquanto sujeitos emersos numa realidade temporal. No entanto, seria simplificar por demais afirmar que o sujeito é fruto dessa temporalidade da qual faz parte, sendo sua narração apenas tal percepção. A narrativa pode ser percebida enquanto discurso pré-existente, uma vez que o indivíduo já se encontra desde seu nascimento imerso em estruturas narrativas que se organizam por meio das práticas discursivas de forma que “a narrativa não é o lugar de irrupção da subjetividade, da experiência de si, mas a modalidade discursiva que estabelece tanto a posição do sujeito que fala (o narrador) quanto às regras de sua própria inserção no interior de uma trama (o personagem)” (LARROSA, 1994, p. 65).

Se deve pensar então, bem mais na constituição narrativa da experiência de si enquanto algo que se produz não apenas num diálogo consigo mesmo, mas em um diálogo entre narrativas, uma vez que a “consciência de si próprio não é algo que a pessoa progressivamente descobre e aprende a descrever melhor. E, antes, algo que se vai fabricando e inventando, [LARROSA, 1994, p.71] algo que se vai construindo e reconstruindo em operações de narração e com a narração” (LARROSA, 1994, p. 66). O que por sua vez nos leva a crer que o processo de constituição da subjetividade; defendido até então enquanto movimento contínuo que se dá no decorrer de toda vida; passa a se dar também por meio das operações de narração, não simplesmente surgindo nelas, já que o sujeito percebe-se e modifica-se enquanto tal através de suas narrações, bem como das experiências narrativas dos que estão a sua volta. Fato que nos parece ocorrer no *blog Cem Homens*, por percebermos a diferença na autora do início do blog em 2011 que se apresentava por um pseudônimo, para a mesma autora do último ano do *blog* que já se apresentava com o nome verdadeiro, mudança essa que a própria afirma e percebe como fruto do seu processo narrativo, que por sua vez faz parte do seu processo de subjetivação.

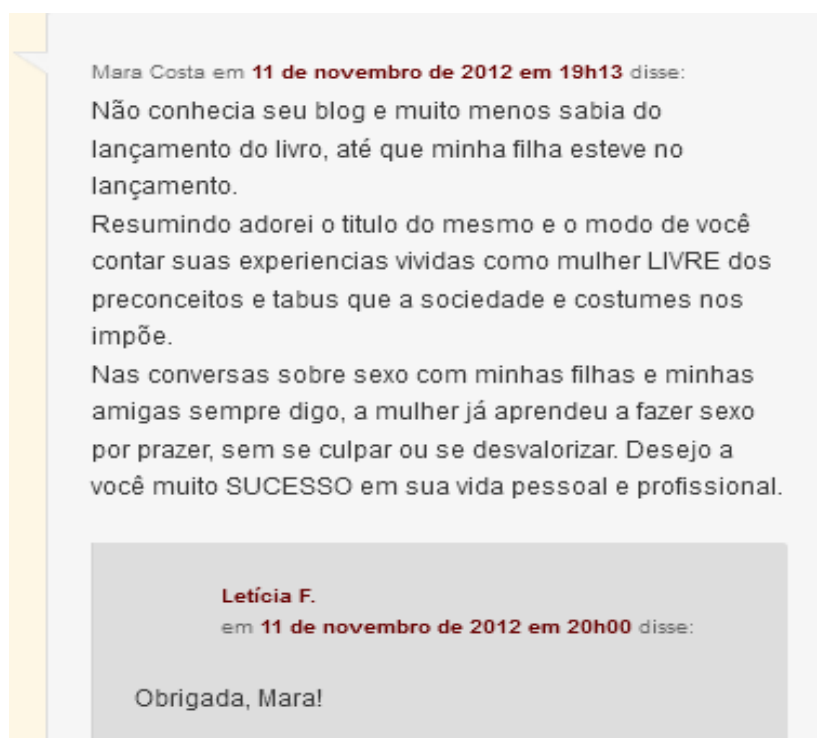
O *Cem Homens* foi conquistando leitores e a minha vontade de continuar escrevendo só aumentava. Ao mesmo tempo, descobri muito de mim. Novos desejos, fantasias surpreendentes, tesão por coisas diferentes. Os números não importavam. Importava a mulher que eu era no início disso tudo, quem eu fui me tornando e o resultado disso no final. Escrever fez parte da travessia, expor também. Até os julgamentos construíram essa história (LAPA, 2012, p. 12-13).

Na fala de Nádia Lapa fica claro o papel importante da escrita por meio do ato do narrar-se, já que de acordo com a mesma, na medida em que o *blog* foi sendo atualizado e conquistando leitores, ou seja, na medida em que continua narrando sua intimidade em tom de confissão para a rede, mas do que expor a si mesma e suas aventuras, esta passa a se descobrir enquanto tal, percebendo, ou quem sabe, produzindo “novos desejos”. O que pode ser

observado, embora Nádia não fale claramente, é que na medida em que a mesma se narra passa a se perceber num processo de subjetivação contínuo, que resulta numa constituição de si. O que por sua vez não se dá como resultado de mera modificação, mas a própria mudança é que seria fruto do processo de produção de si mesmo, ou seja, do tornar-se quem se é. Dessa forma pode-se observar que os diários íntimos da internet, como nomeia Sibilia (2003), teriam o propósito, ainda que por vezes não diretamente percebido pelo seu autor, de constituir a sua própria subjetividade, amparada numa recorrente exposição da intimidade e por consequência na visibilidade da vida privada (BATISTA, 2008).

Também se percebe na fala da *blogueira*, a importância dos outros, aqui colocados enquanto leitores, para o seu processo de narração e subjetivação, sobretudo quando menciona que foi conquistando leitores e que “até os julgamentos construíram essa história”, nos remetendo ao que foi colocado sobre a importância não apenas de um diálogo consigo mesmo, mas também de um diálogo com narrativas outras. O que no âmbito do *blog* se dá através do espaço aberto para os comentários, no qual os leitores também podem compartilhar suas experiências de vidas e opiniões sobre o que está exposto ali, como pode ser observado na conversa abaixo.

Figura 01- Comentário de leitor.



Fonte: Blog Cem Homens (2012).

No *print* acima, retirado de um comentário do *blog* escrito pela leitura que se identifica com o perfil de Mara Costa, observa-se que a leitora além de dar sua opinião sobre o *blog* e o livro lançado em 2012, também compartilha seu pensamento sobre o sexo e o prazer feminino, ao mencionar suas conversas com as filhas e as amigas. O que nos leva a atentar para o

fato de que essa produção e transformação da consciência de si passa pela “participação em redes de comunicação onde se produzem, se interpretam e se medeiam histórias” (LAROSSA, 1994, p. 67), fazendo parte desse processo contínuo de contar, ouvir, ler e contrapor histórias, entendidas aqui enquanto narrativas.

Outro fato relevante quando se trata da questão do narrar-se é atentar para o caráter social e político da autonarração, uma vez que este é atravessado pela história dos dispositivos normalizadores e disciplinares que fazem os sujeitos contarem-se a si mesmos de determinada maneira em determinada época (FOUCAULT, 1988). De forma que é preciso atentar para gestão política e social em torno das quais as narrativas pessoais gravitam, bem como as relações de poder que envolvem os lugares nos quais os sujeitos são interpelados a interpretar-se e reconhecer-se enquanto tais. O que no caso do *blog Cem Homens*, e de forma mais específica desse comentário, nos remete a perceber a contemporaneidade como a época em que a “terceira mulher”, de Lipovetsky (2000), encontra oportunidade não apenas de se libertar das correntes morais que aprisionavam sua sexualidade, como também de se narrar enquanto um ser desejante que, como a leitura afirma, “já aprendeu a fazer sexo por prazer”.

Esse “narrar-se” abordado enquanto mecanismo de subjetivação do dispositivo pedagógico que seria o ciberespaço, de forma mais precisa os *blogs* confessionais, pode ser considerado como uma forma de cuidado de si contemporânea, que conversa diretamente com as formas apresentadas por Foucault (1985b), reformulando a antiga prática da confissão. Uma vez que o narrar-se nestes *blogs* se dá em tom de verdadeiras confissões, sobretudo no *Cem Homens*, que tem como assunto central a sexualidade, tema desde muito tratado por este viés. O que teria mudado da época vitoriana (Foucault, 1988, p. 17) para os dias atuais, seria entre outros fatores o local e a forma como essas confissões se dão, já que antes ocorriam bem mais por meio de uma imposição aos sujeitos tendo como locais adequados à igreja e o consultório médico. Enquanto na contemporaneidade, chega a parecer quase como um desejo inerente aos sujeitos, os quais, como será exemplificado mais adiante através da análise do *blog*, passam a confessar cada detalhe de suas vidas para um número cada vez maior de pessoas, lavando ao atual fenômeno da espetacularização da intimidade (SIBILIA, 2008), no qual esse “eu” se transforma num verdadeiro show midiático.

Acreditamos assim, que o sujeito contemporâneo; sujeito da rede; seria resultado dos diversos dispositivos e agenciamentos que o levam a manter uma relação reflexiva sobre si mesmo, bem como produzir-se enquanto tal. Dispositivos estes que foram destacados ao longo de todo o capítulo, começando pela problematização da sexualidade humana com os aspectos que a envolvem e sua relevância no processo de subjetivação dos indivíduos. Seguindo com uma discussão entorno das questões relativas ao gênero, com ênfase em como o ser mulher se constitui e se percebe no dado momento. Até chegarmos ao ambiente virtual, no qual as confissões dos sujeitos da rede parecem trazer à tona uma nova técnica de cuidado de si e autoreflexividade, na qual a exposição recorrente da intimidade por meio de uma contínua narração em primeira pessoa não seria apenas uma espetacularização do eu por si só, mas uma forma

de construir a si mesmo em voz alta, pondo-se em evidência para a partir de então julgar-se e problematizar -se, o que resultaria num processo de subjetivação e produção de si.

3 O EU E A ESCRITA DE SI: DO DIÁRIO ÍNTIMO AS CONFIS- SIÕES NA REDE

*Escrever é, pois “mostrar-se”, dar-se a ver,
fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.*
(Michel Foucault)

Neste capítulo pretendemos discutir em torno da escrita de si e como esta por meio dos diversos gêneros confessionais, com ênfase aqui nos diários íntimos, incide diretamente sobre o sujeito contemporâneo de forma a ter um papel essencial na produção de sua subjetividade. Procuramos assim, ao discutirmos as características dessa escrita íntima agora *online* presente nos *blogs* confessionais, atentarmos para as particularidades desse sujeito mulher do ciberespaço, que de maneira específica no *blog Cem Homens* parece romper com as performances de gênero ao passo em que narra suas vivências, e é por elas modificada, inserindo-se num processo de subjetivação.

Para compreender o atual hábito de exposição da intimidade por meio das “confissões” na rede é importante atentar para o fato de que o instinto autobiográfico é tão antigo quanto o próprio ato de escrever. No entanto, a literatura confessional só começa a se estabelecer enquanto gênero a partir do desenvolvimento da sociedade burguesa, bem como da difusão da noção de indivíduo (MACIEL, 2004). A prática de se manter um diário está então estritamente ligada ao estabelecimento e valorização da vida privada, que começa a se dar mais propriamente dito na época do iluminismo, quando, “o privado começa a se sobrepor ao público e a ser considerado mais importante do que ele” (SCHITTINE, 2004, p. 49). Os primeiros relatos autobiográficos tornam-se públicos a partir do século XVIII, sendo o século XIX caracterizado por engendrar o que alguns autores classificam como uma guinada subjetiva (FOUCAULT, 1986), e é nesses dois séculos que ocorre o desenvolvimento da esfera privada, bem como o desabrochar da invenção de uma escrita do íntimo (VINCENT-BUFFAULT, 1996), que vai encontrar seu apogeu somente mais tarde, com a proliferação da literatura confessional e escrita de si nos séculos XX e XXI.

Com o florescimento da noção de indivíduo e a valorização da vida privada, que começa a se concretizar a partir de pequenas mudanças, como por exemplo, a criação de quartos individuais e o uso de chaves e cadeados, é que a classe média passa a criar interesse por uma busca de si próprio, impulsionando assim o surgimento das narrativas autobiográficas, as quais começam a surgir em forma de novelas, cartas pessoais enviadas a amigos, diários íntimos e uma infinidade de relatos em primeira pessoa (GAY, 1998).

Pense, por exemplo, como a ideia de privacidade era até fisicamente impensável em famílias cujos membros eram obrigados a dormir juntos num mesmo quarto, algo comum no século XVIII. [...] Foram meros detalhes como quartos privativos ou escrivaninhas com chaves, mas, no geral, serviram para que

a classe média respondesse à nova intimidade com confissões, viciando-se em tudo o que a remetesse à busca do “eu” no cotidiano e nas artes (GAY, 1998, p. 23-24).

A escrita de si começa a ser delineada por meio da troca epistolar a partir do século XVIII, na qual os relatos possuíam por vezes caráter confessional. A correspondência entre amigos passa a ter cada vez mais importância, tornando-se um hábito presente entre jovens e adultos de famílias burguesas, o que passa a conferir ao escrito, ainda que numa lenta evolução, um lugar preponderante em relação à cultura oral (VINCENT-BUFFAULT, 1996). A correspondência a partir de então se desprende dos modelos epistolares da civilização medieval, que tinham basicamente como intuito o pedido de ajuda, passando a ser marcada por declarações afetivas e confissões da intimidade que levam o sujeito a atentar para sua identidade a partir de sua relação consigo mesmo e com os outros no âmbito privado. De forma que, “a prática epistolar se inscreve num movimento de estilização de si e do outro que caracteriza a esfera privada” (IBID. p. 19).

Vicent-Buffault (1996) ao tratar sobre as relações afetivas de amizade nos séculos XVIII e XIX no ocidente, atenta para as práticas da escrita de si, ou como prefere classificar escrita privada, na medida em que essa tanto partilhava sobre as experiências de amizade, como também por vezes era destinada aos amigos mais próximos, estando para além de uma mera prática de solidão. Uma vez que, “quando os diários íntimos são trocados ou oferecidos à leitura do amigo, a cláusula do segredo é suspensa em benefício de uma intimidade ao mesmo tempo deferida e elaborada” (VICENT-BUFFAULT, 1996, p. 12), lógica que pode ser aplicada aos diários *online*, que apesar de possuírem caráter intimista são destinados ao público, passando a problematizar até mesmo o conceito de segredo. Dessa forma, o autor acredita que a escrita de si, “por suas intensidades fragmentárias, seus escândalos costumeiros e suas alusões enigmáticas, apresenta-se sob a forma de textos tão vivos quanto lacunares” (VICENT-BUFFAULT, 1996, p. 17).

É importante ressaltar que a escrita de si situada na literatura confessional possui diferentes formatos e textos, todos buscando apresentar o “eu”, divididos em sua maioria em: autobiografias, memórias, diários íntimos, entre outros. Apesar de ambos serem escritos confessionais centrados na figura de um narrador em primeira pessoa possuindo grandes semelhanças entre si, passam a ser separados por diferentes autores com base em pequenas particularidades (MACIEL, 2004, p. 06).

No seu livro *Le Pacte Autobiographique*, Lejeune (1994) procura distinguir a autobiografia dos demais gêneros, afirmando que este seria um “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e, em particular, na história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1994, p. 50), no entanto, a autobiografia “não se encerra na própria narrativa, pois, como história de vida daquele que a redige, envolve e conta o leitor, abrindo-lhe campos para identificação além do texto” (TEIXEIRA, 2003. p. 44), ou

seja, fazendo brotar empatia. É a partir de tal constatação que Lejeune (1994) cria o conceito de “pacto autobiográfico”, atentando para o fato de que a autobiografia seria tanto uma forma de escrita como também de leitura, o que levaria ao surgimento de um “pacto” entre quem escreve e quem lê o texto, de forma que, “quem escreve se compromete a ser sincero e quem lê passa a buscar revelações que possam ser confirmadas extratextualmente” (MACIEL, 2004, p. 07). Seria justamente esse “pacto” o responsável por diferenciar as autobiografias de todas as demais formas literárias, consagrando-a, mas para que tal pacto funcione é preciso que o leitor acredite que a identidade do *autor*, do *narrador* e do *protagonista* da história são a mesma. “Em suma: se o leitor acreditar que o autor, o narrador e o personagem principal de um relato são a mesma pessoa, então se trata de uma obra autobiográfica” (SIBILIA, 2008, p. 30/31).

O teórico francês, Lejeune (1994), também aponta sobre uma possível diferença entre autobiografia e diário íntimo, embora ambos sejam escritos de si em primeira pessoa, pertencentes ao gênero confessional, o primeiro se diferencia do último na “perspectiva retrospectiva da narração” (LEJEUNE, 1994, p.51). De forma que o escritor de diário íntimo possui uma conexão mais imediata com o texto, embora haja certa parcela retrospectiva, na medida em que narra acontecimentos já vivenciados, no entanto, isso se dá num passado bem próximo ou mesmo no tempo presente. Uma das características mais expressivas do diário íntimo seria a presença do cotidiano, “pois só há escrita em forma de diário quando o texto acompanha o compasso do calendário. [...] A tentativa de racionalização da experiência do cotidiano é à base do gênero” (MACIEL, 2004, p. 10). O diário pode então ser compreendido enquanto um relato fracionado, escrito em caráter retrospectivo, no entanto, num curto período de tempo entre os fatos acontecidos e sua narração, “em que um “eu”, com vida extratextual comprovada ou não, anota periodicamente, com o amparo das datas, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela, por escolhas particulares, um eu-narrador sempre muito próximo dos fatos” (MACIEL, 2004, p. 10).

O modelo de diário que conhecemos estritamente associado a uma escrita de si com caráter confessional, não é a única maneira como estes se apresentaram ao longo do tempo. Entre as formas consagradas deste tipo de escrita estão os diários de guerra, diários de bordo utilizados por antropólogos para registrar suas pesquisas, diários de viagem, entre outros. De acordo com a classificação do pesquisador inglês Robert A. Fothergill, o modelo de diário íntimo teria evoluído a partir de quatro principais formas consideradas como pré-diários, que seriam os, “diários públicos, diários de viagem, diários de registro pessoal – análogos aos livros comunitários (commonplace books) – e diários de consciência ou espirituais” (OLIVEIRA, 2002b, p. 30). Sendo estes últimos, segundo Oliveira (2002b), os responsáveis por começar a extinguir o certo caráter público que os mesmos possuíam até então, uma vez que os diários espirituais passam a dar ênfase à vida privada do escritor.

Os diários de consciência ou espirituais tornaram-se muito populares no século XVII, alimentando a prática do diarismo nos séculos XVIII e XIX. Focando sobre a realidade interior em detrimento de aspectos exteriores da vida do diarista, esses diários são

responsáveis por pavimentar o caminho para o surgimento do diário como o “livro do eu”, surgido no século XIX. (OLIVEIRA, 2002b, p.44).

É importante destacar que antes do diário íntimo surgir enquanto o “livro do eu”, o que para autora prevalece a partir do século XIX, a história destes tanto no ocidente como no oriente se insere de maneira, “pública ou privada, comunitária ou individual, a depender do tipo de função que o diário vai exercer para aquela comunidade ou indivíduo engajado nas redes sociais” (OLIVEIRA, 2002b, p. 18). “Sendo assim, os diários evoluem em tipos e funções até chegarem à forma moderna do século XX, denominado de “O novo diário”, no final da década de 1970 pela pesquisadora americana Tristine Rainer” (BATISTA, 2008, p. 03).

A partir de então passa a ser cada vez mais comum a manutenção de um diário íntimo, que chega a ser febre entre adolescentes do sexo feminino (MACIEL, 2004), uma vez que ao longo do tempo a mulher teve sua voz silenciada, bem como, seus interesses pautados por um discurso patriarcal e machista que determinava o que deveria ser assunto de mulher e o que era indecente ou não (LIPOVETSKY, 2000). No decorrer do século XX com o hábito comum de se manter um diário, este passa a ser fruto de uma crescente curiosidade, que leva a onda da publicação dos mesmos em formato de livros.

A publicação mais famosa desse gênero no ocidente foi o diário de Anne Frank (1958) em 1947 que até hoje continuar a ser o mais vendido, chegando à marca de 25 milhões de exemplares na primeira década do século XXI (OLIVEIRA, 2012), o que o torna exemplo sobre o interesse e fascínio que um texto confessional pode suscitar nos sujeitos. O diário é um relato em primeira pessoa de uma jovem Judia que entra na puberdade ao mesmo tempo em que se vê obrigada a fugir com sua família para um esconderijo subterrâneo por vinte e cinco meses, no período da segunda guerra mundial, quando o nazismo pretende eliminar todos os judeus da Alemanha (FRANK, 1958). O sucesso do livro parece se dá tanto pela sua forma narrativa; intimista e em primeira pessoa; como também pelas circunstâncias históricas do momento de sua produção. O fato é que este diário, publicado após a morte de sua autora pelo único parente que sobreviveu aos anos sombrios de guerra, além de saciar a curiosidade dos leitores, também os leva a refletir sobre o sentido da vida e a condição humana. O que talvez se faça presente em todos os demais relatos do gênero, por mais superficiais que nos possam parecer num primeiro momento.

O diário íntimo na estrutura em que o conhecemos hoje é considerado como “o local onde o hábito de inquirir e refletir sobre si mesmo” se realiza (OLIVEIRA, 2002b, p. 48), estando associado com o crescimento pessoal e a exploração da criatividade, bem como com uma possível forma de terapia para quem o produz (BATISTA, 2008). Nas últimas décadas do século XX, os diários íntimos e os relatos autobiográficos, segundo Sibilia (2003), chegaram a ter sua morte anunciada, em grande parte devido aos avanços tecnológicos, no entanto, o que começa a acontecer é um movimento contrário, inicialmente com os *blogs* confessionais que levaram o antigo diário de papel a ressurgir, agora num novo suporte e ambiente, na rede.

O escrito íntimo passa desde então, a ser valorizado em grande medida devido ao espírito individualista que começa a florescer por volta do século XIX e parece alcançar seu ápice nos dias atuais, em que beira o narcisismo digital. Inicialmente os diários íntimos tinham a função de registro, arquivando memórias, segredos e todas as inquietações do sujeito e de sua época, possibilitando a este, descrever a si mesmo a partir de um olhar introspectivo e autocrítico. “O diário ‘à moda antiga’, por escrito, se caracteriza pelo ‘segredo de gaveta’ e pela liberdade de estar sozinho em frente à folha em branco. Ao considerar o diário virtual uma das primeiras perguntas que se faz é: o que aconteceu com o segredo?” (SCHITTINE, 2004, p. 75). Parece-nos que a questão não é que o segredo tenha deixado de existir nos diários íntimos da rede, mas, que a compreensão em torno do termo íntimo e da própria noção de segredo é que passam a mudar, na medida em que, sobretudo nos *blogs* confessionais, a intimidade passa a ser revelada ao público instantaneamente, de forma que “no ambiente virtual o diário sai da gaveta” (SCHITTINE, 2004, p. 75).

3.1 DIÁRIO ÍNTIMO *ONLINE*: O *BLOG* COMO CONFESSIONÁRIO CONTEMPORÂNEO

A história se torna por vezes a da usura das palavras e dos discursos. [...] falar já é quase uma confidência, um apelo.
(Vincent-Buffault)

O termo *blog* é de origem americana e seria a contração das palavras *web*, que significa página na internet, e *log* que faz menção ao diário de navegação, a junção dos termos dá origem à palavra *weblog* que com o tempo acabou sendo abreviada para *blog*. Por acreditarem que a palavra é uma contradição em si mesma diversos autores preferem usar a expressão “diário íntimo na internet” para se referirem aos *blogs* confessionais (SCHITTINE, 2004).

Os primeiros *blogs* começam surgir na década de 1990, existindo divergências sobre qual teria sido o primeiro da história, no entanto, o fato é que estes surgem graças ao contínuo avanço e desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação. No início, época a qual Oliveira (2002b) vai se referir como sendo “a primeira onda da *web* escriturável” a linguagem de programação das páginas era em *html*, o que exigia conhecimentos específicos para a criação e manutenção de páginas individuais, motivo pelo qual era possível contar o número de diários *online* disponíveis na rede naquele período. Já a “segunda onda da *web* escriturável” se estabelece “quando surgem ferramentas, como o *blogger*” (OLIVEIRA, 2002b, p. 22), software da empresa do norte-americano Evan Williams, que foi lançado como alternativa popular para a publicação de textos na rede, já que a ferramenta é simples e de fácil uso, o que parece contribuir diretamente para o crescente número de usuários (KOMESU, 2004).

No Brasil o *boom* dos *blogs* ocorre no início do século XXI chegando à marca de

170.000 contas em agosto de 2002, estimativa baseada apenas nos usuários que estavam hospedados em dois sites brasileiros que ofereciam o serviço na época (OLIVEIRA, 2002a). O número cresceu consideravelmente ao longo dos anos, tendo em vista que todos os dias milhares de pessoas espalhadas por todo o mundo criam novas páginas, em 2007 foi calculado que cerca de 140 milhões de usuários produzem conteúdo na internet (SIBILIA, 2008, p. 236). Entre os fatores que justificam a popularidade dos *blogs* estão em primeiro lugar, o fato destes não demandarem conhecimento especializado, e em segundo lugar o fato da ferramenta ser gratuita, o que permite que “a parcela da população que usufrui de computador e internet” possa facilmente ter acesso (KOMESU, 2004, p. 111).

À medida que os blogs foram se espalhando passaram também a ser usados de diferentes maneiras, desde divulgadores de eventos e publicidade, passando pelo gênero jornalístico, como espécie de informativos. Até serem usados como diários íntimos *online*, também nomeados de *blogs* confessionais, que assim como os tradicionais diários teriam a função de registrar e narrar à vida dos diaristas, embora com novas particularidades próprias do ciberespaço. Entre as quais se destaca a da exposição na rede, uma vez que o conteúdo compartilhado no ciberespaço fica visível para todos que estão conectados, o que levaria a uma consequente perda do seu caráter privado e *status* de secreto.

Se o diário à moda antiga era caracterizado pelo segredo “guardado a sete chaves” e a sensação de liberdade ligada ao fato de não ser lido por ninguém; a não ser a quem se oferecesse os escritos; com o diário íntimo *online* isso deixa de acontecer. Agora as noções de intimidade e segredo parecem ganhar novo *status*, uma vez que tais termos não se aplicam mais em seu sentido original. O que ocorre é certo paradoxo em torno da noção de íntimo, já que nos *blogs* confessionais a escrita de si continua a ter caráter intimista, uma vez que os assuntos tratados giram em torno de confissões do âmbito privado dos sujeitos, no entanto, agora passam a se direcionar para um grande público, que inclusive pode comentar sobre o que foi exposto e até mesmo manter diálogos. A partir de tal perspectiva é que Schittine (2004, p. 77) afirma que no “ambiente virtual, o diário sai da gaveta” para se abrir ao público por meio da tela. De maneira que o caráter físico do segredo bem como seu conceito clássico se desfaz, “[...] - a aparente exclusão de um leitor de fora através de uma fechadura que não se abre – deixa de existir em função de uma abertura para o outro, um leitor desconhecido que aparecerá do outro lado da tela” (SCHITTINE, 2004, p. 78).

Assim o que ocorre não é a morte do segredo, mas uma recorrente exposição desse segredo em forma de confissão, de maneira que a noção de confissão não se desfaz, muito pelo contrário, continua lá sendo uma das principais características desses *diários online*, mas agora voltada para um público cada vez maior. Foucault (1988, p. 58) acredita que as confissões, sobretudo a confissão da verdade, é um dos fatores que leva a subjetivação dos sujeitos, fazendo parte dos processos de individualização destes, e aí estaria sua importância, uma vez que desde a idade média, as sociedades ocidentais inseriram a prática da confissão entre os rituais de produção da verdade.

A própria evolução da palavra “confissão” e da função jurídica que designou já é característica: da “confissão”, garantia de status, de identidade e de valor atribuído a alguém por outrem, passou-se à “confissão” como reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamentos. O indivíduo, durante muito tempo, foi autenticado pela referência dos outros e pela manifestação de seu vínculo com outrem (família, lealdade, proteção); posteriormente passou a ser autenticado pelo discurso de verdade que era capaz de (ou obrigado a) ter sobre si mesmo. A confissão da verdade se inscreveu no cerne dos procedimentos de individualização pelo poder (FOUCAULT, 1988, p. 58).

A confissão não deve ser entendida apenas como uma das técnicas mais valorizadas de produção da verdade que se inscreve no centro dos processos de individualização dos sujeitos por meio das relações de saber-poder, o que de fato ocorre e é teorizado por Foucault (1988), ao explicar sua crescente prática na era vitoriana. Mas a partir de então também pode ser percebida como um mecanismo de subjetivação, na medida em que ao confessar sua sexualidade, por exemplo, o sujeito não apenas a colocaria a mostra, mas se perceberia enquanto um sujeito detentor de uma sexualidade que desde já lhe insere em certas práticas discursivas, levando-o conseqüentemente a um processo de autoreflexividade, já que, “hoje em dia o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. [...] conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos” (GIDDENS, 1993, p. 41). Podendo a confissão ser considerada como um desses recursos reflexivos, no qual o sujeito se produz na medida em que se confessa o que se dá por estar voltado para si mesmo.

Schittine (2004) acredita que outra característica dos diários íntimos na internet seria o fato de possuírem certo caráter híbrido com relação ao tipo de escrita que se desenvolve neles, já que para autora um único *blog*, apesar de confessional, pode trazer textos que apresentem características de diferentes gêneros literários, desde o noticioso, literário, jornalístico, de crônica e até colunista. Podendo ter um pouco de cada estilo, já que é um “estilo íntimo exposto, sem as defesas e reservas típicas de um diário, mas que acabou desenvolvendo outras tantas” (SCHITTINE, 2004, p. 186-187). De maneira que para a autora muita coisa muda com a passagem do diário íntimo de papel para a internet.

A posição do autor, de onde fala e para quem fala – já que agora ele possui um interlocutor. A questão da linguagem, que mistura a formalidade do texto escrito e a linguagem coloquial do texto oral – com os cortes de palavras, os sinais e símbolos que a internet permite. É um diário novo, que não exige a primeira pessoa, mas que também pode ser escrito fazendo uso dela; que aceita o anonimato, a identidade real ou virtual. Que abarca a realidade e a ficção, que traz um pouco de informação de época, de crítica aos costumes cotidianos, e da dor, das alegrias e das conquistas pessoais de seu autor. Que não se deixa escravizar pelo tempo, mas que pode se tornar dependente dele. Que precisa de leitores, e de seus comentários e sugestões para ser alimentado (SCHITTINE, 2004, p. 186-187).

Turkle (2011) em sua pesquisa sobre confissões *online* em *sites* específicos de confissões na rede atenta para o fato de que nesses ambientes os usuários cadastrados costumam fazer postagens anônimas revelando seus segredos. O que para a autora não significa necessariamente

que o que foi revelado ali seja invenção, pelo contrário, parte da crença que essas confissões expressam verdades importantes sobre quem às expôs. De maneira que a confissão *online*, para a autora, seria apenas mais uma zona de performance dos sujeitos, na qual as declarações podem até não ser uma verdade genuína, “mas são verdade o suficiente para que os escritores se sintam aliviados e para que os leitores se sintam parte de uma comunidade”¹⁵ (TURKLE, 2011, p. 230). E mesmo nos *sites*, ou como no nosso caso nos diários íntimos *online* em que os usuários revelam sua identidade, as confissões na rede se mostram mais positivas do que uma conversa presencial com um amigo ou parente, já que de acordo com Turkle (2011) quando as confissões ocorrem no espaço físico, *off-line*, existe um diálogo e negociação, que pode trazer certa desaprovação por parte do receptor. Enquanto na rede, mesmo que o texto seja dirigido para todos que o acessam e estes possam deixar comentários, o autor não possui obrigação de interagir e responder. O lado negativo, no entanto, seria que quando se confessa para um amigo e este demonstra desaprovação, a mesma pode partir de um sentimento de cuidado e preocupação pelo bem do outro, enquanto na rede os desconhecidos que comentam nem sempre tem boas intenções.

E se uma confissão face a face encontra crítica, temos alguma base para avaliar sua fonte. Nada disso acontece em uma confissão online com estranhos. Alguém diz alguma coisa, e as opiniões dos outros vêm como uma enxurrada de reações anônimas. É difícil, dizem aqueles que postam, prestar atenção apenas aos amáveis (TURKLE, 2011, p. 231).

Entre os motivos pelos quais as confissões *online* atraem tanto leitores quanto adeptos, Turkle (2011) com base em seus estudos destaca dois principais quadros. O primeiro seria das pessoas mais velhas que em sua maioria utilizam a confissão na rede como substituto para as coisas que não tem, como um amigo de confiança por exemplo. E o segundo, das pessoas mais jovens que tomam as confissões em seus próprios termos, desde a curiosidade pela vida do outro, como também por empatia em se perceber na mesma situação que o confessor. Além é claro dos que fazem por mera diversão, ou usam esse espaço para suas próprias confissões, encontrando nele um local de desabafo e liberdade para narrar a si mesmos. De maneira que “a confissão *online* atrai porque alguém silencioso quer falar” (TURKLE, 2011, p. 236). Sibilia (2008) acredita que entre os principais motivos esteja uma intensa e cada vez mais crescente fome pela realidade, “um apetite voraz que incita ao consumo das vidas alheias e reais”, aliado a um forte desejo por visibilidade. Ambos responsáveis pelo espaço e sucesso que os relatos desse tipo passam a possuir, já que “a não ficção floresce e conquista um terreno antes ocupado de maneira quase exclusiva pelas histórias de ficção” (SIBILIA, 2008, p. 34).

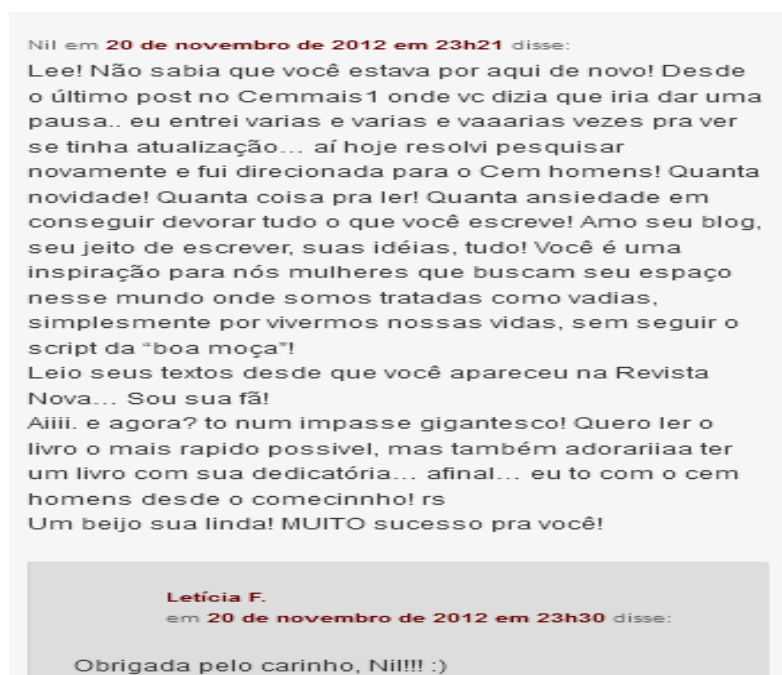
Ao longo do tempo o ato de confessar-se sofre mudanças consideráveis quanto à forma como se apresenta e atua. No início esteve amparado na prática da penitência pela igreja católica, que se deu desde o Concílio de Latrão em 1215 (FOUCAULT, 1988, p. 58) criando o

15 A tradução é nossa.

espaço do confessional em que os fiéis são convocados a contar seus segredos mais íntimos para a figura do padre que por sua vez possui o poder do perdão ao mesmo tempo em que deve manter total sigilo. As mudanças começam a partir do movimento protestante e da Contra-Reforma, caminhando pelos séculos XVIII e XIX com os avanços científicos, sobretudo nas áreas jurídica e médica que a levam aos poucos a perder sua situação ritual, difundindo-se e passando a ser utilizada em toda uma série de relações sociais: desde a de alunos e professores, pacientes e médicos, delinquentes e peritos, até pais e filhos. De maneira que as “motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas [...]” (FOUCAULT, 1988, p. 62). A partir de então a confissão começa a se abrir para outros domínios, bem como para novas formas de percorrer tais domínios, chegando ao ciberespaço por meio dos diários íntimos *online*, nos quais deixa de ser realizada em voz baixa e por meio de um contrato sigiloso. Sendo agora exibida sem pudores, mesmo quando o assunto é o sexo, que continua a encontrar seu lugar de resistência em tal ato, agora proclamado em voz alto no grande palco que é a rede. Dessa maneira o antigo confessional da igreja católica é trocado pela tela do computador, e a figura do padre por milhares de olhos atentos e curiosos pelo segredo da vida privada.

Para Foucault (1988) a prática da confissão pode continuar sendo compreendida como, “um ritual onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é também um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro” (FOUCAULT, 1988, p. 61), parceiro este que mais do que um simples interlocutor, pode ser considerado como uma instância que requer a confissão, avaliando-a e julgando-a. O que pode ser observado no comentário abaixo de uma das seguidora do *blog Cem Homens*.

Figura 02- Comentário da leitura Nil.

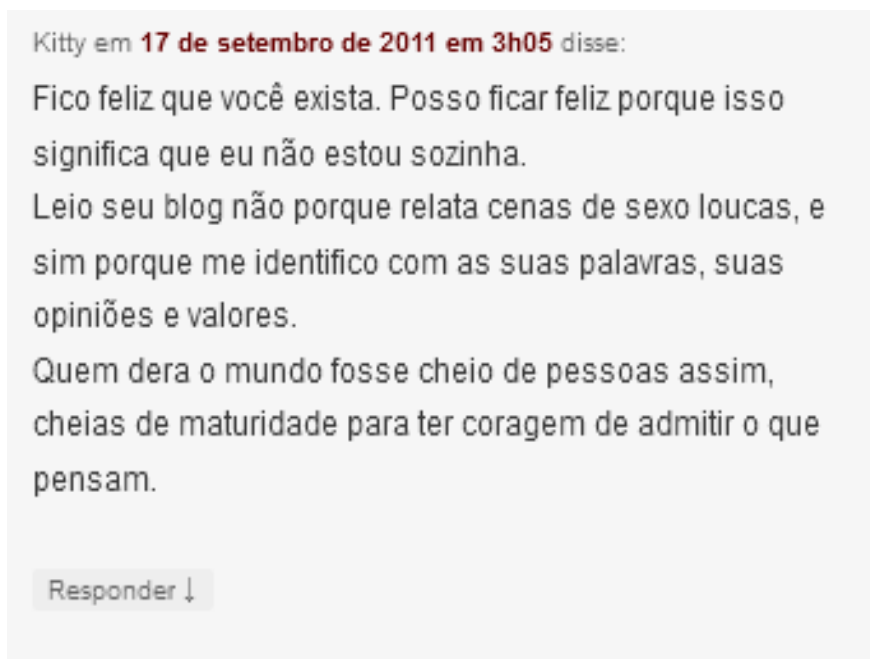


Fonte: *Blog Cem Homens* (2012).

No comentário da leitora Nil, publicado em 20 de novembro de 2012, além de elogiar o *blog* e sua escritora falando sobre a importância deste para sua vida e de acordo com seu ponto de vista para a vida de muitas outras mulheres da contemporaneidade, a leitora também acaba por se colocar no papel de instância reguladora da confissão. Na medida em que seus elogios e ponto de vista podem ser compreendidos como nada mais que o julgamento que faz sobre o que ali é narrado, ao mesmo tempo em que o solicita. Como se por meio da sua fala não apenas agradecesse pelo conteúdo, mas deixasse claro que está sempre lá esperando por uma nova confissão para mais uma vez examiná-la. O que torna visível essa relação de poder que se estabelece nos diários íntimos *online*, sobretudo no *Cem Homens*, por possuir um público fiel que ao mesmo tempo em que lê e dá audiência, deixa sua opinião e passa a sentir liberdade para cobrar por mais narrações.

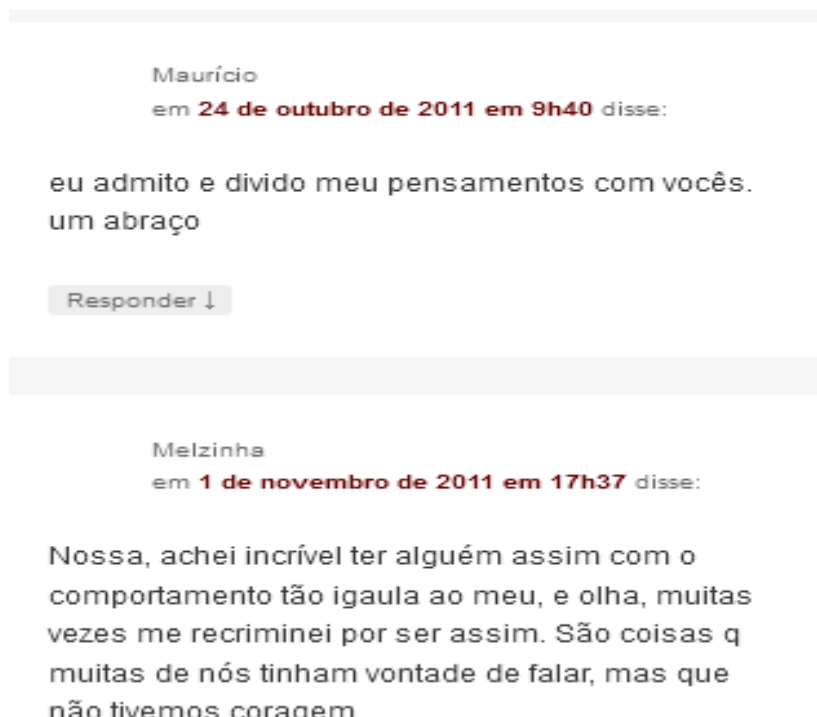
Além de possivelmente se apresentarem como instâncias reguladoras da confissão, os leitores/seguidores dos *blogs* confessionais desempenham outro papel fundamental, de acordo com Sibilia (2008), o de legitimadores. No entanto, a legitimação de que falamos não seria do escrito propriamente dito enquanto gênero literário ou algo do tipo, e sim do escritor enquanto sujeito criador. “Pois a verdadeira criação colocada em jogo é subjetiva, portanto são os autores – estilizados como personagens – que precisam dessa legitimação concedida pelo olhar alheio” (SIBILIA, 2008, p. 236), na medida em que quanto maior o número de seguidores e comentários de um determinado *blog* confessional, maior também a repercussão deste, bem como a chance de que novos leitores se juntem aos antigos afirmando de certa forma a veracidade do escritor, como se pode observar nos diversos comentários presentes no *blog Cem homens*. Comentários estes que teriam como principal função, “confirmar a subjetividade do autor, que por ser alterdirigida só pode se construir enquanto tal diante do espelho legitimador do olhar alheio” (SIBILIA, 2008, p. 237). O que por sua vez se dá graças à interatividade que é outra característica dos *blogs* confessionais, e do ciberespaço como um todo, que passa a permitir que sujeitos desconhecidos e em lugares distantes possam se comunicar quase que instantaneamente.

Figura 03- Comentário da leitora Kitty.



Fonte: *Blog Cem Homens* (2011).

Figura 04 - Comentário dos leitores Maurício e Melzinha.



Fonte: *Blog Cem Homens* (2011).

Nesse ritual que são as confissões *online*, “a enunciação em si, independente de suas consequências externas, produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, libera-o, promete-lhe salvação” (FOUCAULT, 1988,

p. 61). De maneira que a confissão ainda hoje permanece como a matriz que rege a produção da verdade, sobretudo em torno de um discurso sobre o sexo, que segundo Foucault (*Ibid.*) passa a ser o ponto principal do confessional moderno. O que pode ser observado claramente nas confissões presentes no *blog Cem Homens*, em que sua autora além de tratar sobre sexo narra seus segredos e gostos sexuais mais íntimos em tom de confissão, autenticando suas narrações na medida em que as confessa. Como se observa na postagem número 01 do *blog*.

Lembro-me dele debruçado na janela, o tronco inteiro para fora, a marca da sunga lembrando que era janeiro. Ele fumava. Detesto o cheiro de cigarro no quarto, mas ele podia. Ah, a ele seria permitida qualquer coisa. Com aqueles olhos verdes ele me convenceria de tudo. Eu o observava e imaginava como ele deveria ser um gato há 15, 20 anos. Ele continua bonito, mas a tatuagem já não está na moda e o corpo é de um quarentão. Eu estava entregue. Podia fazer piada sem graça, podia confessar ser fã de Cyndi Lauper. Fez ambos. Meu tesão por ele continuava. Talvez eu nunca tenha confessado o tamanho do meu desejo. Talvez minha cara embasbacada enquanto ele falava tenha causado estranhamento. Talvez ele tenha achado que eu queria namorar-casar-ter-filhos. Nunca disse que não. Eu estava feliz demais pra dizer o contrário. Mas, se tivesse sido honesta naquela noite de verão, eu teria dito: “Não é você, sou eu”. Eu estava de volta (LAPA, 2012, p. 11 - Postagem referente ao número 01).

A citação acima é uma parte da primeira postagem realizada no *blog* em 2011, ano que começou a ser produzido, retirada do livro lançado posteriormente pela própria Nadia Lapa em 2012 no qual constam todas as postagens referentes aos homens com quem transou, contabilizando trinta e cinco narrativas. Nessa postagem específica, que marca o início de uma série de relatos íntimos sobre suas aventuras sexuais, a autora descreve seu parceiro e o tesão que sente por ele. Porém, para, além disso, começa a apresentar ao leitor o seu universo sexual, que representa o de muitas outras mulheres da contemporaneidade, tidas como a terceira mulher de Lipovetsky (2000), que a partir da revolução sexual iniciada na década de 1960 passam a problematizar não apenas sua sexualidade e os papéis de gênero que por muito tempo as aprisionaram, mas mais do que isso, seu lugar no mundo e o processo de construção de si enquanto tais. Deixando de se produzirem enquanto mulheres para os outros para agora tornarem-se mulheres para si mesmas, como explica Touraine (2011).

Essa transformação da vida das mulheres e da imagem que elas têm delas mesmas é vivida conscientemente. Com frequência as expressões empregadas para defini-las são externas. Luci Irigaray, ainda ela, define as mulheres de hoje como moléculas loucas que se dirigem em todas as direções e buscam construir uma nova matriz da vida. Posição que chega a anunciar a destruição da categoria “mulher” e, sobretudo, a recusar todas as definições tradicionais da mulher, de sua feminilidade e de sua sensibilidade (TOURAINÉ, 2011, p. 42-43).

As mulheres da contemporaneidade, exemplificadas aqui na figura de Nádia, não pretendem estabelecer uma identidade feminina que represente todas as mulheres numa única categoria diante dos outros. Pelo contrário, Nádia se apresenta como uma mulher de si mesma, que tem sua própria forma de se perceber enquanto tal, bem como de lidar com sua sexualidade, se colocando diante de si mesma a todo tempo por meio da escrita confessional. O

que é perceptível, por exemplo, quando observamos na sua postagem que a descrição de seu parceiro, por mais que tenha um tom poético, não possui um viés romântico e sensível, o que é esperado de uma mulher apaixonada. Pelo contrário, ao atentarmos para a narração vemos que a autora não está se referindo a sentimentos como o amor e a paixão, por exemplo, e sim a sensações e desejos, entre os quais não necessariamente estão o de “namorar-casar-ter-filhos”, indo de encontro ao que se espera que uma mulher espere para si mesma. Em seu livro Nádía nos fala da importância do número 01, e do que ela realmente queria naquele momento da sua vida em que não apenas se aventurou em diversas relações sexuais, mas as narrou na rede.

Por isso o número 01 foi tão especial. Eu não queria namorar, eu não estava apaixonada, eu nem queria olhar para aqueles olhos maravilhosos todos os dias. Eu só queria continuar sentindo meu corpo ficando quente, o rosto roborizando, a lubrificação acontecendo e o corpo pedindo mais. Ele pediu. Muito mais (LAPA, 2012, p. 10).

O que vai continuar ocorrendo de maneira mais acentuada no decorrer das postagens de Nádía é uma contínua desconstrução da identidade feminina. Sobretudo, nos termos que Butler (2010) compreende essa identidade, como sendo, “uma interiorização, jamais completamente alcançada, dessa oposição binária entre homens e mulheres através da qual o homem fundou seu poder cultural e social sobre a mulher- natureza” (TOURAINÉ, 2011, p. 17). Ou seja, que se constituiria por meio de práticas sociais alicerçadas numa estrutura patriarcal, binária e machista, que associa a figura da mulher a uma feminilidade e sensibilidade que fariam desta um ser menos sexual e mais romantizado por natureza. De maneira que se pode afirmar que as identificações de gênero seriam práticas performáticas (BUTLER, 2010), as quais Nádía se não desconstrói pelo menos afronta. O que pode ser verificado na postagem abaixo, nomeada de, “*O mundo gira e volta pro mesmo lugar*”.

O mundo gira e volta pro mesmo lugar

Há oito anos conheci um garboso rapaz no extinto IRC. Segundo ele, eu dei uma enrolada básica até nosso primeiro encontro. Eu não lembro, confesso. Só me recordo do momento em que fui buscá-lo em casa e ele já chegou-chegando, me dando um beijão de língua.

Sáímos um tempo. Nossa relação era só sexo. E dos bons, devo dizer. Ele era incansável. Comecei a me sentir culpada por só conhecê-lo na cama, e fomos almoçar um dia juntos. Tudo correu bem, apesar de não termos lá muito assunto. Estávamos num grande restaurante a quilo do centro da cidade. Na fila para pagar, ele pegou a minha mão e encostou no pau dele, que estava duríssimo. Num restaurante a quilo do centro da cidade, sem termos falado uma única palavra sobre sexo, que fique claro. Ali eu percebi que nossa relação era só isso, mesmo.

E tudo bem, é claro. Vou reclamar de sexo bem feito? Jamais.

Transamos mais algumas vezes, mas a coisa esfriou. Eu devia estar saindo com alguém; ele começou a namorar. Ficamos anos sem nos ver. Mudei de cidade. Ano passado, em alguma rede social da vida (provavelmente Facebook), nos reencontramos. E mais uma vez passamos do virtual para o real (POSTAGEM PUBLICADA em 27 de setembro de 2011).

Na postagem acima Nádía conta a história de como reencontrou um antigo caso por

meio de uma rede social, sua descrição como sempre traz relatos do relacionamento íntimo, exibindo como era sua relação e como se sentia diante desta. A confissão mais uma vez gira em torno do tema sexo, sendo este assunto recorrente no *blog*. O que se partirmos do ponto de vista de Foucault (1988) se dá graças aos mecanismos históricos de repressão que ao longo do tempo se voltaram para o tema sexo, inserindo-o numa ordem discursiva específica tratada em ambientes “adequados” nos quais o tema só então poderia ser discutido, mas, que paradoxalmente acabou por fazer brotar uma grande curiosidade pelo assunto, levando por sua vez a uma proliferação do ruído em torno deste, bem como de uma crescente produção literária, de forma a colocá-lo no centro dos discursos modernos, bem como das práticas de confissão. Podendo o *Cem Homens* ser considerado também parte dessa produção.

Sem nenhum pudor a autora afirma que a relação com seu parceiro era apenas sexo, embora em certo momento tenha chegado a se sentir culpada por este fato, o que a leva a tentar fazer um programa diferente para conhecê-lo melhor, mas no fim constata que é só sexo mesmo, e como diz “*tudo bem, é claro. Vou reclamar de sexo bem feito? Jamais*”. Afirmação que nos faz perceber que suas confissões não se dão em tom de arrependimento ou em busca de absolvição como ocorre no confessional cristão, pelo contrário, se mostram bem mais como narrativas de um sujeito que parece ter o controle de sua vida e saber exatamente não apenas o que faz, mas o que quer para si. Rompendo com a necessidade de continuar a desenvolver as tradicionais performances de gênero, entre os quais a mulher deveria ser doce, recata e devota ao lar, nos levando a perceber que não apenas ela, mas as mulheres da contemporaneidade mudam sua postura e muitas vezes “adotam atitudes que significam busca de um sentido para a vida pessoal, desejo de ser um sujeito de sua própria existência [...]” (LIPOVETSKY, 2000. p. 223). O que certamente é um dos motivos que leva Nádía a guiar sua vida como bem entende, tomando posse de si mesma e de suas relações afetivo-sexuais, bem como talvez de manter o *blog* como uma espécie de diário íntimo *online*. Em entrevista aplicada a autora, quando questionamos sobre a importância das confissões na rede por meio da manutenção de um diário íntimo, esta responde que antes do *blog* nunca teve vontade de possuir um diário íntimo.

Eu nunca tive diário. Quero dizer, tive alguns na adolescência, mas eu escrevia umas cinco páginas e os abandonava. Tinha preguiça de escrever. Digitar é mais fácil, mais rápido. Podem perguntar, então, pq não escrever, por exemplo, no *word*, em vez de publicar num *blog*. Eu nunca soube responder isso, porque eu também jamais escrevi para necessariamente ser lida (claro que hoje, quando escrevo sobre feminismo, espero sim que as pessoas leiam; quando é sobre a minha vida, é mais para dar sentido às emoções). Eu gosto da plataforma, gosto de reler eventualmente, gosto de ter essas coisas tão marcadas no tempo.

Eu comecei a escrever em *blogs* em maio de 2001, depois de ver uma reportagem no jornal (de papel!) sobre *blogs*. A maioria eram diários na época. O meu não foi diferente. Eu nunca tinha escrito antes disso, além, é claro, das redações obrigatórias em faculdade e colégio. A escrita, para mim, está indissociavelmente ligada à internet, não sei expressar bem como. Que bom que ela, a internet, ainda pretende ficar aí por um tempo. Tenho pequenos grandes projetos pra ela.

Quando apenas narrava minha vida sexual, às vezes na própria situação eu já pensava “caceta, quando eu contar isso no *blog* ninguém vai acreditar”. Mas nunca foi algo

No trecho acima quando questionada sobre a importância das confissões na rede, Nádia começa revelando que na verdade nunca teve paciência para manter um diário íntimo, pelo menos não da maneira tradicional já que tinha certa preguiça de escrever, e então já aponta um dos primeiros motivos para preferir as confissões na rede, que seria o fato de digitar. Quando comenta sobre o motivo de expor suas confissões num *blog* afirma não saber ao certo, como se inicialmente não houvesse um motivo ou finalidade em si mesmo. O que Sibilia (2008) aponta ser uma das características de parte das narrativas *online* já que, “boa parte do que se faz, se diz e se mostra nesses palcos da confissão virtual não tem valor algum. É *digital trash*, um grande gênero sem pretensões [...]” (SIBILIA, 2008, p. 271), de maneira que não são e nem pretendem ser grandes obras apresentando-se como, “pequenos espetáculos descartáveis, algum entretenimento engenhoso sem maiores ambições, ou então celebrações da mais vulgar estupidez” (SIBILIA, 2008, p. 271). No entanto, no decorrer de sua fala, Nádia, nos aponta como possíveis motivos que a levaram a manter o *blog*, o desejo de dar sentido a suas vivências, uma vez que segundo a mesma, passa a possuir a sensação que estas ficam marcadas no tempo pelo simples fato de estarem registradas numa plataforma *online* ao acesso de todos. Já que como explica Sibilia (2008), na contemporaneidade os fatos quando evidenciados passam a possuir *status* de verdade, no sentido de nos dar a sensação de que realmente aconteceram na medida em que são exibidos aos olhos alheios, como se esse olhar fosse agora o responsável por autenticá-los, partindo assim do princípio apresentado por Debord (2003), de que, “o que aparece é bom, e o que é bom aparece” (DEBORD, 2003. *apud*. SIBILIA, 2008, p. 237).

As confissões apresentadas no *blog Cem Homens*, embora tenham inicialmente como assunto central o sexo, também percorrem outros âmbitos da vida da autora, desde seus gostos e interesses até acontecimentos marcantes em sua vida. Como na postagem abaixo, em que a autora fala sobre um acontecimento trágico em sua família, a morte da irmã.

Figura 05- Postagem intitulada “Não é negligência, imprudência, imperícia. É dolo”.

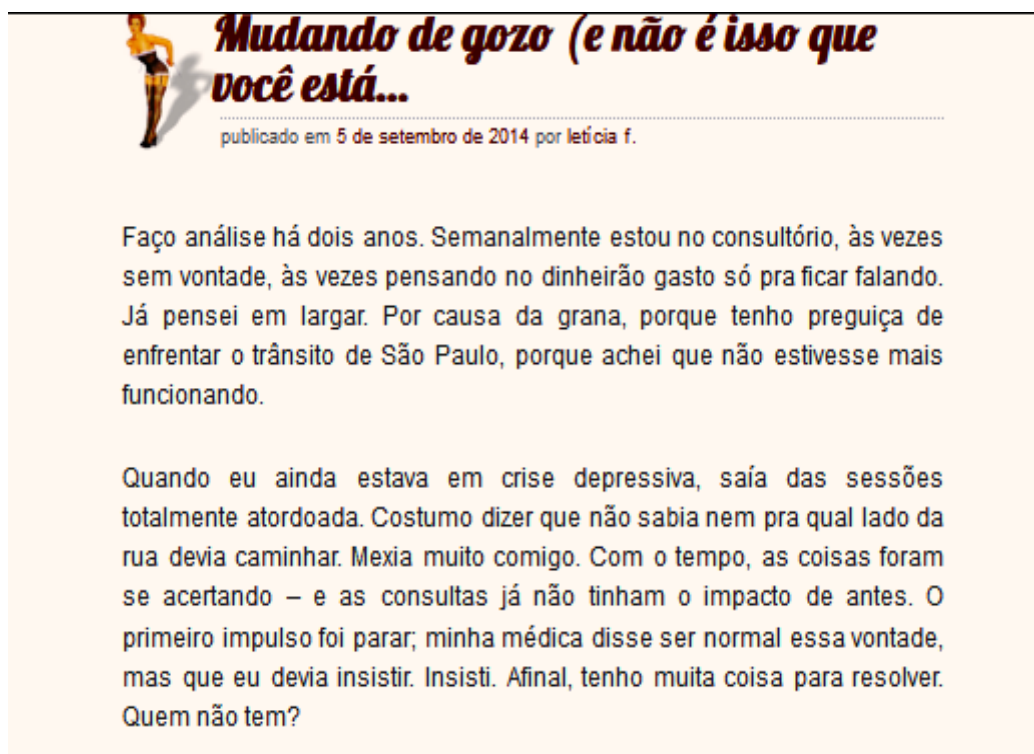


Fonte: *Blog Cem Homens* (2012).

Na figura 05, fragmento da postagem compartilhada em março de 2012, a autora traz a notícia da morte de uma jovem do Rio de Janeiro que despencou de um parapente, aproveita o fato para desabafar sobre a morte de sua própria irmã que se deu em condições semelhantes no ano de 2003. No decorrer do *post*, Nádia narra o desejo de sua irmã de voar de parapente, o que acontece naquele dia trágico em que falece, e o que foi descoberto no decorrer da investigação sobre o caso. Desabafando sobre a dor e a saudade que sente, além da revolta pela falta de fiscalização nesses voos. O que se observa nessa postagem, e que volta a ocorrer em outras, é que a autora também usa o *blog* como espaço para descarregar seus sentimentos, além é claro de suas ações mais íntimas, o que talvez não possa ou não queira fazer numa situação presencial.

Nádia toma seu *blog* como um verdadeiro diário íntimo *online*, no qual desabafa sobre os diferentes acontecimentos de sua vida, desde os mais triviais até os importantes, como vimos anteriormente e também pode ser observado no trecho da postagem abaixo, que trata sobre a crise depressiva que teve e a terapia que faz.

Figura 06- Postagem intitulada “Mudando de gozo (e não é isso que você está ...)”.



Fonte: Blog Cem Homens (2014).

Turkle (2011) acredita que entre outras razões a internet, leia-se aqui o diário íntimo *online*, se torna útil justamente por permitir que os sujeitos descarreguem seus sentimentos e ações mais íntimas e estranhas para desconhecidos com quem não serão obrigados a conviver, tomando como premissa “a noção de que você pode lidar com sentimentos sem lidar diretamente com uma pessoa” de maneira que “descarregar sentimentos serve para sentir como se eles fossem compartilhados” (TURKLE, 2011 p. 231). Ao descarregar os sentimentos e compartilhar situações tristes e traumáticas na rede, o sujeito também encontra uma forma de não se sentir sozinho naquela situação, já que por meio da interação com os leitores pode vir a conhecer histórias semelhantes de pessoas na mesma situação. “A coisa mais importante é que depois que você faz sua confissão, você lê outras. Você sabe que não está sozinho. Um monte de outras pessoas fizeram quase as mesmas coisas que você” (TURKLE, 2011, p 232-233). A autora ainda frisa que muitas vezes quando os sujeitos da rede contam suas histórias tristes, o que talvez seja o caso de Nádia, é como se ainda que inconscientemente esperassem “ser reembolsados em intimidade. A configuração online aumenta o número de pessoas a quem se pede uma resposta solidária” (TURKLE, 2011, p 232-233). Como se pode observar no seguinte trecho, retirado de uma das postagens de Nádia: “[...] É reconfortante notar como pessoas quase desconhecidas podem ser tão solidárias e compreensivas” (Trecho da postagem número 16, compartilhada em 2011).

É fato que a confissão por se só não leva Nádia a diminuir a dor que sente pela perda da irmã, muito menos conseguir que passe a existir uma maior fiscalização dos voos de parapente,

ou mesmo, que todos os responsáveis pelo acidente sejam punidos. No entanto, o fato de compartilhar essa experiência, parece lhe permitir a sensação de que está evitando novos acidentes por meio de uma conscientização aos seus interlocutores, além é claro de poder desabar, o que talvez a faça se sentir um pouco melhor. Já que talvez a ideia de ter um *blog* confessional, narrando suas aventuras sexuais e questões da vida privada, parta do desejo de não apenas registrar no tempo os acontecimentos, ou torna-los visíveis para o grande público, mas também, como Turkler (2011) afirma, encontrar outras pessoas com os mesmos desejos, medos e ímpetos, que estejam disponíveis a ler e interagir por meio do ambiente virtual, permitindo ao diarista a sensação de que não está sozinho. O que parece ser uma das grandes mudanças na forma como os relatos confessionais nos novos diários íntimos da rede passam a se dá. Além disso, Turkler (2011) acredita que existem muitas coisas importantes a se aprender e a serem lembradas por meio das confissões *online*, uma vez que estas passam a fazer parte do processo de subjetivação dos sujeitos contemporâneos.

3.2 O EU COMO ESPETÁCULO: QUANDO O PRIVADO SE TORNA PÚBLICO

Não se pode negar que a distinção entre os campos público e privado é bastante antiga, sendo suas concepções por nós herdadas da antiguidade grega, no entanto, com os avanços tecnológicos na área da comunicação e informação ao longo do tempo, passa-se a perceber que tais domínios se reorganizam, gerando transformações nas relações que se estabelecem entre a vida pública e privada. O que começa a ocorrer com o desenvolvimento das sociedades modernas e a nosso ver encontra seu ápice na contemporaneidade.

Hanna Arendt (2007) explica que a distinção entre o público e o privado era um aspecto essencial do pensamento grego, sobretudo após o nascimento das cidades-estados que aparecem possibilitando aos indivíduos o surgimento de uma vida política (*bios politikos*), que se separa da vida que se levava em casa com a família. De maneira que cada “cidadão pertencia a duas ordens de existência: sua própria vida e a vida daquilo que era comum” (THOMPSON, 2010, p. 14). Sendo o domínio privado o do lar e da família, que advinha segundo Arendt (*Ibid.*) da necessidade de produzir bens para a própria sobrevivência, possuindo, portanto, como principais características a labuta e o trabalho. Enquanto o domínio público era o da *polis* que estava diretamente ligado à ideia de liberdade por meio do discurso e da ação, sendo considerado como o espaço da aparição. “A *polis* diferenciava-se da família pelo fato de somente conhecer <<iguais>>, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade. Ser livre significava ao mesmo tempo não estar sujeito às necessidades da vida nem ao comando de outro e também não comandar” (ARENDT, 2007. p. 41). A tendência dessas concepções, de acordo com Thompson (2010, p. 15) era julgar de forma positiva o domínio público e perceber como necessário o privado, embora fosse um “desdobramento subalterno da *polis*”.

Tais distinções começam a ser modificadas com o surgimento das sociedades modernas

a partir do século XVIII. O que Arendt (2007) classifica como “o surgimento do social”, e vê com certa negatividade, na medida em que para a autora este significaria a marginalização da ação e do discurso, bem como o desaparecimento da concepção grega de domínio público. Uma vez que implicaria a expansão da esfera do trabalho para além do domicílio, ganhando cada vez mais espaço social, o que por sua vez cria uma “sociedade de trabalhadores”, partidos políticos e classes organizadas que defendem interesses em comum, fazendo com que muitas das atividades até então realizadas apenas no lar passem a ser feitas cada vez mais fora de casa (THOMPSON, 2010, p. 14).

Habermas (1989), que também se dedicou ao estudo dos âmbitos público e privado, apresenta uma perspectiva diferente da de Arendt, ao acreditar que tais questões começam a ganhar nova forma no início da era moderna. De maneira que o âmbito privado continuava a estar ligado a família e ao domicílio, e também a questão econômica. Enquanto o público passa a fazer menção ao estado e a corte, surgindo assim a “esfera pública burguesa”, que diria respeito à esfera da autoridade pública que se manifesta por meio da administração pública do governo e do estado. Mas o ponto central que difere do pensamento de Arendt (2007), é que ele chama atenção para o crescimento da troca de informação que se dá por meio do surgimento dos meios de comunicação a partir dos séculos XVI e XVII com o nascimento da imprensa, o que passa a caracterizar essa “esfera pública burguesa” (THOMPSON, 2010, p. 16). Com o desenvolvimento desses meios as práticas do discurso e da ação não só continuam a existir, como também se cria uma esfera na qual os sujeitos podem expressar suas opiniões e contestar a dos outros, como também contestar o próprio estado, gerando novas relações de saber-poder, ao passo que os “novos órgãos de informação não eram parte do Estado e sim estruturados separadamente dele, baseado nas atividades de indivíduos em busca de seu próprio empreendimento dentro da sociedade civil” (THOMPSON, 2010, p. 16).

É em meio ao mundo burguês do século XIX considerado como um período de intensa procura e deciframento de si, que o âmbito privado passa a ganhar cada vez mais importância em detrimento ao público, o que está diretamente ligado, segundo autores como Gay (1998), Alain Corbin e Michelle Perrot (1991), com a crescente valorização dada à privacidade e a intimidade. O que começa a se delinear com o surgimento do quarto privativo que mais do que um local no qual os sujeitos dormem e guardam seus pertences, passa a ser “um espaço privado e gloriosamente individual, no qual o mundo interior do ocupante podia ficar a seu bel prazer para se expressar: entre outras formas, através da escrita e da leitura” (SIBILIA, 2008, p. 62). Assim o âmbito domiciliar passa a ser considerado como um refúgio onde o eu pode se sentir resguardado, um lugar reservado a autenticidade e verdade dos sujeitos.

A vida privada institui-se então com ênfase na ideia de que a intimidade é algo precioso e por tanto deve ser resguardada, o que por sua vez leva o eu a uma crescente busca introspectiva de si mesmo, como forma de conhecer a si próprio. Desencadeando uma ávida produção da escrita de si em forma de diários íntimos e autobiografias, com o intuito primeiro de tê-los enquanto um local no qual poderia deparar-se consigo mesmo e com sua intimidade, atentan-

do assim para a produção de sua própria subjetividade. De maneira que o espaço privado não consistia apenas no lar, mas no espaço em que o indivíduo mantinha relações íntimas consigo mesmo, enquanto o espaço público era tudo que estava para além do lar e da família. Como explica Sibilia (2008).

Em tempos mais respeitosos das fronteiras, o espaço público era tudo aquilo que ficava do lado de fora quando a porta de casa se fechava – e que, sem dúvida, merecia ficar lá fora. Já o espaço privado era aquele universo infindável que remanesce do lado de dentro, onde era permitido ser “vivo e patético” à vontade, pois somente entre essas acolhedoras paredes era possível deixar fluir livremente os próprios medos, angústias e outras emoções e patetismos considerados estritamente íntimos – e, portanto, realmente secretos (SIBILIA, 2008, p. 63).

Foi preciso que se criasse toda uma ideia de intimidade valorizando a vida privada, para que os indivíduos comesçassem a buscar a si mesmos e se compreender de fato enquanto sujeitos de seu tempo. Paradoxalmente, parece ser também essa supervalorização da privacidade que leva os sujeitos contemporâneos a um novo movimento, de recorrente exposição da intimidade que parece desencadear sua espetacularização, bem como uma possível diluição das antigas barreiras entre o público e o Privado.

Thompson (2010), explica que a concepção atual de “esfera pública” passa a estar ligada a um espaço complexo de fluxos de informação, no qual “ser público” torna-se sinônimo de “estar visível”, remetendo de certa forma a concepção de Arendt (2007) enquanto “espaço de aparição”, no entanto, diferente do pensamento grego de domínio público, “este espaço de aparição não tem características espaciais – é, na verdade, desespacializado, justamente porque é constituído por formas mediadas de comunicação agora não-dialógicas e desespacializadas por princípio” (THOMPSON, 2010, p. 29). Da mesma forma, o autor aponta que a esfera privada passa a consistir em “territórios do *self*”, nos quais a privacidade também se desespacializa e o indivíduo exerce controle. Constatações que levam Thompson (2010) a perceber as fronteiras entre os espaços público e privado, no dado momento, cada vez mais fluídas.

A restituição do público e do privado, como esferas de informação e de conteúdo simbólico amplamente desvinculadas de referenciais físicos e cada vez mais interligadas às crescentes tecnologias da comunicação e dos fluxos de informação, criou uma situação muito fluida em que os limites entre público e privado são imprecisos e em frequente mutação. As fronteiras que se encontram em qualquer momento são porosas, contestáveis e sujeitas à negociação e disputa constantes (THOMPSON, 2010, p. 30).

De forma parecida Sibilia (2008), defende que o que ocorre na contemporaneidade seria um movimento complexo de “imbricação e interpenetração de ambos os espaços, capaz de configurá-los até tornar-se obsoleta a velha distinção” (SIBILIA, 2008, p. 78), e não simplesmente uma transformação do privado em público. Fato que facilmente pode ser constatado quando voltamos nosso olhar para o ciberespaço, em que o sujeito expõe toda a complexidade e banalidade de sua existência por meio da confissão em primeira pessoa nas diversas redes

sociais e nos *blogs* de escrita íntima. Ao passo em que junto a esse movimento também estaria ocorrendo uma alteração profunda na maneira como as subjetividades se produzem, “uma vez que nesses ambientes metamorfoseados germinam ‘modos de ser’ cada vez mais distantes daquele caráter introdirigido que definia o *Homo psychologicus* da era industrial” (SIBILIA, 2008, p. 78). O que resulta em novas formas de se relacionar com o mundo, com os outros e consigo mesmo, passando a existir por sua vez, maneiras novas de consolidação da própria existência, o que acreditamos se dá, entre outros aspectos, por meio da estilização da vida nas confissões *online*, nas quais a exposição desmensurada da intimidade resulta entre outros pontos na espetacularização dos sujeitos. Fato que pode ser observado nas postagens do *blog* Cem Homens, como a que segue.

O pior sexo da minha vida

Em dezesseis anos de vida sexual, creio nunca ter visto tentativa mais patética. Foi absolutamente constrangedor. Ele não tinha a mais vaga ideia do que estava fazendo. Nada. Nenhuma direção que eu dava (e eu fui beeem específica) valia de qualquer coisa. Pedi para ele focar mais o clitóris e expliquei direitinho a pressão a ser colocada na região, mas isso se mostrou inútil. Pouquíssimo tempo depois de ter começado, o macebo levanta a cabeça, o rosto completamente melado (da própria saliva, visto que ele achou que precisava me lambuzar inteira): “É muito difícil, fico sem ar”. E não era eu quem ia tentar ensinar o rapaz a gostar de chupar boceta. [...] Aproveitei como deu, literalmente foi o segundo e pode ser esquecido. Depois disso dei mais valor ainda ao terceiro... (NADIA, 2012. Postagem 02 compartilhada em 2011).

Na postagem acima Nádia descreve de maneira clara, minuciosa e sem nenhum pudor sua experiência sexual com o número 02, maneira como identifica seus parceiros. Nela, a autora relata sua insatisfação no sexo oral recebido pelo parceiro, ou como afirma, na tentativa mal sucedida de sexo oral. Expondo assim mais do que sua frustração, sua intimidade para toda a rede. Exposição essa, que como discutido anteriormente, seria fruto da atual diluição entre as antigas fronteiras do público e privado, além de nos parecer ser uma das principais características dos *blogs* confessionais. Sendo justamente o que faz surgir certas críticas quanto ao seu papel como diário íntimo, já que agora ele passa a ser visibilizado para o maior número de pessoas possíveis.

Embora essa intimidade exibida sem meias palavras de fato encontre seu ápice na contemporaneidade, o desejo de ser lido e observado talvez não seja algo novo ou meramente fruto de nossa época, já que mesmo nos diários tradicionais seus autores escreviam em tom de confissão, como se o estivessem apresentado a alguém. O que nos faz questionar se já não haveria ali certo desejo de exposição. Parece-nos que o que muda, seria, portanto, que por muito tempo esse desejo de ser lido e conhecido foi velado e só agora com a escrita íntima na internet passa a se revelar (SCHITTINE, 2004).

[...] o fato dos novos diários íntimos serem publicados na Internet não é um detalhe menor, pois o principal objetivo de tais estilizações do eu parece ser, precisamente, a visibilidade – em perfeita sintonia, aliás, com outros fenômenos contemporâneos que

se propõem a escancarar a minúcia mais “privada” de todas as vidas ou de uma vida qualquer (SIBILIA, 2003, p. 10).

Para Sibilía (2008) esta exposição da intimidade na rede seria para além de uma estilização do eu, uma busca por visibilidade, que a nosso ver pode ter vários motivos: a solidão, o desejo de registro da vida como obra de arte, o reconhecimento de quem se é, busca pela fama, e até mesmo estabelecer novos laços afetivos. No entanto, não se pode negar que independente da inclinação de quem expõe, o que passa a ocorrer de fato é uma espetacularização do eu (SIBILIA, 2008). O sujeito e sua vida são transformados num verdadeiro show midiático para o mundo. E diferente do que ocorre no famoso filme “*O Show de Truman*”,¹⁶ o personagem principal deixa de ser uma simples vítima de uma sociedade egoísta que bisbilhota sua vida e o faz refém das câmeras num mundo perfeito e irreal, para agora, espontaneamente, tornar sua própria existência numa espécie reality show, descrevendo desde os acontecimentos mais banais, até os mais íntimos e “despudorados”. Fato que ocorre nas descrições de Nádia Lapa, ao fazer da sua vida sexual uma narração minuciosa, voltada para os olhos curiosos e desconhecidos que estão espalhados pelo ciberespaço a procura de entretenimento.

Quente, muuuito quente

Aí você, mais de 30 anos na cara, “rodada”, comete o terrível engano de menosprezar o mocinho de 24. Mais baixo que você, mais magro que você, com cara de muito mais jovem que você. Eu já devia desconfiar pelo jeito como ele me pegou pelo braço, mas a empáfia da mulher de 30 ainda deixa uma barreira ao meu redor.

E ele, franzino, derrubou a muralha e foi logo para o topo da lista dos fadas-mais-fodas-do-mundo. E eu nem queria tanto, confesso.

Mas o encaixe das bocas foi tão perfeito e as mãos eram tão ágeis (e eu sempre tão fácil), que acabou rolando. Ele me tocava nos lugares tão perfeito que logo eu estava molhada. Delícia. Não parávamos um segundo: trocávamos de posição, nos chupávamos mutuamente, nos beijávamos sem descanso.

[...] O garoto me jogou no chão (sem agressão, apenas seguindo o clima da noite) e, enquanto eu estava deitada de bruços, fizemos um delicioso sexo anal. Com tesão e carinho é maravilhoso. [...] Mas bastou mais uma bela transa pra eu perceber que sou apaixonada mesmo, é por todos os homens do mundo... (Postagem número 03 compartilhada em 2011).

Nos trechos acima, retirados da postagem intitulada “Quente, muito quente”, a autora descreva sua experiência com o parceiro número 03, o qual assim como o número 02 também a surpreende, mas dessa vez positivamente, como se observa na narração detalhista e erótica da autora, que lhe confere um caráter espetacularizado. Um aspecto importante e que se ressalta em quase todas as postagens do *blog*, mesmo depois do seu primeiro ano, é a linguagem direta e despudorada presente nas confissões, o que nos mostra que Nádia gosta de usar as palavras consideradas “baixas”, sem nenhum constrangimento ou culpa. Rompendo assim com toda a instituição de uma história do pudor, que passa a se impor a partir do século XVI por meio da linguagem e segue por todos os outros domínios da vida dos sujeitos, lhes podendo. Sobretudo,

16 Filme norte-americano lançado em 1998 com o roteiro de Andrew Niccol e direção de Peter Weir.

as mulheres que deveriam ser delicadas e transmitir um ar de inocência (BOLOGNE, 1990. p. 316).

Nádia, por meio de suas confissões ousadas, como a anterior e a que se segue logo abaixo, afronta essa ordem discursiva e social instituída desde o século VXI e que encontra seu auge na vida burguesa. Podendo ser comparada a figura da rainha Cristina da Suécia, que viveu e reinou no século XVII, a qual possuía um comportamento tido como incomum e “inadequado” para sua época, sendo considerada uma libertina nas palavras, e atrevida e subversiva nos comportamentos, já que como conta a história, Cristina chega a confessar “friamente para a rainha mãe que gostaria de foder todos os dias” (BOLOGNE, 1990, p. 319). O que dito hoje ainda choca as pessoas mais puritanas e na sua época foi motivo de escândalo. Se pararmos para analisar atentamente, veremos que no fundo, poucas são as diferenças entre Cristina e Nádia, afora os contextos sociais e os séculos que as separam, já que está última embora talvez não tenha dito algo parecido para sua mãe, expõe na internet ao alcance de todos seu apetite sexual, como se observa na frase exposta na postagem acima, “*sou apaixonada mesmo, é por todos os homens do mundo*”. Além de afirmar por diversas vezes ao longo das confissões, seus gostos e experiências sexuais por meio de uma linguagem sem rodeios e sem pudor, como se observa na postagem abaixo.

Como se fosse a primeira vez

[...] Fui tocada, beijada, chupada. Mais uma vez não rolou a dupla penetração, mas não senti falta. É tudo tão frenético e tão maravilhoso que não dá tempo de pensar em posições. As coisas vão se encaixando, e enquanto um deles beijava minha boca o outro chupava minha boceta. Depois, um penetrava ao mesmo tempo em que eu batia punheta para o amigo (LAPA, 2012, p. 69. Postagem referente aos números 21/22).

Tais confissões nos remetem ao que Giddens (1993) delineou em sua obra, “*A transformação da intimidade*”, ao tratar sobre questões como sexualidade, sedução e vícios, nas quais explica que na contemporaneidade as mulheres tornam-se sexualmente disponíveis aos homens como jamais teriam sido, tornando-se iguais nesse quesito. Já que ao longo do tempo o âmbito da sexualidade instituiu domínios diferentes para classificar os homens e as mulheres. Enquanto a mulher que assume seus desejos e ímpetos sexuais passa inicialmente a ser patologizada como histérica na sociedade burguesa, e posteriormente classificada como “mulher perdida”, surgindo à distinção entre as “mulheres para casar” e as “mulheres de má reputação”. Para o homem não existe um equivalente a posição de “mulher perdida”, sendo este socialmente construído como dado ao sexo por natureza. Ou seja, por mais recorrentes e viciosos que sejam seus desejos e acessos às práticas sexuais e a pornografia, o sujeito masculino continua sendo considerado como normal, e dificilmente é colocado num quadro patológico, ou tido como ninfomaníaco. Muito pelo contrário, tais ímpetos, de acordo com Giddens (1993) acabaram por levar a constituição da imagem e do seu lugar enquanto *garanhão*. No entanto, para o autor, a antiga figura do garanhão, o qual toma as relações afetivas e sexuais como uma verdadeira caça sexual pelo maior número de presas, trocando sentimentos como o amor pelo prazer da

conquista e do ato sexual, acabaria agora por diluí-se. Na medida em que, com a revolução sexual feminina, as constantes lutas feministas, e várias outros fatores que acabam por colocar a mulher no mesmo pé de igualdade que os homens, estas deixam de ser meras presas prontas a cair no encanto do garanhão, para agora também se mostrarem como sujeitos portadores de uma sexualidade eminente, com seus próprios desejos e fantasias.

A asserção do poder na sedução, através da qual as mulheres são dominadas ou simbolicamente “mortas”, podia na aparência dar a impressão de tornar-se absolutamente desafiadora quando o indivíduo se vê diante de alguém que estabelece sua igualdade. Mas a igualdade sexual feminina, como descobriu Graham Hendrick, dissolve a velha divisão entre a mulher virtuosa e a mulher corrupta ou degradada. Visto que o “ato de matar” do sedutor depende da destruição da virtude, a busca perde a sua dinâmica principal. Aquela “integridade” que o sedutor busca espoliar, ou manter sob o seu poder, não é mais a mesma inocência sexual, e não está mais ligada ao gênero (GIDDENS, 1993, p. 97).

A nosso ver, mais do que um declínio da tradicional figura do garanhão, o que passa a ocorrer talvez, seja que este perde sua figura essencialmente masculina, bem como a busca pela virtude passa a ser trocada por uma busca pelo maior número de parceiros e experiências. Nádia em seu *blog*, talvez se apresente como a reconfiguração do garanhão, subvertendo sua ordem, bem como o próprio poder do falo. Na medida em que toma seu lugar, questionando e exibindo que tantos os homens como as mulheres contemporâneas passam a viver as mesmas realidades sexuais, de maneira que a antiga figura do garanhão deixa de possuir um sexo fixo. O que se observa nas diversas postagens do *blog Cem Homem*, no qual por vezes a autora deixa claro está tratando apenas de conquistas sexuais, numa busca insaciável pelo maior número de transas possíveis, nas quais configurações românticas e amorosas não possuem lugar algum, muito menos a culpa ou vergonha se fazem presentes. Como se observa nas postagens abaixo.

Dois em um

Em nenhum momento passou pela minha cabeça qualquer culpa por ter transado com outro cara algumas horas antes. Nem minha calcinha era a mesma! Por isso nem hesitei quando o amasso foi esquentando e percebi que o final seria, de novo, num motel... [...] Meu “problema”, agora, era me contentar com um só por dia... (Postagem número 04, compartilhada em 2011).

Meu dia de Dona Flor

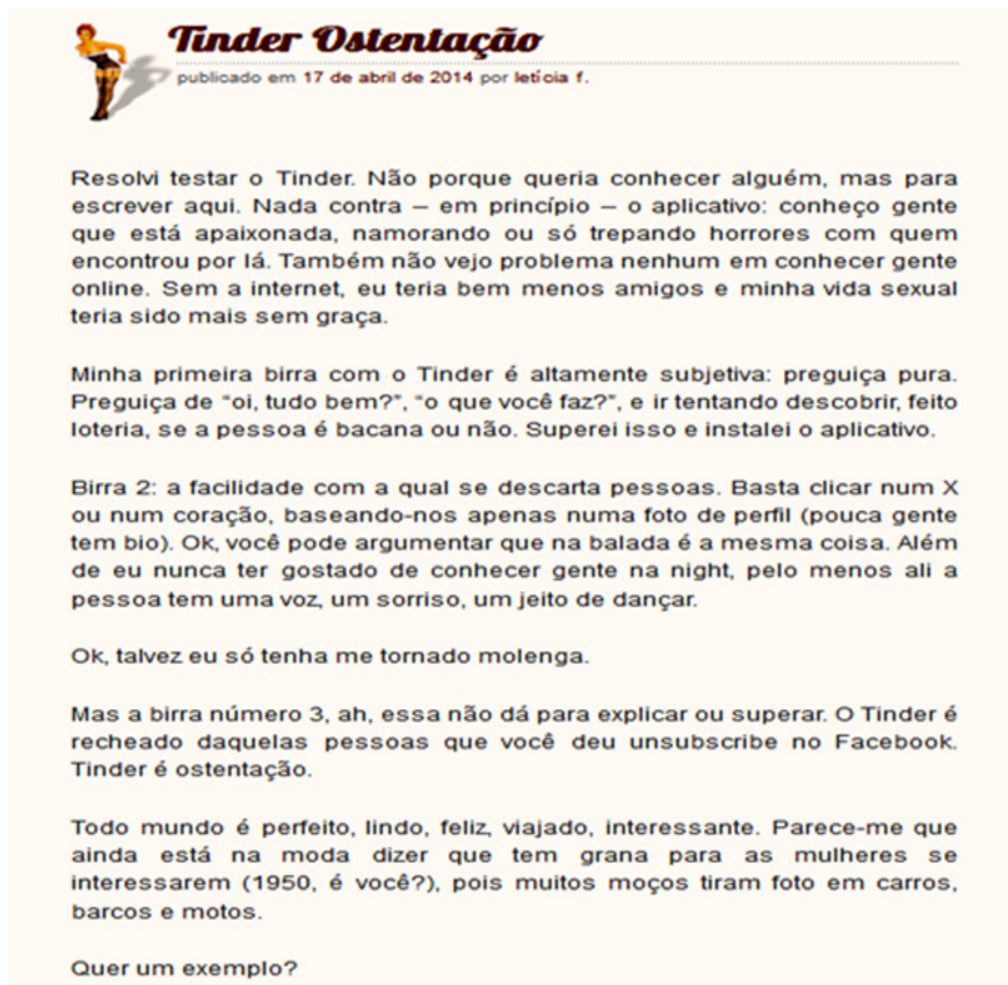
Parei tudo que estava fazendo e fui até ele para tentar convencê-lo a ficar. Ele arranhou uma desculpa qualquer para ter de ir embora. Já completamente vestido, eu tentava abrir o zíper da calça para mostra-lo quanta coisa gostosa ainda poderia acontecer naquela noite. Eu já havia até me esquecido da presença do irmão ali. Queria só o meu novinho, só ele. Ah, mentira. Queria os dois, mas especialmente o mais novo. [...] Saí de lá com uma felicidade inexplicável. Não vou dizer que foi a melhor transa da minha vida, porque já tive fudas e homens incríveis. Mas nunca senti tanto tesão como naquele início de noite. Nunca me senti tão desejada. Nunca me senti tão saciada. Se eu não tinha qualquer vontade de fazer isso, agora devo dizer que SÓ tenho vontade de fazer isso (Postagem número 9, compartilhada em 2011).

No trecho exibido da postagem “*Dois em um*”, a autora descreve com naturalidade o fato de transar com dois homens diferentes no mesmo dia, afirmando não sentir culpa já que nem mesmo sua roupa íntima era repetida. Expõe ainda, que a partir de então o seu problema seria se contentar com um só por dia. O que remete diretamente a figura do garanhão exposta por Giddens (1993), que mais do que seduzir e levar para cama deseja alcançar o maior número de conquistas possíveis.

Nos trechos da postagem “*Meu dia de Dona Flor*”, na qual narra sua experiência de ménage com dois irmãos, segue expondo sua relação com diferentes parceiros e a satisfação que sente a cada nova conquista. Além de frisar que já teve muitas “fodas e homens incríveis”, reafirma não apenas seu desejo sexual, como a partir de então o novo gosto pela prática do ménage.

Essa espetacularização da intimidade que se encontra presente nas narrações do *blog Cem Homens*, não se dá apenas devido o assunto central deste ser o sexo, o que sem dúvida acentua sua repercussão. Entretanto, só o fato de narrar a própria vida no ciberespaço, independente se essas narrativas centram-se ou não no aspecto sexual, já possibilita visibilidade ao sujeito uma vez que este é um ambiente de fácil acesso e de publicização do conteúdo, de maneira que certo caráter espetacular já lhe seria inerente, ideia que Sibilia (2008) compartilha. E que pode ser observada, sobretudo, nas postagens da segunda fase do blog, em 2014, em que apesar da intimidade ainda ser o centro das confissões, já não ocorre uma recorrente descrição dos encontros amorosos da escritora, tanto por talvez terem diminuído a frequência, como também não serem mais o centro de sua vida, nem objetivo pessoal. Na medida em que a própria subjetividade da autora passou por um processo de transformação.

Figura 07 - Postagem intitulada “Tinder ostentação”.



Fonte: Blog Cem Homens (2014).

No trecho acima postado em 17 de abril de 2014, a autora trata sobre um aplicativo de relacionamento, criado para jovens e adultos que procuram conhecer novas pessoas, em grande medida com foco em relacionamentos afetivo-amorosos. A postagem, que embora trate de um aplicativo de encontros, não tem como assunto central o sexo, mas continua sendo uma confissão sobre o ponto de vista da autora quanto a um tema específico. Na qual ela vai expondo motivos pessoais que a levam a manter antipatia pelo aplicativo, visibilizando assim sua opinião e experiência.

A partir do pensamento de Thompson (2010), podemos afirmar que as confissões *onlines* responsáveis por expor os sujeitos contemporâneos, dando-lhes visibilidade, seriam fruto do surgimento, do que o autor classifica como “visibilidade mediada”. A qual passa a existir a partir do desenvolvimento do campo da comunicação, que começa com a imprensa e segue com as mídias eletrônicas e digitais, chegando ao nosso tempo. Essa “visibilidade mediada” consistiria no fato da visibilidade dos sujeitos e de suas práticas, ser liberada da necessidade de dividir um mesmo referencial, ou seja, “uma pessoa não precisa mais estar presente no mesmo referencial espaço-temporal para ver a outra ou para testemunhar uma ação ou evento”

(THOMPSON, 2010, p. 21). O que se observa claramente no *blog Cem Homens*, e mesmo em nossa pesquisa, já que a análise aqui desenvolvida traz recortes de confissões compartilhadas anos atrás. Da mesma forma, é por meio deste novo recurso que os interlocutores do *blog* podiam facilmente comentar e manter diálogo com a autora em datas diferentes do assunto postado e estando em lugares distantes. Essa *visibilidade mediada* acabaria então, por alargar o campo da visão e o que até então era entendida como esfera pública e privada, sendo tais âmbitos hoje, “indiscutivelmente constituídos por essas novas formas de visibilidade mediada” (THOMPSON, 2010, p. 21). Fato que pode ser constatado nas postagens do *blog Cem Homens*, uma vez que as narrativas expostas nele tratam de questões por vezes extremamente íntimas da vida da autora, que ganham *status* de pública ao serem compartilhadas na rede, ficando ao alcance de todos.

Sibilia (2003) acredita que essa recorrente exposição da intimidade, que leva a os sujeitos contemporâneos a uma verdadeira espetacularização de si mesmos; o que ocorre nas confissões de Nádia por meio de seu *blog*; seria não apenas uma tendência, mas uma das principais características de nossa época. De modo que se um cidadão burguês do século XVIII pudesse ser trazido ao nosso tempo, certamente ficaria constrangido e perplexo ao se deparar com tantas confissões íntimas gratuitamente expostas sem nenhum pudor, na grande vitrine que é o ciberespaço.

Essa visibilidade, no entanto, não seria a nosso ver mero exibicionismo, mas como pontua Schittine (2004), provavelmente fruto do desenvolvimento de um individualismo quase narcísico que pensa no outro como uma plateia da sua vida, em que “a ilusão de se dirigir ao outro é apenas um pretexto para falar apenas de si” (SCHITTINE, 2004, p. 66). Assim, esse exibicionismo que faz da intimidade um grande espetáculo compartilhado por milhões de pessoas, torna público ideias e posicionamentos pessoais que talvez nunca encontrassem uma plateia sem a ajuda do ciberespaço. O que nos leva a questionar se não estaríamos assistindo a morte de todo e qualquer sujeito que não se faça visível aos seus contemporâneos de forma espetacular, por meio de uma tela, mais precisamente, no ciberespaço. Nessa era de liquidez e agilidade, não basta existir, é preciso provar e divulgar tal existência, do contrário ela será nula. E se não bastasse essa espetacularização desmensurada do eu, há também em cada um de nós a curiosidade pela vida do outro, mas dessa vez não por achar que a grama do vizinho é mais verde, e sim para provar que a nossa é que é. Fatores que juntos incidem diretamente no processo de subjetivação dos sujeitos, como veremos a seguir.

3.3 CONFISSÕES DO EU COMO MECANISMOS DE PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE

Eu não sou quem era antes. Impossível conhecer tanta gente (e não estou falando só de sexo) e continuar igual. Vivi intensamente as experiências na pele de Letícia,

como sempre vivi na minha própria pele. Foi tudo muito forte, avassalador e transformador. (Nádia Lapa)

Que as atuais confissões do eu expostas no ciberespaço através das redes sociais e dos diários íntimos *online* levam a um processo de espetacularização da intimidade já é algo certo e verificado no *blog Cem Homens*. No entanto, essa visibilidade mediada (THOMPSON, 2010) faria mais do que apenas expor os sujeitos, levando-os por meio de um procedimento de autoreflexividade e constante retorno a si mesmo a um contínuo processo de subjetivação, já que na medida em que tais sujeitos se narram também produzem a si mesmos por meio dessas narrações. Passando a perceber novos gostos, vontades e aspectos sobre si que até então eram desconhecidos. Fato que se faz visível na pessoa de Nádia Lapa, sobretudo quando comparadas as postagens da primeira fase do *blog* em 2011 com a segunda e última em 2014.

Sibilia (2008) afirma que a subjetividade no dado momento além de se dá por meio dos novos mecanismos de saber-poder; os quais foram classificados por nós aqui como *sendo* os *blogs* confessionais e a esfera do ciberespaço e da cultura online que entre outras características tem como forte marca a exposição e espetacularização da intimidade; também surgiria através de uma recorrente autoconstrução performática e estilizada do eu, na qual este construiria sua subjetividade com a mesma facilidade em que escolhe produtos na prateleira de um supermercado. Com a intenção primeira de apresenta-la aos outros.

Por isso, tendo ocorrido uma transformação epistêmica tão notável com relação aos velhos tempos modernos, não surpreende que os mecanismos e as ferramentas para a autoconstrução também tenham mudado. Em vez de esculpir um *eu* introduzido, um caráter oculto entre as dobras dos cimentos individuais e protegido face à intromissão dos olhares alheios, o que se tenta elaborar no contexto atual é um *eu* alterdirigido. Uma personalidade eficaz e visível, capaz de se mostrar na superfície da pele e das telas. E, além disso, esse *eu* deve ser mutante, uma subjetividade passível de mudar facilmente e sem maiores impedimentos. Pois o mundo contemporâneo, alicerçado sobre as bases aparentemente ilusórias da cultura do espetáculo e da visibilidade, exerce uma pressão cotidiana sobre os corpos e as subjetividades, para que estes se projetem de acordo com os novos códigos e regras. Para que sejam compatíveis com as novas engrenagens socioculturais, políticas e econômicas (SIBILIA, 2008, p. 244-245).

A nosso ver, embora tal estilização do eu enquanto personagem de si próprio de fato o leve a apresentar num primeiro momento uma versão alterdirigida ou exteriorizada de si mesmo na rede, com faces de exibir-se produzindo o efeito desejado. Acaba por num segundo momento, fazê-lo perceber-se enquanto um novo sujeito, que a partir de tais imbricações criadas para e por si mesmo, descobre “terceiros” aspectos de si, que o levam a um contínuo processo de subjetivação, transformando-se por sua vez num novo sujeito. Fato, que embora problemático, é observado por meio das confissões de Nádia Lapa no *blog Cem Homens*, sobretudo em sua segunda fase. E pode ser facilmente observado ao analisarmos, por exemplo, a diferença nas duas autodefinições da autora, realizadas em dois diferentes momentos do blog, a primeira em

2011 e a segunda refeita e exposta em 2014. Que se encontram localizadas na página principal do *blog*, o perfil, em que deve ser respondida a pergunta, *Quem sou eu?*

QUEM SOU EU?

Eu até preferiria começar esse “quem sou eu” dizendo que é porque “sou muitas mulheres em uma só”. Mas não, eu não vou recorrer ao clichê. O motivo é bem simples: não sou tudo isso. Quisera eu! Sou apenas uma garota normal de cidade grande, 30 anos, escorpiana e que gosta muito de sexo (os astrólogos diriam que estas duas últimas informações são redundantes). A minha diferença para tantas garotas iguaizinhas a mim que existem por aí? Eu tenho um *blog*. Só isso. E eu espero que você goste dele (LAPA, 2011. Retirado do perfil do *blog*).

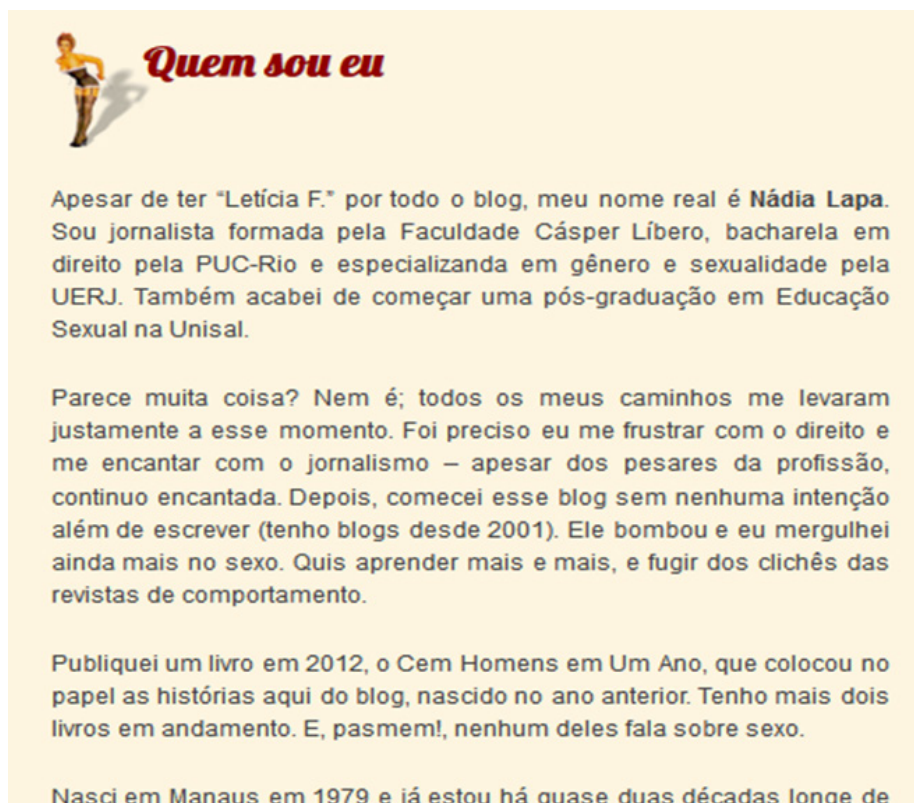
O fragmento acima ficava localizado na parte superior do *blog* a qual tem como intuito apresentar o autor dos escritos para seus seguidores/leitores. Ao se autodifinir, Nádia, até então sob pseudônimo de Letícia, começa desconstruindo a ideia de que seria uma possível mulher fatal ou algo do tipo, como muitos podem ter chegado a acreditar. Explica que é apenas uma “garota normal”, sem nada de extraordinário, descrevendo sua idade e seu signo, o que expressa para o leitor outra particularidade sua; que gosta de astrologia; e por fim esclarece que talvez a única diferença entre ela e outras mulheres com as mesmas características, seria que a partir de agora possui um *blog*, colocando em discussão o que a maioria não costuma colocar, sua vida sexual.

A primeira impressão desse trecho é que a Letícia não parece ter muitas pretensões com o *blog*, criando-o talvez, apenas com o desejo de registrar e compartilhar com um possível leitor as experiências pelas quais iria passar. Como chega a explicar posteriormente no seu livro, “achava que seria lido por meia dúzia de pessoas e não teria grandes consequências na minha vida” (LAPA, 2012). No entanto, só o fato dela criar um *blog*, este *blog* específico, já parece denotar certo desejo não apenas de partilhar suas aventuras, mas de pôr em evidência sua subjetividade, ou seja, o que a faz ser quem ela é, por mais que não utilize seu nome verdadeiro. Ao escrever que sua única diferença entre tantas outras garotas é que possui um *blog*, retoma a fala de Sibília (2003b) que declara que, “a popularização das tecnologias e das mídias digitais tem ajudado a concretizar os novos sonhos de autorealização, permitindo registrar todo tipo de cenas da vida privada com facilidade, rapidez e baixo custo” (SIBILIA, 2003b, p. 5).

Não se pode deixar de atentar para o fato de que com o *blog*, Nádia fez o que Foucault (1988) tanto explicou em sua obra “*A vontade de Saber*”, colocou o sexo em discussão, mas não uma discussão científica ou moralista/catequética, muito pelo contrário, o reivindicou sem pudores e meias palavras, por vezes chegando mesmo a reafirmar a interdição que o assunto ainda sofre em nossa sociedade, sobretudo quando é discutido por uma mulher solteira e jovem que não tem medo de dizer como gosta de transar. Nádia o fez de forma a subverter o falo, deixando de ser um objeto de desejo para se tornar o sujeito desejante (BUTTLER, 2010), na medida em que, até hoje na maioria das vezes, “a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na

seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala” (FOUCAULT, 1988, p. 34). De forma que o sexo, ou melhor, o discurso em torno do sexo torna-se de “fato o ponto principal de um confessionário moderno” (GIDDENS, 1993, p. 29), no entanto, confessionário este em que a confissão é feita para todos aqueles que queiram ouvir, e o peso do pecado parece ser trocado pela sensação de satisfação a cada comentário e curtida ganha.

Figura 08- Perfil do blog.



Fonte: *Blog Cem Homens*.

Na figura acima nos é apresentado um fragmento do novo *Quem sou eu?*, que de início já denota várias diferenças com relação ao de 2011. A primeira é a extensão do texto, diferente do anterior que se resumia a um único parágrafo este agora possui oito, nos quais a autora discorre sobre seus gostos pessoais e suas atribuições profissionais, além de tentar resumir um pouco da história do *blog* para aqueles que não o seguem desde o início. O que de imediato já nos leva a atentar para que talvez neste momento passe a ocorrer com Nádía, o que Giddens (1991; 1993) aponta como uma importante característica da contemporaneidade, que é o processo de intensa reflexividade sobre si próprio, ou como o autor prefere, “um processo de examinação da auto-identidade” (GIDDENS, 1991, p. 49).

O texto começa falando sobre o pseudônimo usado na primeira fase do *blog* e seu nome real, em seguida faz um resumo do seu *curriculum* acadêmico, para no parágrafo seguinte continuar explicando que embora pareça ser muita coisa, não é, o que nos faz lembrar do primeiro, *Quem sou eu*, em que também afirmara que não era tudo o que parecia ser. O texto

segue falando sobre a importância do *blog* e de cada coisa que ocorreu na sua vida a partir dele, colaborando para que se tornasse a mulher que ela é hoje. Nesse momento, Nádia expõe pela primeira vez que houve uma mudança no sujeito que ela é, e a remete em grande medida ao *Cem Homens*, ou seja, acredita que a escrita confessional por meio do *blog* a guiou num processo de subjetivação, tornando-a um novo eu. Como chega a afirmar diretamente no seu livro, ao dizer que, “Os números não importavam. Importava a mulher que eu era no início disso tudo, quem eu fui me tornando e o resultado disso no final. Escrever fez parte da travessia. Exportar também. Até os julgamentos construíram essa história” (LAPA, 2012, p. 13). Sendo aqui mais um momento de autoreflexividade, no qual nos leva a perceber a importância de se pensar sobre si mesmo, bem como problematizar a nossa própria subjetividade. O que Giddens (1993) evidencia ao explicar que,

As características fundamentais de uma sociedade de alta reflexividade são o caráter “aberto” da autoidentidade e a natureza reflexiva do corpo. Para as mulheres que estão lutando para se libertar de papéis sexuais preexistentes, a questão “Quem eu sou?” - que Betly Frieden rotulou como “o problema que não possui nome” – vem à tona com particular intensidade (GIDDENS, 1993, p. 41).

Com essa citação o autor nos levar a perceber não apenas a importância de se pensar sobre si mesmo, e sobre nosso corpo, mas retomando a fala de Betly Frieden e trazendo-a para nosso contexto, nos leva a atentar para o fato de como os *blogs* de caráter confessional, desde seu início já nos convidariam a um processo de intensa reflexividade e questionamento sobre nossa própria subjetividade, na medida em que nos instiga a responder um simples questionamento que se encontra na página principal, e que Frieden designou de “o problema que não possui nome”.

Comparando os dois perfis do *blog*, escritos em momentos diferentes da vida da autora podemos intuir que assim como sua apresentação e definição de quem se é mudou drasticamente, o sujeito que ela é também teria sido reelaborado. O que começa a acontecer ao final da primeira fase do *blog*, que traz consigo muitas mudanças e reviravoltas na vida de Nádia, influenciando diretamente nesse processo, e que começa a ser desencadeado quando esta se apaixona e tem sua identidade revelada.

Ao longo das narrativas sobre suas inúmeras experiências sexuais com diferentes parceiros, Nádia chega ao número 34 que nomeia como namorado, por despertar nesta uma paixão avassaladora e por sua vez o início de um relacionamento fixo, o que dura cerca de dois meses e dá um pequeno intervalo nas postagens, embora a autora confesse por meio de um *post* que o relacionamento não era monogâmico. Ao final dos dois meses, por vários motivos, Nádia e seu namorado terminam o relacionamento, ficando de coração partido. Fato que tem papel marcante no seu processo de subjetivação, como a mesma chega a atentar.

Os poetas, os filmes, a arte, tudo nos faz crer que se apaixonar é a melhor coisa do mundo. Durante a paixão, é verdade. Quando acaba, porém, fica um gosto horrível na boca, um montão de dores para serem cuidadas, cicatrizes profundas. Eu mergulhei

nisso e estou colocando os cacos até agora. Mas despedaçar serve também para a gente enxergar por baixo da couraça – e se reinventar (LAPA, 2012, p. 124).

Certo tempo após o termino, Nádia relata o que seria sua última aventura sexual naquele ano que já estava perto do fim, o número 35 que assim como ela, havia terminado um relacionamento á pouco tempo e também estava sofrendo. Fato que acabou por aproximá-los e levou à autora a de certa forma sair do luto, no entanto, como chega a afirmar ainda precisaria de um bom tempo para voltar à ativa. “Ainda demoraria muito tempo para eu voltar ao meu “normal”, paquerar, transar sem compromisso. Foram meses. Mas o primeiro passo eu dei naquela noite” (LAPA, 2012, p. 126). No entanto, a autora não acredita ter parado no meio de sua “meta”, por não ter alcançando o número de cem homens em 2011, já que se segundo a mesma, no decorrer das aventuras e encontros sexuais ela já não via como uma meta e sim como uma brincadeira que gostava e por isso teria caminhado naturalmente, sem nenhuma pressão para se força a sair com muitos parceiros. Como explica durante entrevista concedida: “Não era uma proposta. Era uma brincadeira. Eu transei com quantos homens quis. Não corri para completar número, não freei por razão nenhuma. Sexualmente eu fiz exatamente o que eu quis” (Entrevista cedida por e-mail em 2016). Nádia encara então todas as experiências que viveu em 2011 como positivas e parte de quem ela sempre deveria ter sido, apesar das críticas que sofreu na trajetória e de forma mais acentuada com sua identidade revelada. “Em 2011, todavia, eu fui dona da minha vida sexual como nunca antes. Eu estava no comando. De mim mesma e do meu corpo, como deveria ter sido desde sempre” (LAPA, 2012, p. 127).

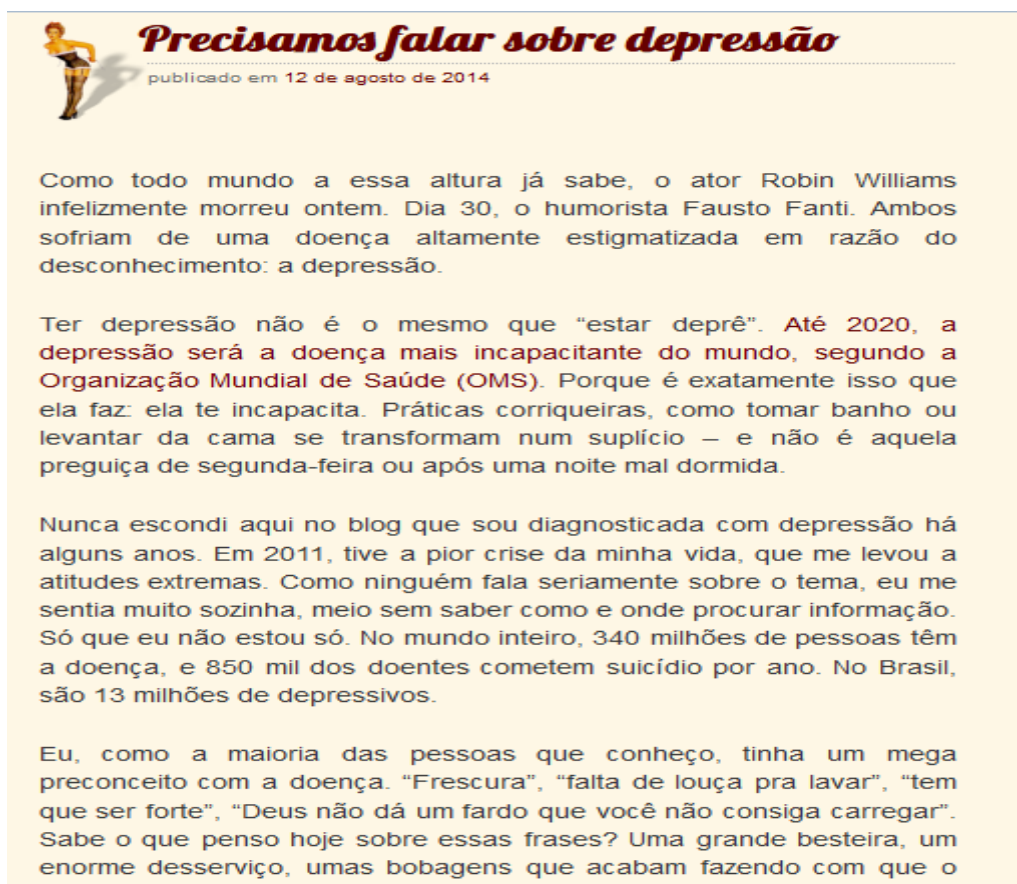
Por volta dessa mesma época, Nádia que ainda era conhecida apenas sob o pseudônimo de Letícia, teve sua verdadeira identidade vazada para a imprensa, o que lhe deu mais visibilidade chegando a ser assunto na mídia tradicional. E por sua vez lhe trouxe experiências negativas e uma enxurrada de comentários preconceituosos e machistas, sobretudo, por ser uma mulher normal, diferente dos padrões estéticos midiáticos. De maneira que sobre essa época a autora revela que, “o processo foi doloroso”.

Fui xingada. Julgaram minha aparência física quando descobriram minha identidade. Analisaram meu comportamento. Procuraram explicações para minhas atitudes. E a explicação era só uma, simples e clara: eu queria. Transei e narrei porque gosto de fazer ambos. E, afinal de contas, eram decisões sobre o meu corpo e o meu tempo. Por qual razão deveria incomodar pessoas que nunca me viram? Fui boba de achar que tudo era fácil de entender. O que o outro faz com o próprio corpo não deveria ser problema da coletividade (LAPA, 2012, p. 134).

Esse momento tenso e tribulado da vida de Nádia responsável por inseri-la num quadro de depressão que posteriormente também é narrado no *blog*, nos parece ser crucial para mais uma vez mergulhá-la num processo de autorreflexão, agora sobre a espetacularização de suas ações e a repercussão em volta desta. O que passa a fazer tanto para tentar responder a polêmica e os inúmeros questionamentos que surgem com a revelação da sua identidade, como também para entender o porquê de tanta polêmica, e assim procurar se reestruturar, como pode ser

observado na citação anterior. O que é certo é que esse movimento de reflexão sobre suas próprias ações e narrativas, e sobre si mesma enquanto sujeito, vai acabar por incidir diretamente nas suas narrações da segunda fase do *blog*, bem como no novo sujeito que a autora vem a se tornar. O que esta parece constatar posteriormente, classificando o momento como um processo de autoconhecimento: “Depois de tantos percalços, finalmente minhas feridas fecharam. O cotovelo parou de doer. Coloquei cada coisa na sua caixinha. Foi um processo difícil de autoconhecimento” (LAPA, 2012, p. 141). Os dois anos que se seguem após toda essa agitação, 2012 e 2013, são justamente o tempo que a autora passa para refletir sobre tudo o que ocorreu e ir se redescobrimdo e reconstruindo, o que no âmbito do blog é refletido de várias maneiras, já que nesse tempo ela passou longos períodos sem postar nada e quando postava falava mais sobre sua depressão, em como estava se sentindo e outros aspectos da sua vida. Sendo 2014 o ano, em que já se apresenta de fato como um novo sujeito, com gostos e ideias diferentes, o que por vezes deixa claro em suas postagens, como a que segue.

Figura 09- Postagem intitulada: “Precisamos falar sobre depressão”.

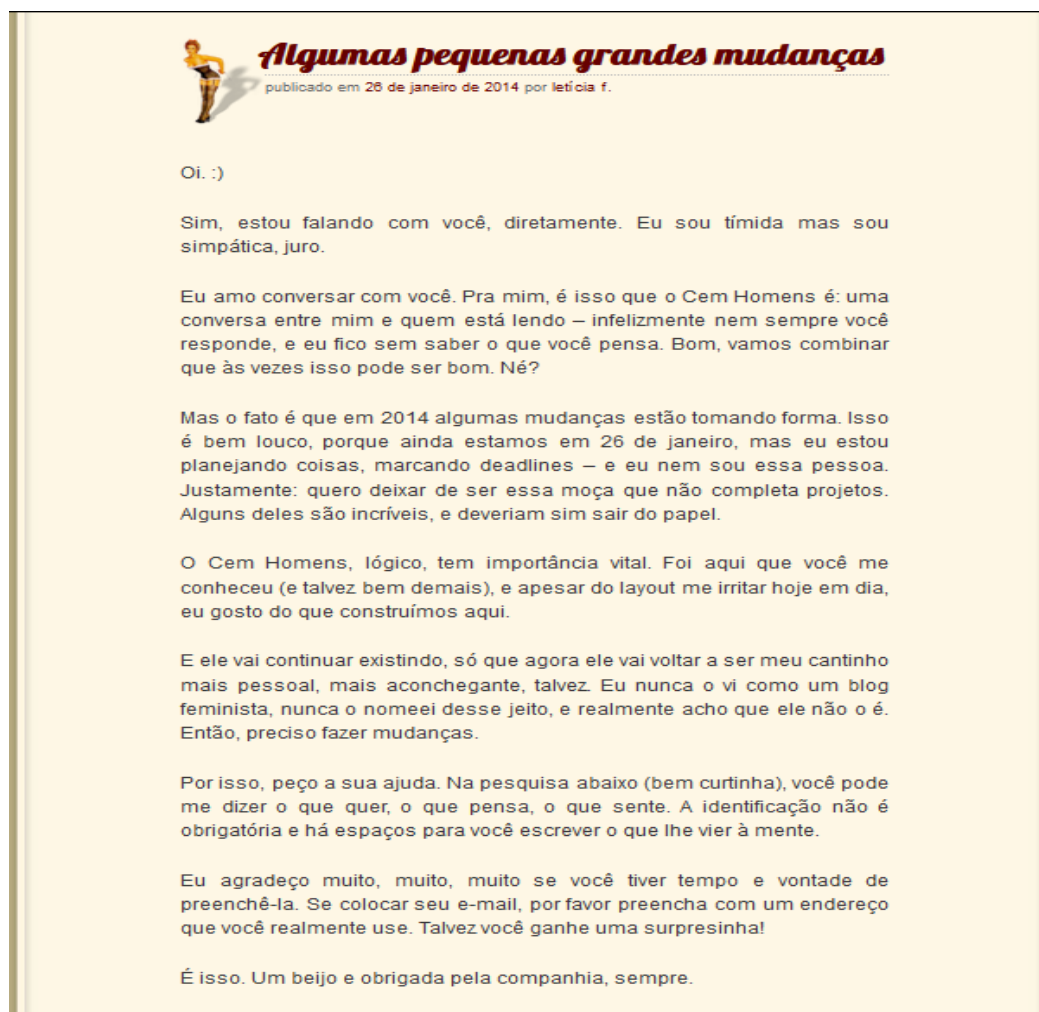


Fonte: Blog Cem Homens (2014).

Na postagem acima intitulada “*Precisamos falar de depressão*”, de 12 de agosto de 2014, Nádia repercute o caso da morte do ator Robi Willimas e do humorista Fausto Fanti, ambos diagnosticados com depressão, de maneira a fazer uma ponte para falar sobre si mesma,

já que também possui o quadro clínico de portadora da doença. Além disso, a autora exhibe a concepção que tinha antes, possivelmente lá em 2011, sobre o assunto e como ela passa a enxergá-lo, expressando uma evidente mudança no seu posicionamento. Outra postagem, em a autora nos leva a perceber de forma clara e direta as mudanças pelas quais passou e o novo sujeito que se tornou, é a que segue, de 26 de janeiro de 2014, intitulada “*Algumas pequenas grandes mudanças*”.

Figura 10- Postagem intitulada: “Pequenas grandes mudanças”.



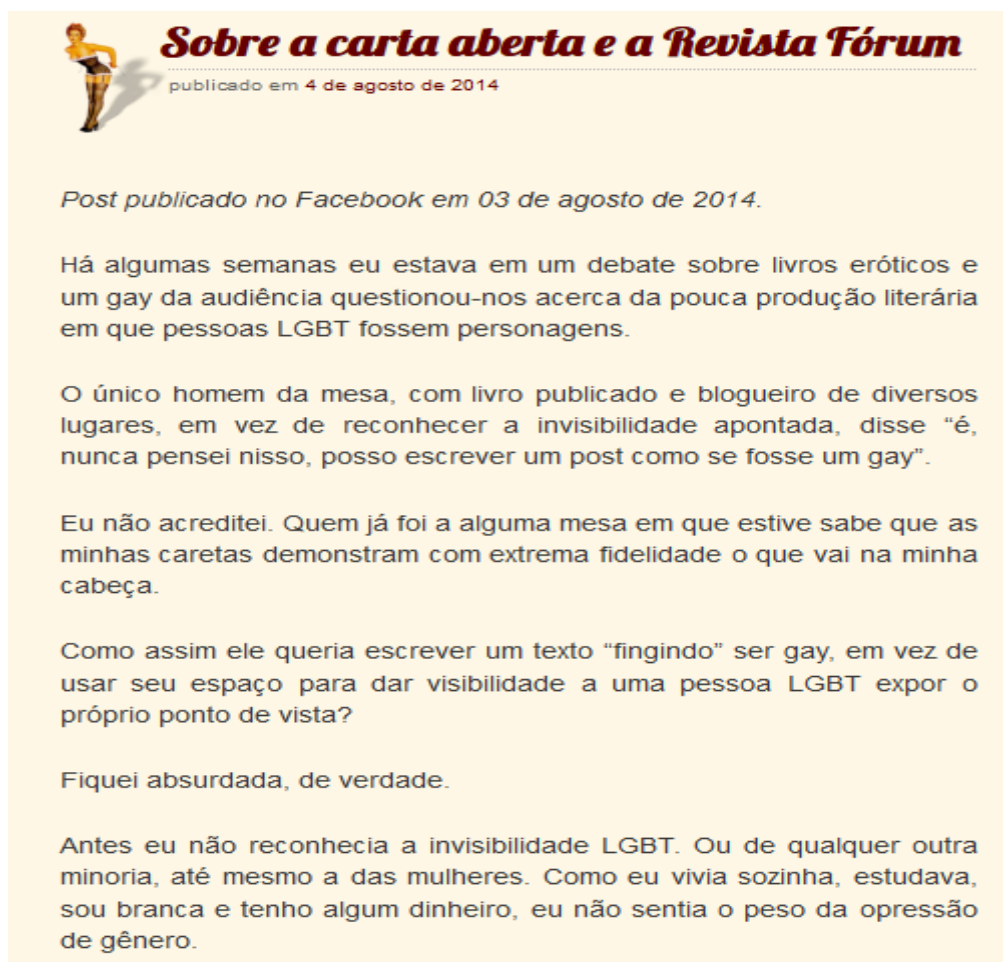
Fonte: Blog Cem Homes (2014).

No trecho da postagem acima, Nádia é direta desde o título e fala de maneira clara e objetiva com o leitor/seguuidor, explicando a importância destes e do *blog* em sua vida. Convoca certa interação, por meio da realização de uma pesquisa de opinião junto com os seguidores, para saber o que eles pensam e sentem com relação ao *blog*, o que em 2011 não aconteceu. Além de tudo isso, afirma que em 2014 mudanças surgirão na sua vida, bem como na maneira como se reconhece e se constrói enquanto tal, o que fica evidente na seguinte afirmação, “quero deixar de ser essa moça que não completa projetos”, passando a perceber-se, julgar-se e estetizar-se de nova forma, ainda embora por meio das narrativas em primeira pessoa na rede.

Acreditamos, pois, que no ciberespaço por meio de uma recorrente escrita de si, responsável por narrar a intimidade do sujeito ao passo em que lhe concede visibilidade, assim como nas autobiografias de outrora; embora com as peculiaridades próprias de nossa época; o autor/narrador insere-se numa cultura de si, na qual passam a ser “intensificadas e valorizadas as relações para consigo” (FOUCAULT, 1985b, p 49), de maneira que a confissão *online* em primeira pessoa como visto até então, seria esse novo lugar no qual o processo de subjetivação é evidenciado, bem como os próprios sujeitos. O que se observa no teor das confissões expostas por Nádia na segunda fase do *blog*, as quais ainda se apresentam como escrita íntima, no entanto, tomam agora novos assuntos e fatos da vida da autora, que não propriamente dito suas relações sexuais.

Na postagem que segue abaixo, intitulada “*Sobre a carta aberta e a revista Fórum*”, postada em 04 de agosto de 2014, a autora centra-se num assunto bastante atual e emblemático, a “visibilidade LGBT”. Como passa a costumar fazer nas suas narrações, começa o texto falando de uma situação que viveu há algumas semanas e que a leva ao assunto, fazendo-a questioná-lo. Explica que ao participar de um debate sobre livros eróticos, um gay que ali estava, perguntou ao debatedor o motivo sobre a pouca produção literário com personagens LGBTTs, e a resposta do autor teria sido o que mais a chocou, já que este disse que não sabia responder, mas, que poderia se passar por gay e escrever um conto. Nádia evidencia sua indignação quanto à fala do palestrante, e começa a fazer uma análise sobre si mesma e em como também não enxergava essa falta de visibilidade. O que faz não apenas nos apontando outra diferença entre a pessoa que ela era e a que se tornou, mas chamando a atenção do leitor para também começar a perceber tal questão, desenvolvendo de certa o papel de um texto informativo, o que volta a ocorrer outras vezes. E nos remete a consideração de Schittine (2004), de que os *blogs* pessoais da contemporaneidade teriam um estilo *fragmento*, utilizando num mesmo formato diferentes gêneros literários, entre os quais o jornalístico/informativo. “Alguns blogueiros funcionam como repórteres múltiplos e procuram se exercitar em vários tipos de texto. É como se fragmentassem suas áreas de interesse e tivessem opiniões, considerações e textos para editar sobre os mais variados assuntos” (SCHITTINE, 2004, p. 176). Fato que passa ocorrer por diversas vezes nas postagens do *blog Cem homens* ao longo de 2014.

Figura 11 - Postagem intitulada: “Sobre a carta aberta e a revista Fórum”.



Fonte: Blog Cem Homes (2014).

Já na postagem, “*A problematização do sexo*”, publicada em 25 de julho de 2014, a autora volta a tratar do tema sexo, mas agora com um caráter mais informativo/opinativo convocando os leitores a problematizarem as práticas sexuais e percebê-las enquanto possíveis construções sociais que vão se formando e reestruturando ao longo dos tempos. Fato que denota uma das mudanças mais radicais no caráter das narrações *blog* e principalmente do novo sujeito em que Nádia se transformou, o que se observa principalmente no trecho evidenciado a seguir, que entre outras coisas esta afirma que, “dizer que se ‘é consensual, tudo vale’ é, a meu ver, simplificar muito as coisas”, pensamento que vai diretamente de encontro ao seu posicionamento por volta de 2011/2012 quando lança seu livro e diz, “Procuraram explicações para minhas atitudes. E as explicação era só uma, simples e clara: eu queria. Transei e narrei porque gosto de fazer ambos” (LAPA, 2012, p. 134).

Figura 12- Trecho da postagem intitulada: “A problematização do sexo”.

No entanto, na minha opinião – que é apenas opinião, não tem força de lei – é preciso, sim, problematizar o sexo. É isso que se faz em estudos de sociologia, antropologia, sexualidade. Existem cursos, ensaios, artigos, sessões de psicodrama, compartilhamento de experiências, tudo, tudo, para problematizar o sexo.

Dizer que “se é consensual, tudo vale” é, ao meu ver, simplificar muito as coisas. Serve, em alguns casos, justamente naqueles que são simples. Porém, o ser humano é complexo e, muitas vezes, práticas sexuais não estão livres de um olhar mais minucioso só porque “as pessoas são livres”.

Primeiro de tudo, vamos encarar a realidade, gente. Eu sei que ela é dura: mas não somos livres. O que sabemos sobre sexo já chegou até nós de maneira enviesada. Há influência das leis, da igreja, da família, dos colegas de colégio, dos parceiros, da mídia. Você não está na Lagoa Azul. Ok?

Tendo isso em mente, fica fácil perceber que estas informações mudam conforme o lugar e a época em que você vive. Antigamente – e não faz muito tempo – uma mulher que se casasse após um estupro “livrava” seu agressor, posto que o que se defendia era a *honra* da mulher, não sua dignidade sexual. O tipo penal de estupro vem mudando legalmente e talvez mude em breve, segundo o novo Projeto de Código Penal (uma das mudanças – aterrorizante, aliás – é a diminuição da idade de vulnerabilidade, que cairia de 14 para 12 anos).

Evidente que muitas dessas “regras”, expressas ou tácitas, são inventadas. E quem está no poder é o patriarcado – e não interessa

Fonte: *Blog Cem Homens* (2014).

Na postagem a seguir, “*Vinte anos para aprender a dizer ‘não’*”, de 05 de junho de 2014, Nádia volta a tratar sobre o assunto sexo, já que como mencionando este continua sendo um dos temas presentes, embora com novas perspectivas. Nesse trecho a autora fala sobre outra mudança pela qual passou no decorrer do tempo em que manteve o *blog*; que a nosso ver assim como as demais, teria sido fruto desse processo de narração e autorreflexão; que foi o fato de aprender a dizer “não” para o que não lhe proporciona prazer. A narração em primeira pessoa começa de forma descontraída falando sobre a copa do mundo de maneira a fazer *link* com a época em que perdeu sua virgindade, durante outra copa do mundo em 1994. Segue explicando que desde que começou a ter uma vida sexual ativa, o que já faria 20 anos, sempre achou só ter transado e feito que desejava, considerando-se dona de si mesma, o que de fato pode ser observado na primeira fase do *blog* em 2011. Mas, hoje ao analisar suas relações percebe que estava enganada, forçando-se por vezes a ir para cama. Essa nova percepção da autora estaria diretamente ligada aos novos pontos de vista e concepções que o sujeito que ela se tornou passou a adquirir, como ela mesma nos faz perceber, ao afirmar que, “[...] a minha concepção sobre o que é sexo e consentimento se transformou muito. A final não dá para deixar o feminismo

entrar na sua vida, estudar cultura do estupro, e olhar pro passado achando que tudo foi um mar de rosas” (Trecho retirado da postagem).

Figura 13 - Postagem intitulada “Vinte anos para aprender a dizer não”.



Vinte anos para aprender a dizer “não”
publicado em 5 de junho de 2014 por letícia f.

Vai ter Copa, sim, vai ter muita Copa. Assim como teve muita Copa em 1994 (é teeeeeeeetra!), quando eu estava começando a minha vida sexual. Sim, lá se vão vinte anos. Eu era “virgem” à época, mas como considero sexo algo muito maior que apenas penetração, posso dizer que eu estava começando as interações sexuais com fins libidinosos com um moço.

Já naquela época eu me achava muito dona do meu corpo. Só transei quando eu quis, por exemplo, e não cedi a qualquer pressão do parceiro, da sociedade, dos amigos. Eu estava no comando dos meus desejos. Ou, pelo menos, assim eu achava.

Nessas duas décadas o Brasil virou penta, tomou uma sova da França e eu transei pra caramba. Tive muitos parceiros e, claro, nem todos foram bacanas – na cama ou fora dela. Eu não tenho culpa por alguns serem completos imbecis; eles não vêm com letreiro na testa. Mas, já que estamos numa *vibe* Copa do Mundo nesse texto, da África do Sul para cá a minha percepção sobre o que é sexo e consentimento se transformou muito. Afinal, não dá para deixar o feminismo entrar na sua vida, estudar cultura do estupro, e olhar pro passado achando que tudo foi um mar de rosas.

Eu percebi muito recentemente que me forcei na cama em inúmeras ocasiões. Não fui forçada pelos parceiros do ponto de vista “clássico” da violência. Nenhum me bateu, me amarrou ou me ameaçou. Todos estavam fazendo o que achavam que era normal; e eu aceitei por achar a mesma coisa: eu estava ali para dar prazer pra eles, não para mim.

E isso é grave.

Demasiadamente grave.

Fonte: *Blog Cem Homens* (2014).

Com a análise das diversas publicações realizadas ao longo de 2014, entre as quais procuramos aqui destacar as que melhor representam os principais temas discutidos naquela época, percebemos que de fato houve uma grande modificação na estrutura das postagens e dos temas tratados por Nádia. O que não apenas a nosso ver, teria sido fruto do seu processo de subjetivação que se deu por meio das confissões narradas em primeira pessoa no âmbito do *blog*, mas a própria autora chega a atentar para esse fato, quando afirma que, “O *blog* e tudo que veio dele me fez renascer” (NADIA LAPA, entrevista cedida por e-mail, 2016). Fica notório então, que a recorrente exposição da intimidade por meio da escrita íntima no *blog Cem Homes*, não teria sido apenas uma mera espetacularização de um sujeito autofabricado com o intuito de alcançar um efeito desejado. Mas como observado até então, e como a própria Nádia

bem pontua, o *blog* confessional de escrita íntima, e todas as experiências vividas a partir e por meio dele foram o que levaram a autora a inserir-se num processo de subjetivação, de maneira a tornar-se um novo sujeito. Que por sua vez se constrói e se percebe imerso a novas práticas e discursos, como por exemplo o do feminismo, que parece ser a nova base em que se alicerça o sujeito Nádia Lapa, bem como sua escrita íntima.

Hoje eu me defino como uma mulher muito forte, muito mesmo, uma sobrevivente; uma mulher infinitamente melhor e mais consciente do que eu era em 2011; uma mulher que deseja com paixão mudar pelo menos um pouquinho o panorama da educação sexual no Brasil, em especial no que se refere ao consentimento sexual (NADIA LAPA, entrevista cedida por e-mail, 2016).

Entre as mudanças pelas qual Nádia passou, que podem ser observadas ao longo das postagens, as principais características do novo sujeito Nádia Lapa fazem menção justamente a como esta passa a enxergar o sexo e o âmbito da sexualidade humana como um todo. Já que antes, em 2011, ela apenas fazia sexo e hoje ela passa a problematiza-lo, “o que mudou foi que eu passei a pensar sobre o sexo. Antes eu fazia e observava meu comportamento sexual”, sendo ambos os comportamentos dois lados da mesma questão, portanto, necessários para seu processo de subjetivação. Questões que aliadas a todos os acontecimentos de sua vida durante o período de 2011 a 2014, a levaram a conhecer e se aproximar do feminismo, bem como desconstruir conceitos até então já estabelecidos. O que a mesma acredita ser fruto da influência do *blog* confessional em sua vida, destacando-o de fato como um dos mecanismos atuais de subjetivação dos sujeitos.

Claro que como toda mulher eu já havia encarado muita misoginia e tinha me posicionado de maneira feminista em diversas ocasiões. Mas eu não sabia o nome disso. Eu não tinha engajamento político. Eu não tinha conhecimento histórico além do que está bem na superfície. Esse engajamento deveria ter vindo antes. Veio depois dos 30, mas veio. E eu não consigo me enxergar mais sem ele. [...] Sem o blog, não haveria o feminismo. Sem o feminismo, não haveria educação sexual. Sem educação sexual, eu não enxergaria um futuro mais brilhante para as jovens mulheres (NADIA LAPA, entrevista cedida por e-mail, 2016).

Constata-se assim, a influência que as tecnologias da informação e comunicação por meio do ciberespaço, têm cada vez mais sobre os sujeitos contemporâneos, não apenas sendo utilizadas por estes para saciar suas vontades e necessidades, mas, ao mesmo tempo estabelecendo novas relações sociais e novos processos de subjetivação, nos quais o sujeito acaba não apenas espetacularizando sua vida, mas ao passo em que busca visibilidade, acaba por perceber-se enquanto sujeito de si mesmo, passando a se modelar e ser modelado pelo e no ambiente virtual, que agora mais do que um refúgio torna-se mais uma parte do seu mundo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da era moderna e por muito tempo o acesso à informação esteve diretamente ligado a questões financeiras, o que começa a mudar na medida em que as tecnologias de comunicação e informação vão avançando, até chegar aos dias atuais em que graças ao advento da internet, a informação está disponível a um número cada vez maior de pessoas espalhadas por todo o mundo. O que passa a intensificar diretamente a maneira como os sujeitos se relacionam e constroem sua subjetividade, tendo agora acesso a diferentes culturas e assuntos.

Com o advento da internet e o surgimento do ciberespaço enquanto ambiente virtual, surgem também novas formas de sociabilidades e práticas sociais alicerçadas numa cultura da rede, que passa a ser classificada sob o título de *cibercultura*. Entre as principais mudanças, os sujeitos passam a interagir de maneira virtual com seus semelhantes, por meio da criação dos diversos canais de interação social, entre os quais tem destaque o *youtube*, as redes sociais e os *blogs* confessionais. Nestes se é convidado a narrar a própria existência de maneira a dividir os gostos e opiniões pessoais com milhares de desconhecidos que estão navegando pela rede. O que, como foi observado, acaba por levar a uma atual problematização das esferas públicas e privadas, tendo em vista que o ciberespaço pode ser comparado a uma enorme praça pública em que os sujeitos por vezes expõem sua intimidade, tornando-a visível a todos que lá se encontram.

No decorrer da pesquisa atentamos para como essa recorrente exposição da intimidade, de maneira específica nos *blogs* confessionais, caminha para uma espetacularização dos sujeitos, visibilizando estes e suas vidas desde as questões mais comuns e triviais até as mais polêmicas. O que constatamos não poder ser compreendido apenas como um mero exibicionismo que os promove, o que de fato ocorre e torna-se uma forte característica de nossa época, mas para além disso faria parte de um novo mecanismo de constituição das subjetividades. Narrar a si frente às câmeras torna-se cada vez mais habitual na medida em que se estabelece como, “um arsenal de técnicas de estilização das experiências da vida e da própria personalidade” (SIBILIA, 2008, p. 50).

Técnicas estas que encontrariam suas raízes na antiguidade greco-romana por meio das “práticas de si”, as quais levavam os sujeitos a promover um cuidado consigo, por meio de mecanismos entre os quais destacamos: as escritas de si e o ato da confissão (FOUCAULT, 1985b), que agora na contemporaneidade são ressignificados ao atual panorama. Entendemos aqui a escrita de si, sobretudo nesse momento específico da história, como a prática que externa o movimento de introspecção e subjetivação, no entanto, talvez agora se estabelecendo por meio de um processo invertido, em que primeiro se expõe para depois refletir, sendo em um primeiro momento mais do que introspectivo, alterdirigido. Fato que como observado em nossa pesquisa, se dá por meio das redes sociais e dos diários íntimos *online*, também classificados como *blogs* confessionais, nos quais o assunto central seria a intimidade de seus autores/

narradores, o que ocorre em nosso *corpus* de análise, o *blog Cem Homens*.

Vale ressaltar que embora o fator principal para a constituição das subjetividades contemporâneas, a nosso ver, seja esse escrito íntimo advindo da prática de narrar a si mesmo – que reconfigura o antigo exercício de se manter um diário, chegamos à conclusão que o caráter intimista e pessoal dos novos diários íntimos mudou drasticamente, uma vez que deixou de ser produzido para si mesmo, sendo o outro agora o alvo principal e a visibilidade sua moeda de troca. O que antes era ligado à vida privada do indivíduo, como seus desejos, sentimentos e sexualidade, agora passa a estar à disposição de todos que acessam a rede (SIBILIA, 2007).

Fica claro então, o caráter de espetacularização da intimidade que as confissões dos sujeitos na rede passam a adquirir, sobretudo no *blog Cem Homens* que expõe não apenas um tema ainda tabu no meio social, que é o sexo, mas a maneira leve, sincera e “despudorada” com a qual a sexualidade da autora é por ela tratada. O que acaba por visibilizar questões emblemáticas como a da construção social de gênero, do machismo e o movimento de liberação sexual feminina. De maneira que tais confissões não apenas evidenciam o sujeito que as narra, mas o assunto que ali é tratado.

É importante ressaltar que no decorrer de nossa pesquisa achamos por bem dividir as análises em duas principais partes, atentando para como a subjetividade da autora parece mudar nos dois principais períodos do *blog*. O que seria resultado de um processo de subjetivação pelo qual Nádia começa a passar em 2011 e se apresenta aos leitores/seguidores em 2014. Processo este, fruto de suas próprias narrações e vivências que se dão por meio do *blog Cem Homens*, o qual a leva a se perceber e apresentar enquanto um novo sujeito.

No decorrer da pesquisa, sobretudo após a realização da entrevista e análise das duas principais fases do *blog*, torna-se visível que tal movimento de espetacularização por meio da escrita íntima de Nádia visibilizada através do *blog* confessional - que adquire caráter de diário íntimo *online*, seria em certa medida uma construção performática e estilizada do eu, na qual a subjetividade se apresenta num primeiro momento como uma versão alterdirigida ou, exteriorizada do eu (SIBILIA, 2008). No entanto, mais que isso, constatamos que embora em um primeiro momento a subjetividade se apresente como eu alterdirigido, posteriormente o sujeito perceber-se em um processo de subjetivação que o faz brotar como um novo sujeito, justamente através das imbricações criadas por si mesmo. Assim, o sujeito que se estetiza na rede ao se deparar e refletir sobre sua própria estilização e as consequências dessa na sua vida, começa a se perceber com novos gostos, interesses e vontades que passam a fazer parte da sua subjetividade, instituindo-se a partir de então enquanto um novo sujeito. Movimento que acontece com Nádia Lapa e com seu *blog*, como constatado em nossa análise.

Esta pesquisa deixa perceber que parte das recorrentes confissões *online* por meio de uma escrita íntima, que se expressa de formar a expor os sujeitos e suas subjetividades através dos inúmeros espaços de interação social espalhados pelo grande mundo de possibilidades que é o ciberespaço, não apenas seria uma forma de fazer do eu um show midiaticizado. Apesar da recorrente espetacularização da intimidade que de fato pode ser considerada como uma

das principais características de nossa época - em que a sociedade do espetáculo preconizada por Debord (2003) parece se consolidar, ocorre também o desenvolvimento de novos mecanismos de subjetivação, responsáveis por levar o sujeito atual a um processo de constituição de si por meio destes. O que embora, como afirma Sibilia (2008), não ocorra mais a partir de um processo puramente introspectivo, continua a ocorrer, levando os sujeitos contemporâneos a não apenas construírem a si mesmo com ênfase em se exporem, mas na medida em que se colocam em evidência passam a desenvolver práticas de cuidado de si que os insere em uma contínua relação consigo mesmos.

5 REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra Portella. **Mapeamento temático da história da cibercultura no Brasil**. In: anais do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, 2012.

AMARAL, A.; MONTARDO, S. **Pesquisa em cibercultura**: análise da produção brasileira da Intercom. Revista Logos. UERJ, Rio de Janeiro, vol. 18, no. 34, p. 102-116, jan./jul.2011. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/ojs/index.php/logos/article/view/1879>>.

AMARAL, Adriana. **Etnografia e pesquisa em cibercultura**: Limites e insuficiências metodológicas. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.

AMARAL, Adriana. **Autoetnografia e inserção online**: o papel do pesquisador insider nas subculturas da web. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, v. 11, p. 14-24, 2009.

AMARAL, Adriana; AQUINO, Maria Clara. **Eu recomendo... e etiqueto**. Práticas de folksonomia dos usuários no Last.fm. In: Revista Líbero, n.24, Ano XII, pp. 117-129, Dez. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/artcleee/view/6779/6122>>.

ARENDT, Hanna. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. - 10 ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2007.

BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências humanas e complexidades**: projetos, métodos e técnicas de pesquisa: o caos, a nova ciência/Rogério Lustosa Bastos. - 2.ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BATISTA, Patrícia Pereira. **Do Diário ao blog confessional**: continuidade ou o surgimento de uma nova prática?. II Seminário Interno PPGCOM. Rio de Janeiro/ RJ/ 4 a 5 de dezembro de 2008. Contemporânea. Edição Especial - vol. 6. Nº03.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a BenedPetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, S.: **Le deuxième sexe**, Gallimard, Paris, 1949. Apud. KOFES, Suely. categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções,conjunções e mediações. xviii reunião da associação brasileira de antropologia (aba), em belo horizonte, de 12 a 15 de abril, 1992.

BEAUVOIR. **O Segundo sexo**: a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. , 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, vol. 2, 1980.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política (v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BOLOGNE, Jean Claude. **História do pudor**. Tradução de Telma Costa. – Rio de Janeiro: Elfos. Ed.; Lisboa, Portugal: Teorema. 1990

BRAGA, Adriana. **Técnica etnográfica aplicada à comunicação online**: uma discussão metodológica. UNIrevista - Vol. 1, nº3 : (julho 2006). Disponível em: http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Braga.PDF.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010.

CÁCERES, Luis Jesús Galindo. **Técnicas de investigación em sociedad, cultura y comunicación**. México. CNCA/ Addison Wesley Longman, 1998.

CALLIGARIS, Contardo. **Verdades de autobiografias e diários íntimos**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 10, n.19, 1998, p. 83-103.

CARDOSO, Hélio Rabelo Jr. **Para que serve uma subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2005, 18 (3), pp. 229-000.

CORACINI, Maria José. **Discurso, sujeito e subjetividade**. In. Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas/ organizador João Bosco Cabral dos Santos – Uberlândia, EDUFU, 2009.

CORBIN, Alain; Perrot, Michelle. **“El secreto del individuo”**. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. História de la vida privada, v. 8. Madri: Taurus, 1991.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: Antropologia e literatura no século XX. Organização e revisão técnica, José Reginaldo Santos Gonçalves. 3. Ed. – Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2008.

DEBORD, Guy. **Sociedade do espetáculo**. Tradução: www.terravista.pt. Editoração eBooks-Barsil.com, 2003.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. s/d. [ed. original: 1972] **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim.

_____ 1996. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____ 1997. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Deleuze, G. (1972/2000). Michel Foucault. In G. Deleuze, Conversações (pp.105-147). Rio de Janeiro: Editora 34.

DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Trad. Edmundo Cordeiro. 2. Ed. Lisboa: Veja, 2005.

_____ **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. In. CORACINI, Maria José. Discurso, sujeito e subjetividade. In. Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas/ organizador João Bosco Cabral dos Santos – Uberlândia, EDUFU, 2009.

FISCHER, Michael. **Futuros antropológicos**: redefinindo a cultura na era tecnológica. Tradução: Luiz Fernando Dias Duarte e João de Azevedo e Dias Duarte. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. 2 ed., rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 273-295.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, -7ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 1a Ed. Martins Fontes - SP, 2004.

_____. **A ordem do discurso**. 7ª ed. Trad. Laura Fraga Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1995.

_____. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 13. Ed.

_____. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985 a.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque, revisão técnica de José Augusto Albuquerque. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1985 b.

_____. **Vigiar e punir: história das violências nas prisões**. Petrópolis: Vozes. 1984.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FRANK, A. **Diário de uma jovem**. 2 ed. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Mérito, 1958.

GAY, P. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**. Novos ensaios em antropologia interpretativa. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008. Tradução de: The interpretation of cultores.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GUATTARI, F. (1989/1999). **Da produção de subjetividade**. In A. Parente (Org.), Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual (pp. 177-191). Rio de Janeiro: Editora 34.

_____. (1992/2000). **Heterogênese**. In F. Guattari (Org.), Caosmose: um novo paradigma estético (pp. 11-95). São Paulo: Editora 34.

HABERMAS, Jürgen. **The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry a Category of Bourgeois Society**. Cambridge: Polity, 1989. In. THOMPSON, John B. *Fronteiras cambiantes da vida pública e privada*. Matrizes. Ano 4 - nº 1 jul/dez. São Paulo. 2010.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. **Da diáspora, Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARAWAY, Donna J. **Simians, ciborgs, and women**. *The reivention of nature*. Nova York: Routledge, 1991.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Construção de si, gênero e sexualidade”**, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.

_____. **“Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade”**. Cadernos Cepia nº 5, Gráfica JB, Rio de Janeiro, dezembro de 2002, p. 73-92 (apoio Fundação Ford e UNIFEM).

HINE, Chistine. **Etnografia Virtual**. E-book. London: Sage, 2000.

_____. **Virtual Ethnography**. London, Sage, 2000. In. AMARAL, Adriana. *Etnografia e pesquisa em cibercultura: Limites e insuficiências metodologicas*. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.

_____ (ed.). **Virtual Methods**. Oxford, Berg, 2005. In. AMARAL, Adriana. *Etnografia e pesquisa em cibercultura: Limites e insuficiências metodologicas*. REVISTA USP, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.

_____. **How can qualitative Internet Researchers define the boundaries of the project?** In: MARKHAN, Annete N.; BAYM, Nancy. *Internet inquiry. Conversatios about method*. Los Angeles: Sage, 2009, p.1-20. In: LIMA, Izaíra Thalita da Silva. *Índios digit@is: ciberativismo e elaborações indígenas na internet a partir dos portais indiosonline e indio educa*. UERN/BC. CDD 306.08981.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

JÁDER F. LEITE. **Mal-estar na psicologia: a insurreição da Subjetividade**. revista mal-estar e subjetividade / fortaleza / v. ii / n. 2 / p. 09 - 26 / set. 2002

KOZINETS, Robert. **The Field Behind the Screen: Using Netnography for Marketing Research in Online Communities**, 2002. In: POLIVANOV, Beatriz. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos*. Esferas, ano 2, nº3, julho a dezembro de 2013.

KOZINETS, Robert. **Netnography: Doing Ethnographic Research Online**. London: Sage, 2010. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

KOMESU, Fabiana. **Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet**. Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Organizado por Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

LAPA, Nadja. **Cem homens em um ano**. São Paulo: Matrix, 2012.

LAROSSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: Silva, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LIPOVETSKI, Giles. **A terceira mulher**: Permanência e evolução. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das letras 2000.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria Ator-Rede. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LEMOIS, André. (org.) Ciberidade II: Ciberube. A cidade na sociedade da informação. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

_____. Cibercultura e mobilidade: A era da conexão. In: **Comunicaciones Móviles**. Razon y palabra, n 41. México, out./nov. 2004.

_____. **A arte da vida**: diários pessoais e webcams na Internet. XI COMPÓS. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2002.

LEMOIS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010. (coleção Comunicação).

LEJEUNE, P. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Madrid: Megazul Endymion, 1994.

LÉVY, P. **La machine univers**: création, cognition et culture informatique. Paris: La Découverte, 1987.

_____. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996. 8. Reimpr., 2007. (coleção TRANS).

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999. (coleção TRANS).

_____. **Cibercultura**. São Paulo : Editora 34, 2000.

LEWGOY, Bernardo. **A invenção da (ciber)cultura**: Virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço. Civitas, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 185-196, maio-ago. 2009.

LIMA, Izaíra Thalita da Silva. Índios digit@is: ciberativismo e elaborações indígenas na internet a partir dos portais indiosonline e índio educa. UERN/BC. CDD 306.08981.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia de letras, 1989.

_____. **A terceira mulher**. Permanência e evolução. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: companhia das letras 2000.

MACIEL, Sheila Dias. **A literatura e os gêneros confessionais**. In: MACIEL & BELON. Em diálogo: estudos literários e lingüísticos. Campo Grande: Editora da UFMS, 2004. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br>.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

MITSUISHI, Yara. **Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual**. In: RIBEIRO, J.; BAIRON, S. (Orgs.). *Antropologia Visual e Hipermissão*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

MOCELLIM, Allan. **A questão da identidade em Giddens e Bauman**. In. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. Vol. 5. 1. Agosto/dezembro/2008. ISSN 1806-5023.

MONTARDO, Sandra., PASSERINO, Liliana. **Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações**. In *Revista Novas Tecnologias na Educação*, v.4 n.2, CINTED-UFRGS, Dez. 2006.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (understanding media). São Paulo: Cultrix, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral**. Org. e trad. Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2007.

_____. **Ecce homo: como se chega a ser o que é**. Trad. Artur Mourão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. (Coleção Textos Clássicos de Filosofia).

OLIVEIRA, M. **A onda agora é contar a vid@ na internet**. Tudo. São Paulo: Abril, 9 de agosto de 2002a . p.20-21.

OLIVEIRA, Pâmella Rochelle R. D. Oliveira; NOGUEIRA, Maria Adriana; OLIVEIRA, Geilson Fernandes. **O eu no contemporâneo: O privado e o público transformados em espaço comum através dos diários íntimos**. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife- PE, 2012.

OLIVEIRA, R. Cardoso. **Ensaaios antropológicos sobre moral e ética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

OLIVEIRA, Rosa M. C. **Diários públicos, mundos privados: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado, UFBA, 2002b.

PIENIZ, Mônica. **Novas configurações metodológicas e espaciais: etnografia do concreto à etnografia do virtual**. *Revista Elementa. Comunicação e Cultura*. Sorocaba, v.1, n.2, jul/dez 2009.

POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos**. *Esferas*, ano 2, nº3, julho a dezembro de 2013.

RIBEIRO, M.O. **A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem**. *Rev. Esc. Enf. USP*, v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

ROCHA, Ana Luiza da; Erckert, Cornelia. **Etnografia: Saberes e Práticas**. In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura**: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.

RUDIGER, Francisco. **Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. 14(2): 155-163 maio/agosto 2012.

SAMAIN, Etienne. **Ver e dizer na tradição etnográfica**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na Internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica**. 2003. Disponível em: <<http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2003/GT12TB6.PDF>>

_____. **A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003b. [cd-rom].

_____. **O show da vida íntima na internet: blogs, fotologs, videologs, orkut e webcams**. In: CAIAFA, Janice; ELHAJJI, Mohammed. (Org.). Comunicação e Sociabilidade: cenários contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 181-199.

_____. **A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado**. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom].

SILVA, Josimere Maria da. **Escritas de si, memória e testemunho em Margens das lembranças de Hermelino Borba Filho**. UEPB. 21. ed. CDD 801.95.

TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Organização e tradução Tomaz Tadeu – 2. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. **Escritura autobiográfica e construção da subjetividade**. Psicologia USP, 2003, vol. 14, Nº 1, 37-64.

TEIXEIRA, Marcelo Mendonça. **A cibercultura na educação**. Revista Patio: A Educação pode salvar o Brasil?. Edição 67/2013NUMERO 67, AGOSTO DE 2013. Disponível em: <<https://www.grupoa.com.br/revista-patio/artigo/9258/a-cibercultura-na-educacao.aspx>>.

TURKLE, Sherry. **La vida em la pantalla**. Barcelona, Espana: Paidós, 1995. In: RUDIGER, Francisco. Sherry Turkle, percurso e desafios da etnografia virtual. Revista Fronteiras – estudos midiáticos. 14(2): 155-163 maio/agosto 2012.

TURKLE, Sherry. **Alone Together**. Why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

THOMPSON, John B. **Fronteiras cambiantes da vida pública e privada**. Matrizes. Ano 4 - nº 1 jul/dez. São Paulo. 2010.

WOODWARD, Kathryn, **Identidade e diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Sítios Eletrônicos:

<www.cemhomens.com>

Vídeos:

LAPA, Nadia. **De frente com Gabi**. São Paulo. 31 de maio de 2013. Entrevista concedida a Marília Gabriella Baston de Toledo. <<https://www.youtube.com/watch?v=xpyiYYN7A1o>>.

